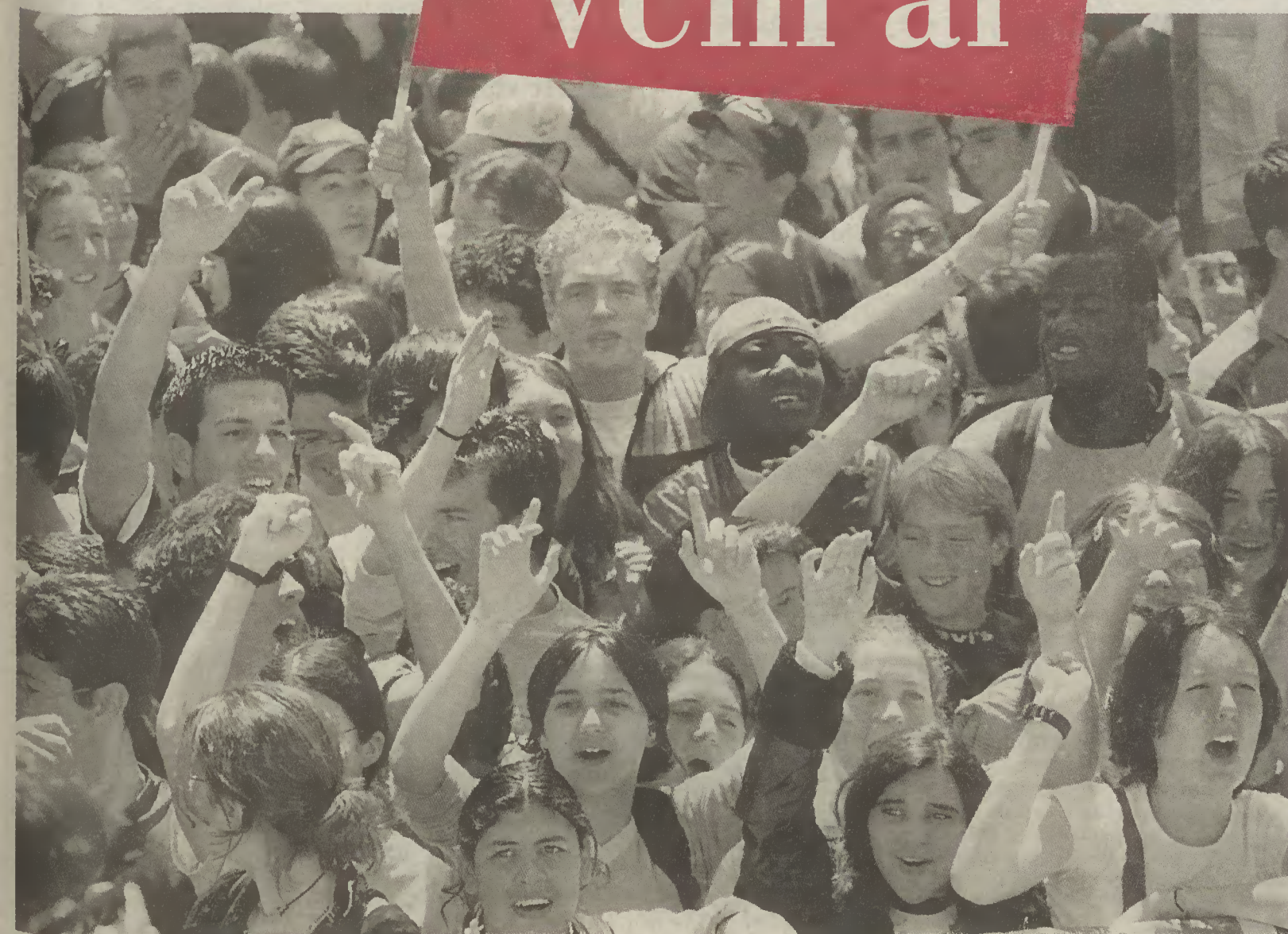


Perspectivas para o próximo ano lectivo

A luta vem aí



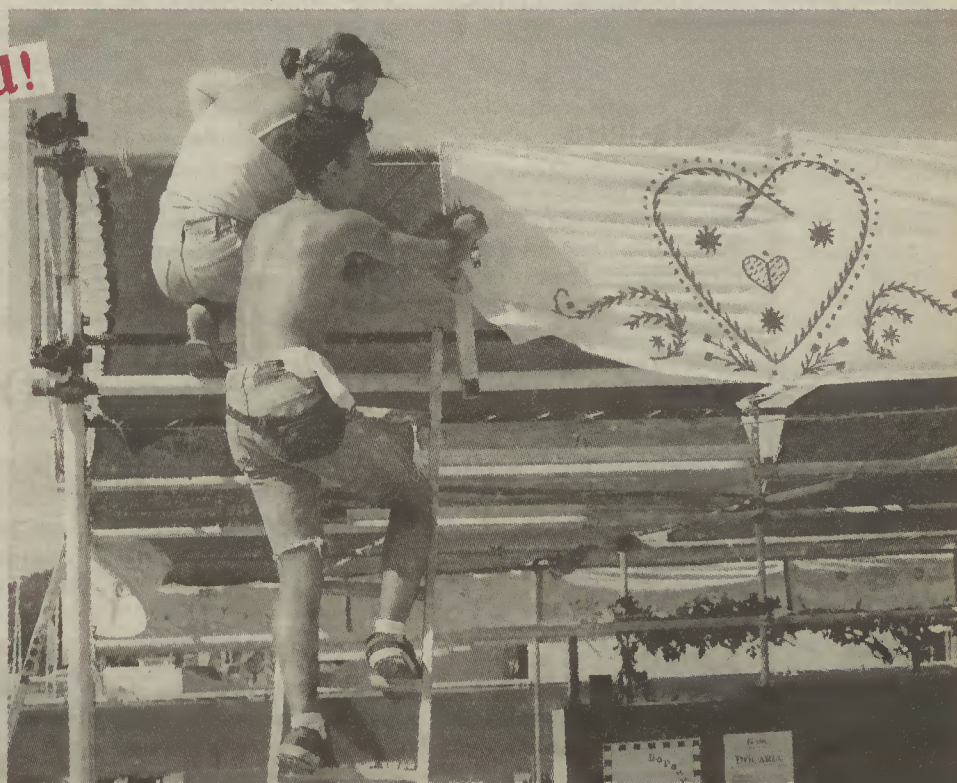
A abertura do próximo ano lectivo «decorrerá com tranquilidade», diz o ministro da Educação. Prognóstico arriscado, depois de um ano de intensas lutas e num momento em que são muitos os problemas pendentes e escassos os pontos de acordo. Na crítica ao que é hoje o ensino confluem estudantes e professores.

Págs. 5 e 6

O País constrói-se na Atalaia

na festa!
Págs. 13 a 18

- Organizações regionais • Espaço JCP
- Corrida da Festa • Arte de Transformar



«Degradação propositada»

Menos comboios à noite

A CP decidiu suprimir várias composições no horário nocturno, nas linhas de Azambuja, Cascais e Sintra, prejudicando os trabalhadores que laboram por turnos. A USL/CGTP exigiu a reposição dos comboios eliminados.

Pág. 7

Venezuela

A revolução defende-se!

A comunicação social dominada (que gosta de chamar-se dominante...) procura desvalorizar e caricaturar a situação na Venezuela, esforçando-se por nos vender a revolução venezuelana como uma aventura populista.

Manuel Gouveia

Pág. 23

Regionais nos Açores

CDU apresenta listas

A CDU apresentou publicamente a sua lista concorrente no Faial. José Decq Mota, primeiro candidato, apontou como objectivo destacado da Coligação nas eleições regionais a defesa dos verdadeiros interesses do Faial.

Pág. 8

Avante!
Proletários de todos os países
UNITE-VOS!

PROPRIEDADE
Partido Comunista Português
R. Soeiro Pereira Gomes, 3
1600 - 196 Lisboa
Tel. 21 781 38 00

ADMINISTRAÇÃO
Editorial «Avante!», SA
Av. Almirante Reis, 90,
7.º-A, - 1169-161 Lisboa.
Capital social:
15 000 000\$00.
CRC matrícula: 47058.
NIF - 500 090 440

DIREÇÃO E REDACÇÃO
R. Soeiro Pereira Gomes, 3
1600 - 196 Lisboa
Tel. 21 781 71 90/91
Fax: 21 781 71 93
E-mail:
avante.pcp@mail.telepac.pt
Web:
http://www.pcp.pt

Director
José Casanova

Chefe de Redacção
Leandro Martins

Chefe Adjunto
Anabela Fino

Redactores
Carlos Nabais
Domingos Mealha
Henrique Custódio
Isabel Araújo Branco
João Chasqueira
Lúcia Calapez
Manuel Jorge Veloso
Margarida Folque

Grafismo
José Araújo

Fotografia
Jorge Caria
Sérgio Morais

Secretaria da Redacção
Ivone Dias Lourenço
Noémia Presúncia

DISTRIBUIÇÃO
DISTRIBUIÇÃO ADE'S
Editorial Avante!
Av. Gago Coutinho, 121,
1700 Lisboa
Tel. 218 429 836

Alterações de remessa
Até às 17 horas
de cada sexta-feira:
Tel. 218 429 836

DISTRIBUIÇÃO COMERCIAL
DELTA PRESS
Delegação Lisboa:
Tapada Nova - Capa Rota
Linhó - 2710 Sintra
Tel. 21 924 04 47
Delegação Norte:
Zona Industrial da Maia
Sector IX
Rua B Lt. 227 - 4470 Maia
Tel. 22 941 76 70

ASSINATURAS
Av. Gago Coutinho, 121,
1700 Lisboa
Tel. 218 429 836

TABELA DE ASSINATURAS*
(IVA e portes incluídos)

PORTUGAL
(Continente e Regiões
Autónomas)

50 números: 8 100\$00
25 números: 4 200\$00

EUROPA

50 números: 21 850\$00

EXTRA-EUROPA

50 números: 30 600\$00

GUINÉ-BISSAU,
S. TOMÉ E PRÍNCIPE
e MACAU

50 números: 23 000\$00

*Enviar para
Editorial «Avante!»
nome, morada
com código Postal
e telefone
acompanhar cheque
ou vale de correio.

Composição e impressão
Heska Portuguesa, SA
Campo Raso
2710 - 139 Sintra
Depósito legal n.º 205/85



ETA, mais um assassinio

Resumo

2 Quarta-feira

O Sindicato dos Quadros Técnicos do Estado acusa o Governo de discriminação dos funcionários públicos ao conceder isenção de custos judiciais apenas aos «patrões» da Função Pública ● Em Israel o Knesset (parlamento) aprova por maioria absoluta uma proposta de dissolução da câmara e antecipação de eleições ● Convocada pelo Congresso dos Sindicatos do Zimbabwe (ZCTU), uma greve de 24 horas de protesto pelas ocupações de terras e desrespeito pela lei e a ordem paralisa parte deste país ● Um grupo de jovens nigerianos armados rapta 165 trabalhadores da companhia petrolífera Shell, exigindo assim a sua contratação por parte desta empresa.

3 Quinta-feira

A JS/Madeira acusa Alberto João Jardim de ignorar o problema da droga na Madeira ● A Rede Anti-Racista acusa a companhia de seguros Império de «indignidade» ao obrigar uma cliente angolana a assinar um documento onde declarava que «por sua honra» não era membro da UNITA ● O Conselho de Segurança das Nações Unidas apela ao governo indonésio para que desarme e desarticule as milícias que provocaram a morte de um capacete-azul neozelandês em Timor Leste ● Naturais de países africanos refugiados em Moçambique manifestam-se em Maputo, exigindo ao executivo de Chissano o direito ao emprego e inserção social.

4 Sexta-feira

Devido a não haver consenso nas negociações com a administração, o Sindicato dos Maquinistas marca uma greve na CP em Agosto e Setembro ● O Serviço de Estrangeiros e Fronteiras detém 30 mulheres do Leste da Europa e América Latina no Minho, descobrindo assim uma rede de prostituição a actuar no Norte do País ● Nelson Mandela rejeita o pedido de Yasser Arafat para servir de mediador do processo de paz no Médio Oriente.

5 Sábado

Os pilotos da companhia aérea Portugalia anunciam uma paralisação para o fim-de-semana de 11 a 14 de Agosto exigindo melhores condições de trabalho ● Quatro dias de grandes enxurradas em Palmareis (Brasil) provocam mais de 60 mortos; o Estado brasileiro estima os prejuízos em mais de 12 milhões de contos ● Pela primeira vez desde a revolução islâmica em 1979 uma mulher é nomeada para um

cargo político no Irão, ao ser eleita vice-presidente de uma região.

6 Domingo

Alberto João Jardim, num encontro com Jorge Sampaio, muda de opinião em relação ao diploma sobre a descriminalização do consumo de drogas e defende que o Presidente da República deve promover um referendo sobre o assunto ● Registam-se mais dois incidentes na fronteira ocidental de Timor, onde informações de terem entrado no território 300 homens armados coloca a força de paz da ONU em estado de alerta ● Um atentado à bomba no Daguestão mata duas mulheres ● O Japão comemora o 55.º aniversário do lançamento da bomba atómica sobre Hiroxima por parte dos Estados Unidos, recordando as 5021 pessoas que morreram ainda este ano devido às radiações da bomba ● Termina na Zambujeira o maior festival de música já visto em Portugal, que acolheu cerca de 40 mil pessoas.

7 Segunda-feira

Ferreira Torres, presidente da Câmara de Marco de Canaveses, acusa o PS e o «lobby Lusomundo» de cabala política, ao mesmo tempo que enfrenta uma acção de perda de mandato apresentada pelo Ministério Público ● O Banco de Portugal desmente Pina Moura e afirma que a inflação irá ser maior que 2,1 por cento ● Abdurrahman Wahid, presidente indonésio, anuncia a constituição de um novo governo para o país, pedindo desculpas ao parlamento pelo fracasso do último executivo por si nomeado ● Um avião ligeiro que participava no combate às chamadas em Miranda do Corvo cai matando o piloto e único passageiro.

8 Terça-feira

O incêndio de Miranda do Corvo atinge quatro casas e continua a ameaçar as populações da zona, que ficam isoladas e sem telefone ● Um assassinio, um atentado à bomba e uma explosão de um carro, todos atribuídos à ETA, vitimam cinco pessoas e ferem outras onze em Espanha, sendo quatro das vítimas mortais membros da própria organização ● Um outro atentado em Moscovo vitima oito pessoas e fere outras 53, tragédia que as autoridades pensam poder ser da autoria dos rebeldes tchechenos ● A Frente de Libertação do Enclave de Cabinda (FLEC/FAC) ameaça matar três portugueses raptados em Maio passado caso as autoridades angolanas «não parem de bombardear» as suas posições.

Aconteceu

Convívio com Mário Castrim

Assinalando a passagem do 80.º aniversário do nosso camarada e amigo (e o mais regular colaborador que ao longo de muitos anos e semanalmente vem enriquecendo as nossas páginas com os seus

versos e crónicas), a redacção do «Avante!», participou num almoço-convívio com Mário Castrim. O almoço, que teve lugar num restaurante perto da Soeiro Pereira Gomes e em que participou, além do di-



rector do nosso jornal, José Casanova, e do colectivo da redacção, contou ainda com a presença da escritora Alice Vieira, companheira de Castrim, do

crítico de televisão Correia da Fonseca e do nosso cartoonista, Monginho. Não houve discursos mas o fraternal convívio sublinhou a amizade que une

os membros da redacção e os seus mais próximos colaboradores ao escritor, poeta e crítico e a vontade de contar com ele por muitos mais anos.

Cheias no Brasil

O Nordeste brasileiro, região de excessos, foi agora devastado por quatro dias de chuvas torrenciais que provocaram gigantescas cheias. A cidade de Palmareis foi uma das mais atingidas pela catástrofe, que deixou um verdadeiro rasto de morte e destruição a que vem juntar-se o perigo de epidemias. No princípio da semana, o balanço das cheias apontava para mais de ses-

senta mortos e mais de 110 mil desalojados na região. O exército brasileiro foi chamado a prestar assistência na zona, tendo-se encarregado de uma campanha de vacinação contra as possíveis epidemias que ameaçam milhares de pessoas obrigadas a viver sem condições de higiene e à mercê das doenças causadas pelas águas estagnadas.

Incêndios em Portugal

Em Portugal são de grande envergadura registados neste Verão de calor intenso. Ao

centro, os primeiros de grande envergadura registados neste Verão de calor intenso. Ao

calor têm sido atribuídos, mas também correm rastos de fogo posto em

reacendimentos que se têm verificado em áreas onde não seriam de prevenir. Em Góis já arderam 6 mil hectares de floresta. No incêndio registado em Miranda do Corvo, um acidente com o aerotanque que apoiava os bombeiros e que provocou o seu despenhamento, causou a morte do piloto. O combate à vaga de incêndios na região tem concentrado os esforços de muitas corporações de bombeiros idos de todo o País.

O fogo que alastrou no concelho de Miranda do Corvo mobilizou 90 homens, 17 viaturas, 4 helicópteros e 3 aerotanques. O de Góis reuniu 150 bombeiros, num incêndio cuja amplitude na região não se registava desde 1992. Entretanto, no distrito de Viseu deflagraram em meia hora nada menos de 7 fogos na passada segunda-feira, em consequência da queda de foguetes usados nas festas populares.



Gamito vence a Volta

Pela primeira vez desde há cinco anos, a Volta a Portugal em bicicleta foi ganha por um português. Vítor Gamito, de 30 anos, que há sete perseguia o primeiro lugar e por quatro vezes terminara em segundo,

conseguiu desta feita a proeza, colocando-se à frente de um pelotão de 180 atletas que percorreram o País por montes e vales. O melhor tempo final pertenceu ao ciclista da Porta da Ravessa. Vítor Gamito, que

vinha à frente na classificação nas últimas cinco etapas, envergando a camisola amarela ganhou a Volta, mas não a última etapa, de 174,4 quilómetros, entre Évora e Lisboa vencida pelo lituano Sarkauskas.

Orelhas a arder

Pela primeira vez, um órgão de soberania vem a público criticar não apenas os desmandos verbais de Alberto João Jardim, mas, o mais importante, tomar posição contra a atitude política do Presidente do Governo Regional da Madeira. O Presidente da República, Jorge Sampaio, em declarações à imprensa, fez questão de afirmar que as leis são para cumprir em todo o território nacional. Jorge Sampaio comentou no passado sábado, em Portimão, «os excessos de linguagem, muito infelizes» de Alberto João a propósito da lei sobre a descriminalização do consumo da droga, que o PR devolveu à Assembleia da República por não ter havido consulta às Regiões Autónomas, sublinhou que «a lei em causa é uma lei da República e que se destina a ser aplicada em todo o território nacional. Assegurar isso mesmo», disse ainda o PR, «é a minha função, como garante do regular funcionamento das instituições».

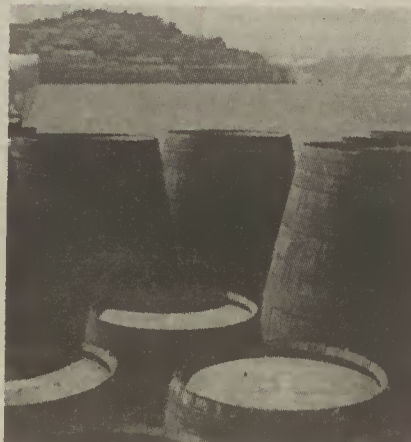


O Porto da discórdia

Boas notícias para a produção, más para os produtores? É o que parece ter acontecido na região do Douro, onde se estima uma produção de 152,5 mil

pipas de vinho do Porto, superior em 7,5 à do ano passado. Este quantitativo autorizado pela Comissão Interprofissional da Região Demarcada do Douro

não agrada nem aos produtores nem aos comerciantes. Os primeiros a defenderem uma diminuição que se aproximasse à quebra da colheita; os segundos manifestando-se por um aumento do benefício que lhes pudesse permitir satisfazer as perspectivas de comercialização.



Crónica Internacional

• Carlos Aboim Inglez

Iraque Guerra de 10 anos

A 2 de Agosto de 1990, as tropas do Iraque invadiram o Kuwait. O Conselho de Segurança da ONU condenou de imediato e exigiu a saída total das tropas, decretando ainda o embargo comercial, financeiro e militar. Logo a 8 de Agosto desembarcaram tropas dos EUA na Arábia Saudita. Os EUA conseguem organizar uma ampla coligação que lança a 17 de Fevereiro de 1991 o ataque aéreo e dois dias depois o ataque terrestre; é a hipermediatizada operação *Tempestade do Deserto* que, rapidamente, obriga à evacuação total do Kuwait pelo Iraque a 27/2/91. Foi a *Guerra do Golfo*. Aquela em que, pela voz de Bush, os EUA proclamaram o advento da "Nova Ordem Mundial". A verdade é que a guerra contra o Iraque ainda não terminou, e a desordem pelo mundo alastrou.

Não é caso aqui de escarpelizar os antecedentes (como o apoio massivo dos EUA e das "petromonarquias" do Golfo a Saddam na Guerra de 1980-88 contra o Irão; ou a imensa dívida ao Kuwait, um dos seus principais financiadores, com que o Iraque exangue saiu daquela guerra; ou a "luz verde" "armadilha que os EUA terão dado", a 25/7/90, à aventura de Saddam no Kuwait pouco dias depois, etc., etc.). É hoje de um generalizado entendimento que para os EUA a invasão do Kuwait foi a ocasião / pretexto para, nessa viragem da situação internacional e quando a URSS estava já em agonia, afirmar-se *urbi et orbi* doravante como a única superpotência com ambição e meios

de impor uma "Nova Ordem", a sua, a todo o mundo. E também para se instalarem de armas e bagagens, pessoalmente e *in loco*, nessa zona vital do petróleo do Médio Oriente.

Há mais de 9 anos que o exército iraquiano evacuou totalmente o Kuwait. Anos de investigações no Iraque de centenas de inspectores da UNSCOM há muito (inclusive pela voz do oficial americano Scott Ritter que a comandou) concluíram que o Iraque já não constituía perigo para a região e o mundo. Mas os EUA e a Grã-Bretanha, seu fiel buldogue, sabotam e impedem qualquer alívio da

situação. EUA e Grã-Bretanha decidiram, unilateralmente e sem aval da ONU, impor ao Iraque "zonas interditas a voo" - e assim ilegalmente a sua aviação tem bombardeado continuamente essa zonas do Iraque: só desde Dezembro de 98 já fizeram mais de 27000 surtidas e lançaram mais de 1600 bombas. O levantamento das sanções foi sabotado pelos falsos relatórios e provocações dos agentes da CIA infiltrados na UNSCOM. E quando a ONU decidiu implementar o programa "petróleo por alimentos", para aliviar o sofrimento do povo iraquiano, os "administradores" (com o uso do veto pelos EUA e Grã-Bretanha) têm-no reduzido a ínfimas quantidades. Os próprios coordenadores, o americano Dennis Halliday em 1998 e já este ano o alemão Von Sponek, indignados com as sabotagens ao seu trabalho humanitário, demitiram-se. Como em protesto se demitiu em Fevereiro passado o responsável local pelo Programa Alimentar Mundial, Sr. Jutta Purgahit. A "ajuda" é a conta-gotas e submetida a tais arbitrariedades e demoras que é apenas uma capa para prosseguir as sanções. A própria Cruz Vermelha Internacional, denunciando as grandes carências de alimentos, medicamentos e água potável, afirma que mesmo que as sanções fossem totalmente levantadas "levaria muitos anos para o país regressar aos níveis que tinha antes da guerra". Entretanto, o genocídio do povo iraquiano prossegue e a própria UNICEF calcula que as sanções já levaram à morte de mais de 500.000 crianças no Iraque.

Até quando os compassivos dos EUA e a blairista Grã-Bretanha podem continuar a impor esta guerra silenciosa que constitui um verdadeiro genocídio do povo iraquiano? Os que andam sempre com o "humanitário" na boca - até quando continuarão a ser cúmplices? Nada justifica a manutenção das sanções. Os povos - e o povo português - devem impor aos seus governos - ao governo português - que actuem na ONU para pôr fim imediato a esta criminoso guerra de 10 anos. Que mata inocentes no Iraque e nos ameaça a todos nós.

Editorial

QUANDO O TELEFONE TOCA

Durante séculos, gerações sucessivas de seres humanos, através de persistentes, constantes e corajosas lutas, alcançaram importantes conquistas sociais, políticas, culturais. E é negável que o triunfo dos ideais de liberdade e de justiça social da Revolução de Outubro, com as suas repercussões à escala planetária e mostrando uma nesga do Futuro possível, constituiu o momento mais alto dessas conquistas e traduziu-se em notáveis avanços civilizacionais, em significativos passos em frente na melhoria das condições de vida e de trabalho não só dos povos e dos trabalhadores da União Soviética mas de todo o Mundo.

E se, como é sabido, a derrota do socialismo no Leste da Europa está, em grande medida, ligada ao afastamento e afrontamento desses ideais, a dado momento, por parte dos partidos então no Poder, é igualmente evidente que os retrocessos do Mundo actual são consequência directa dessa derrota. De facto, entre as múltiplas e trágicas consequências da derrota do socialismo, avulta o facto de o sistema capitalista ter ficado com o caminho livre para dar expressão à sua natureza de classe exploradora e opres-

original criação - gerada pelo casamento da Zanussi com a Electrolux - deu à luz e apresentou ao respeitável público «um novo tipo de trabalhador», ao qual foi dado o nome de «chamado».

É neste tom displicente, em jeito de crónica mundana, que uma deslumbrada cronista nos informa que o inovador contrato constitui «um passo em frente em Itália no que diz respeito a uma maior flexibilidade contratual e salarial», ou, dito de outra forma mas sempre com notável sensibilidade social: «a Electrolux - Zanussi dá cartas na flexibilidade laboral». O novo «contrato de trabalho» reveste-se de características muito peculiares: ele «possibilita que os trabalhadores fiquem em casa, tranquilos, vejam televisão, brinquem com os filhos, façam compras»... até que o telefone toque... exactamente: até que o telefone toque e os chame (daí o nome de «chamados») quando houver trabalho. Até ao momento em que são chamados - e são-no sempre com um mínimo de três dias de antecedência - os trabalhadores estão em regime de «disponibilidade permanente».

É claro que «no período em que não trabalha, o trabalhador *on call* - "à espera de um telefonema" - limita-se a estar numa lista de espera, sem retribuição ou qualquer tipo de compensação económica». Mas - escusado seria dizê-lo tratando-se de um país regido por um sistema eminentemente democrático e que tem como pilares básicos o pluripartidarismo, o sufrágio universal, enfim, os direitos humanos - esses trabalhadores, «quando estão à espera da chamada telefónica», gozam de plena liberdade podendo, inclusive, atender outros telefonemas e eventualmente trabalhar noutras empresas. Na óptica da assombrada cronista, estes trabalhadores, para além das enormes benesses acima referidas, beneficiam ainda da enorme vantagem de não terem quaisquer «obrigações sindicais»...

Com tudo isto, informa a solícita cronista, «o grupo Zanussi-Electrolux, com 20 fábricas em Itália e pelo menos 12 mil empregados», confirma-se como autêntica «vanguarda da contratação». Óbvio.

Sinais do tempo que vivemos: este «novo contrato de trabalho» modelador de um «novo tipo de trabalhador» e a forma como ele nos é apresentado: é o trabalho à inteira disposição dos interesses do capital, é o trabalhador condenado a um isolamento anti-social que fragiliza a sua capacidade reivindicativa e o torna indefeso face à gula exploradora do grande patronato; e é tudo isto anunciado entusiástica e exuberantemente como a novidade, a vanguarda, o supra-sumo da modernidade - é, ao fim e ao cabo, a exposição flagrante e ostensiva da essência do capitalismo dominante, profundamente retrógrado mas envolto num manto de desenvolvimento e de progresso, intrinsecamente violador dos mais elementares direitos humanos mas mascarado de expressão máxima da democracia. Contra o qual se movimentam milhões de homens, mulheres e jovens conscientes do seu papel transformador e, por isso, garantes sólidos de que a luta continua. Mesmo quando o telefone toca.

“Eis a exposição flagrante e ostensiva da essência do capitalismo dominante.”

sora. E todos os dias vemos exemplos concretos de como o capitalismo trilha esse caminho e da arrogância com que o faz.

Por isso, o tempo que vivemos ficará impressionantemente marcado na História como um tempo de profundas regressões civilizacionais, de acentuados recuos em matéria de liberdades, direitos e garantias dos trabalhadores e dos cidadãos, de agravamento brutal e hipócrita da exploração da maioria por uma pequena minoria. Mas, porque o Homem não desiste do Futuro, este tempo ficará igualmente marcado pela determinação resistente de milhões e milhões de seres humanos que, conscientes do quadro complexo e difícil em que actuam e afirmam a sua condição humana, não desistem de lutar pelos seus direitos e de, com confiança, contrapor à desumanizada sociedade capitalista uma sociedade livre de todas as formas de opressão e exploração. Trata-se de uma luta particularmente difícil e que todos os dias é confrontada com novos métodos de exploração que os transmissores da ideologia dominante apresentam como exemplos de «modernidade». Por vezes com uma desfaçatez e desvergonha inauditas.

Tomemos um exemplo concreto: segundo notícia acabada de chegar de Itália, a indústria daquele país «lançou uma nova moda, não de confecção de modelos ou *design*, mas no tipo de contratos de trabalho». A

Actual Grau zero de seriedade

• José Casanova

É público e notório o deslizar acen- tuado de Eduardo Prado Coelho (EPC) para o pantanoso espaço de refe- rências éticas dominante e que pode resu- mir-se no prosaico e popular «vale tudo».

Lemo-lo, não há muito tempo, criti- cando os jornalistas por darem desta- que ao relatório sobre a calamitosa gestão da Expo-98, acusando-os de agirem assim por não terem mais notí- cias para publicar e asseverando, de dedo em riste, que as denúncias públicas de tais situações são negati- vas porque deixam «sempre no ar um clima de suspeita» e, com isso, «perde a democracia, perde o jornalismo e perdem as grandes iniciativas» - o que, por antítese, nos empurra para a conclusão de que a «democracia», o «jornalismo» e «as grandes iniciati- vas» só ganham com a ocultação das fraudes, da falta de transparência e dos actos de natureza criminal.

É essa mesmíssima linha de pensa-

mento que EPC percorre na abordagem da questão dos «concursos públicos» - os tais que foram instituídos para combater o nepotismo e o compadrio e que, concre- tizados em 15 delegações regionais do IPJ, se saldaram pela vitória, em 14 delas, de membros do PS... porque no 15.º caso não houve concorrente rosa. Neste caso, EPC sustentou a sua acalorada defesa do compadrio com um argumento demolidor. Diz ele que «num mundo racionalmente perfeito» a seriedade e a transparência seriam exigíveis. «Só que não vivemos num mundo perfeito», ensina EPC, «por isso deixemo-nos de hipocrisias» e viva a golpaça. E é partindo desta pragmática visão das coisas que EPC reduz ao grau zero a seriedade que deverá presidir à realização dos concursos públicos. E fá-lo fulminante, em três tempos, assim: «é perfeitamente normal que as pessoas gostem de trabalhar com equipas que escolhem e em quem confiam»; uma pessoa que já exerceu o lugar que está a concu-

so deve ter prioridade em relação a qualquer outro concorrente quanto mais não seja «para não trocar o certo pelo incer- to»; por isso há que «configurar o concu- so para esse lugar em função de quem já o exerce». Nem mais.

Aos que contestam esses critérios e os qualificam de fraudulentos e hipócritas, EPC chama «demagogos de profissão», transmissores «da denúncia indignada que corresponde muitas vezes ao confortá- vel grau zero da experiência e da reflex- ão». E se alguém disser a EPC que os seus critérios na matéria correspondem ao grau zero da seriedade e da transparência, ele sorrirá aquele seu sorriso enigmático, assim como quem diz: «pois é, não vivemos num mundo perfeito».



Repita-se até cansar

• Vítor Dias

Um cartaz gritando «Droga? - exija o referendo» aí está a mostrar que o PSD persiste numa linha de total falsificação, demagogia e alarmismo em relação à lei aprova- da na AR sobre toxicod dependência.

Com efeito, um tal cartaz - muito negro, como lhes convém - ilustra bem que, tal como aconteceu no referendo de Junho de 98 em que, sem escrúpulos, fizeram crer que se tratava de ser a favor ou contra «o aborto» (e não a despenalização do aborto), o PSD espalha mentirosamente que agora a questão seria ser a favor ou contra «a droga».

Repita-se então até cansar que a nova lei, fora de qualquer laxismo mas no pressuposto básico de que o consumidor de drogas deve ser visto como um doente e não como um criminoso, deixou de consi- derar esse consumo (atenção, é o consumo, não o tráfico!) como crime e de para ele prever a aplicação de penas de prisão.

Repita-se até cansar que não foi aprovada nenhuma «liberalização das drogas» nem nenhuma legalização do comércio de drogas leves como propunha a JSD.

Repita-se até cansar que despenalizado (ou descrimina- lizado) o consumo, obviamente que continuam a ser quali- ficadas como crimes e legalmente sancionáveis com penas de prisão as violações da lei (nomeadamente assaltos, roubos, etc.) que sejam praticadas por toxicod dependentes.

Repita-se até cansar que, propondo e votando esta mudança

legal, o PCP apresentou um conjunto de propostas centradas sobretudo no alargamento da rede pública para o tratamento e a reinserção social de toxicod dependentes e o fortalecimento das medidas de prevenção primária.

E é por ser assim que já desafiámos Durão Barroso e outros responsáveis do PSD a que, de olhos nos olhos, nos dissessem se acham que, caso algum juiz resolvesse ser mais rígido na aplicação da anterior lei, o bom lugar para os seus filhos ou outros familiares que viessem a cair na dependência do consumo de drogas seria cumprindo pena nessas universidades do crime e infer- nos da toxicod dependência e da sida que, em boa parte, as cadeias são.

Durão Barroso e Paulo Portas sabem tão bem como nós a verdade sobre a lei aprovada na AR, e só falam como falam porque acham politicamente rendoso explo- rar a falta de informação de muitos portugueses. E também por- que têm a esperança que o compreensivelmente difícil convívio de muitos cidadãos com as múltiplas sequelas da toxicod dependência na vida social, e por vezes até o sofrimento pessoal- mente vivido, sejam maus conselheiros.

Mas aí de quem se iludir pensando que as desgraças sempre só acontecem aos outros e, mais ainda, aí de quem cair na insensibilidade desejar para os filhos ou demais familiares de outros o que, entrando o drama pela porta dentro, não desejaria para os seus.



Catástrofes

• Leandro Martins

Quando a política à portuguesa - ou a aparência dela - falta ao quotidiano da informação em geral, com os órgãos de soberania mais ou menos de férias ou ao fogo brando dos calores de Verão, os jornais e demais comunicações parecem ficar sem a matéria-prima (prima às vezes muito afastada) de que se alimentam e com que pretendem empanurrar o cliente. Volta-se então a comunica- ção social para qualquer coisinha que possa estampar sob os olhos dependentes do espectador de notí- cias. Arredada a política nacional para as praias, sobra sempre a cavilosa declaração separatista de um dirigente do PSD para os lados da Madeira, ou as intrigas e especula- ções acerca das lutas internas deste ou daquele partido para ir entreteendo o freguês. Mais raro é ver-se um órgão de soberania a chamar a atenção de toda a gente para o facto



de a Madeira ser parte integrante da República, onde as leis da Repú- blica devem também ser acatadas. Tão raro nestes vinte e poucos anos de democracia institucionalizada que nos não recordamos de alguma vez assim ter acontecido, falha que tem servido a João Jardim para continuar impunemente a servir-se da Repú- blica quando lhe convém e a ameaçar divorciar-se dela quando o casamen- to de conveniência por qualquer razão lhe pesa. Depois das bombas de 1975, as declarações bombásticas dos outros anos todos até hoje.

Com Jardim em férias e os parti- dos «mediáticos» à míngua de acti- vidade, partem os jornais para outras catástro- fes. Antes hou- vera os assaltos às bombas de gasolina e pare- ceu que subita- mente o País se encontrava sob uma devastadora onda de violên- cia. A fome de

notícias e a desastrada e incompe- tente prestação do ministro Gomes «conspiraram» no sentido de criar a ideia de que esta violência era de facto uma novidade e não uma arrastada realidade quotidiana agravada por falta de uma política de segurança planeada e eficaz, ao serviço das populações, e com raí- zes na ausência de uma política económica, social e cultural cujos objectivos sejam servir os interes- ses do povo e do País e não os de um punhado de velhos e novos monopo- listas. Há agora a vaga de incêndi- os, ajudada pelos calores intensos do Verão e talvez por algumas mão- zinhas criminosas. E «de novo» o País está a arder, num ritmo que, se fôssemos a acreditar, já teria trans- formado Portugal num monte de cinzas. E tem havido por aí muitas catástrofes a ajudar os comunicado- res. Caem aviões, rebentam bom- bas, a BSE volta a atacar. Quando tudo estiver mais calmo, depois das férias, vêm aí as lutas de muitos tra- balhadores que as preparam e que hoje mesmo as travam. Mas isso não costuma ser notícia.

Frases

“Paixão de Guterres em lista de espe- ra”

(título de «Diário de Notícias», 04.08.00)

“Eu sei que o dr. Jardim já só abre a boca para causar escândalo, tamanho é o medo de passar despercebido. Eu sei que a única coisa que resta fazer com ele é não lhe dar importância, como se faz com os inimputáveis. Mas às vezes, caramba, custa a engolir o descaramento do sujeito!”

(Miguel Sousa Tavares - «Diário Digital», 02.08.00)

“E o que diz Durão Barroso do com- portamento desaustinado de Jardim e Jaime Ramos? O líder, tal como a maio- ria dos seus antecessores, assobia para o ar. São coisas da ilha, folclores, pen- sará. Admira-se, dr. Durão, que Jardim diga depois que o senhor não tem peda- lada?”

(Miguel Coutinho - «Focus», 07.08.00)

“É normal criticar-se Alberto João Jardim. O facto é que, lá porque usa expressões que eu não uso, não deixo de concordar com muitas das coisas que ele diz.”

(Ferreira do Amaral - «24 Horas», 08.08.00)

“A insegurança de que se queixam, justamente, tantos cidadãos é o reverso da medalha do modo de vida suburba- no que prolifera nas áreas metropolita- nas de Lisboa e Porto.”

(Helena Roseta - «Visão», 03.08.00)

“Como muitos observadores tinham previsto, o ciclo das “vacas gordas” chegou ao fim. [...] A ideia com que se fica é que, afinal, o esforço para entrar no “pelotão da frente” da moeda única apenas deu lugar, como muita gente avisou, a uma prosperidade fictícia.”

(Manuel Villaverde Cabral - «Diário de Notícias», 04.08.00)

“[...] o habitual desenrascanço portu- guês acaba normalmente por descobrir os culpados: são é sempre os outros (o preço do petróleo, a imigração, as cegonhas).”

(Paulo de Almeida Sande - «Diário de Notícias», 06.08.00)

“Com o “Big Brother” vou ganhar muito mais do que 800 contos por emissão.”

(Teresa Guilherme - «Visão», 03.08.00)

“Estamos à beira da divergência real da economia.”

(Augusto Mateus - «Euronotícias», 04.08.00)

“Temos o “jet set” que merecemos: o “jet pimba”!”

(Alfredo Barroso - «Expresso», 05.08.00)

Perspectivas para o próximo ano lectivo

A abertura do próximo ano lectivo decorrerá com tranquilidade, garantiu o ministro da Educação, a semana passada. Um prognóstico arriscado depois de um ano de intensas lutas e num momento em que são múltiplos os problemas pendentes e escassos os pontos de acordo. Na crítica de fundo ao que é hoje o ensino, confluem estudantes e professores.



Um ano de tranquilidade ou de luta?

Os resultados médios obtidos na primeira fase dos exames nacionais do 12.º ano do Ensino Secundário, particularmente fracos na área das ciências, são um claro indício dos muitos problemas que se vivem nas nossas escolas. A unanimidade com que foi saudado o adiamento da polémica «reforma», que o ME continua entretanto a considerar como a solução para a inegável situação de crise que se vive no ensino, testemunha dos muitos desacordos existentes. E que se não poderão continuar a ser ignorados.

«Toda a gente acha que é preciso mexer no ensino secundário, mas a proposta que está em cima da mesa não merece o consenso e até o Conselho Nacional de Educação coloca reservas», comentou António Avelãs, dirigente

da Federação Nacional de Professores, Fenprof. E defendeu a necessidade de diálogo, «para que nas suas grandes linhas a reforma se torne consensual».

Lutar até à resolução dos problemas que afectam o ensino

Os recuos do ME

A decisão de remeter para mais tarde a entrada em vigor da «Reorganização Curricular» dos ensinos básico e secundário e a decisão de só generalizar a «reforma» do ensino secundário somente ao fim de três anos, como os professores haviam proposto, é saudada pelo Secretariado

Nacional da Fenprof como um facto positivo.

Um recuo – não assumido embora – do ME, resultado das grandes manifestações realizadas em Março e Junho, em Lisboa e no Porto, envolvendo estudantes, professores e outros trabalhadores ligados ao ensino.

Decisões saudadas pela Fenprof como «momentos positivos», na medida em que corrigem estratégias «altamente negativas» que, no

plano da política educativa, a Federação considera mesmo que «poderia ter mergulhado o sistema educativo no caos».

Partindo desta primeira avaliação do adiamento da «reforma», a Fenprof irá exigir uma aprofundada negociação de todas as questões que lhe estão ligadas e lutar para que as matérias em negociação «possam ser resolvidas da melhor maneira, tendo em conta a qualidade do ensino, do funcionamento das escolas

e os interesses socioprofissionais dos docentes».

Plano de acção

Em Setembro, o Secretariado Nacional da Fenprof irá aprovar um plano de acção cujos objectivos principais se prendem, antes do mais, com a qualidade da escola pública.

Em causa estão as significativas carências que se fa-

zem sentir na escola pública, enquanto são atribuídos milhões de contos a um vasto conjunto de estabelecimentos privados, situados principalmente na corda Aveiro-Lisboa. Um outro objectivo da Fenprof é a estabilidade de emprego e a legislação que se prende com os quadros e concursos, sem esquecer a regulamentação relativa à fixação de docentes em zonas isoladas e desfavorecidas.

O funcionamento das escolas, a revisão da respectiva legislação e, em particular, a referente à «gestão das escolas», é outra área prioritária para a Federação. Na defesa dos direitos e interesses dos professores, a Fenprof irá prosseguir a sua luta pelo complemento de formação dos docentes bacharéis e pela formação contínua de professores e educadores.

Particular preocupação merece «o gritante problema dos professores de português no estrangeiro, onde se registam compromissos não assumidos como sejam os suplementos de residência, o regime de protecção social e o não pagamento de vencimentos na escola de origem para os professores da chamada rede alemã, situação que conduzirá a recurso aos tribunais».

Em síntese, a Fenprof considera que o ano lectivo que agora terminou «foi pouco produtivo em matéria de educação».

Assim, a atitude que o ME pode esperar dos docentes, desde o início do ano lectivo, será o aumento da pressão e da luta «até à resolução dos problemas que afectam a qualidade do ensino e a vida socioprofissional dos professores, alguns dos quais se arrastam há demasiado tempo», conclui a Federação Nacional de Professores.

Concorrência desleal

«Apesar da existência de condições – espaço, material e pessoal docente – que permitiriam às escolas públicas responder às solicitações educativas dos portugueses, o

Ministério da Educação (ME) continua, nesta região, a apostar em colégios privados que são subsidiados para substituir as escolas públicas». Esta a denúncia feita, no início de

Agosto, pelo Sindicato dos Professores da Região Centro (SPRC).

Uma situação que o sindicato considera mesmo como uma das causas deste «novo

foco de instabilidade» nas escolas, que é a existência de um elevado número de professores com «horário zero».

Em conferência de imprensa realizada em Coimbra, o SPRC avaliou em meio milhar o número de docentes que, no próximo ano lectivo, estarão nas escolas sem leccionar. Uma situação de «um horário que não existe para um professor que existe», que se tem vindo a generalizar por toda a região Centro e «começa a assumir foros de extrema gravidade», como afirmou o coordenador do SPRC, Mário Nogueira.

Filosofia, História, Economia, Geografia, Francês e as áreas tecnológicas são as disciplinas mais afectadas com os «horários zero». Uma situação que se deve, nomeadamente, à «concorrência desleal» exercida na região Centro pelos colégios privados subsidiados pelo Ministério da Educação.

Esta situação, já anteriormente denunciada, vai mesmo

ser averiguada pela Provedoria da Justiça, entidade à qual a estrutura sindical apresentou queixa.

Em documento divulgado em Julho, o SPRC acusou o governo de desperdiçar milhões de contos com colégios privados, em áreas «onde não existe carência de estabelecimentos públicos e, por isso, desenvolvem autênticas campanhas contra as escolas públicas».

«A par desta situação lamentável que é o financiamento, aos milhões, de colégios que lesam as escolas públicas, destaca-se a penúria que se vive no ensino público», critica ainda o sindicato.

O SPRC exige a suspensão dos contratos de associação celebrados com todos os colégios que se situam em zonas que lesam escolas públicas existentes e compromete-se a organizar, em Novembro, em Coimbra, uma grande iniciativa orientada para a defesa dos serviços públicos.



É visível a penúria em que vivem as escolas públicas

João Rodrigues
sobre adiamento da revisão curricular

«Não estavam à espera que tivéssemos tanta força»

João Filipe Rodrigues, membro da Delegação Nacional das Associações de Estudantes do Secundário, comenta o adiamento da revisão curricular e alerta para as «manobras políticas» do Ministério.

Há duas semanas, o Ministério da Educação anunciou o adiamento da revisão curricular do Ensino Secundário para o ano lectivo de 2002-2003 devido à falta de condições e que a regulamentação da Lei sobre Educação Sexual e Planeamento Familiar estava finalmente pronta.

Para a Delegação Nacional das Associações de Estudantes do Ensino Secundário, esta é uma vitória dos alunos. Em entrevista ao *Avante!*, João Filipe Rodrigues, dirigente associativo, comenta esta decisão.

– Qual a importância do adiamento da revisão curricular?

– Nas manifestações do dia 11 de Maio, o ministro Oliveira Martins afirmou que a revisão não ia ser adiada e que os estudantes estavam mal informados. A leitura que faço é que o Ministério da Educação não estava à espera que saíssemos à rua com tanta força e mostrando que sabíamos tanto da revisão. Acho que com o adiamento procuram fazer crer que serão alteradas algumas coisas.

– Em que medida a

Delegação Nacional considera que este adiamento é uma «manobra política para enfraquecer a luta dos estudantes»?

– Ao adiarem a revisão curricular, vão dizer que alguns aspectos foram alterados, que as reivindicações dos alunos foram ouvidas e vão dar como exemplo a regulamentação da lei da educação sexual. Mas, no fundamental, mantém-se tudo igual.

Quando o ministro Oliveira Martins e a secretária de Estado da Educação, Ana Benavente, anunciaram as médias dos exames nacionais do 12.º ano, disseram que a revisão curricular ia alterar por completo a situação. Só se for com uns pozinhos milagrosos...

– De qualquer maneira, o adiamento é uma vitória importante dos estudantes?

– Se fosse a suspensão, andava a pular de alegria, por tudo o que nós batalhámos a

nível nacional, distrital e concelhio, com Reuniões Gerais de Alunos (RGA), esclarecimentos, distribuições, informação, todas as actividades que promovemos para que os alunos soubessem o que estava em causa. Afinal, fomos nós que tivemos o papel de esclarecer os estudantes, coisa que o

Ministério tinha obrigação de fazer.

– Como vêem o aumento das vagas no ensino superior?

– Há mais vagas mas há muito menos gente a concorrer, porque

cada vez há menos pessoas a acabar o 12.º ano.

– Até agora, a regulamentação da lei da educação sexual é a vossa grande vitória?

– É bastante importante. Desde 1984 que andam a adiar a regulamentação das leis de educação sexual aprovadas na Assembleia da República. Agora, vamos ver como é que vai ser aplicada. Se for aplicada exactamente como ela está agora, ótimo. Pelo menos é uma das nossas reivindicações que é atendida.

– A luta pela suspensão da revisão vai continuar?

– Sim, mal se inicie o ano lectivo.



65 mil estudantes saíram à rua a 11 de Maio (foto de Lisboa)

As reivindicações

Durante o último ano lectivo, os estudantes do ensino secundário apresentaram quatro grandes reivindicações ao Ministério da Educação: a suspensão da revisão curricular, a alteração do regime de acesso ao ensino superior, o investimento material e humano nas escolas e a regulamentação da lei da educação sexual e planeamento familiar.

Recentemente, Oliveira Martins anunciou que a lei já foi regulamentada, uma medida que os estudantes vêem como uma importante vitória. E as outras reivindicações?

Em relação à revisão cur-

ricular, o primeiro problema apontado pelos estudantes é o facto de não terem sido ouvidos no processo. Mas, o mais grave são as medidas que a revisão pretende aplicar: aulas de 90 minutos (vistas como totalmente desadequadas da realidade), o 13.º ano (encarado como uma forma de pôr os alunos a «marcar passo» no ingresso no superior), o elevado número de cursos (à saída do 9.º ano, os estudantes têm de escolher entre 21 cursos) e a área-projecto, cuja implementação será muito dificultada pelos currículos extensos e a grande carga horária.

Quanto à alteração do

regime de acesso ao ensino superior, os alunos exigem a eliminação progressiva dos *numerus clausus* e a criação de um novo sistema de acesso, em que a avaliação contínua seria valorizada e as provas de carácter eliminatório desapareceriam.

Finalmente, o **investimento material e humano nas escolas**. As escolas estão degradadas, muitas são provisórias há dezenas de anos e há falta de bibliotecas, cantinas, pavilhões, laboratórios, salas de estudo e material informático e audiovisual. Ao mesmo tempo, há falta de pessoal auxiliar e de professores.

A Nordeste algo de novo!

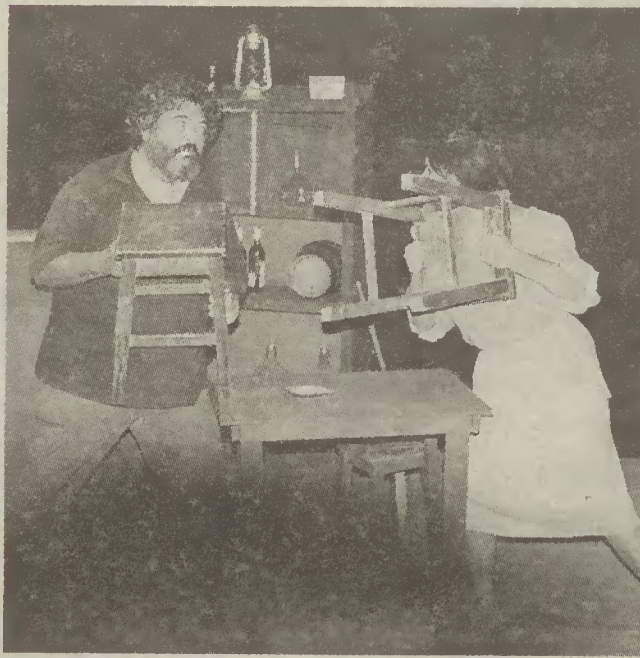
• José Brinquete

Esta crónica é dedicada a todos(as) os(as) revolucionários(as) que de uma forma ou de outra, durante o ano, lutam contra as novas formas do capitalismo (agora chamado de neoliberalismo) de exploração do homem pelo homem e acreditam na transformação da sociedade. Em pleno período estival, o mês de Agosto é predominantemente um mês de férias. Se é verdade que as férias ainda não são possíveis para um grande número de portugueses, e para um número significativo dos que as têm não lhes é permitido sair das suas residências, sobretudo por razões económicas, agravadas, este ano, com sucessivos aumentos dos produtos de primeira necessidade, àqueles que tiverem férias e que queiram conhecer ou visitar o Nordeste Transmontano aqui fica o desafio. **Uma opção para retemperar forças!**

selvagem. Em Bragança o melhor é procurar estadia para um ou dois dias, pois há muito para visitar e saborear. A visita à Zona Histórica, área que vai desde a Praça da Sé até à Cidadela, é obrigatória. Aqui encontramos o núcleo histórico (urbano) mais significativo de toda a Região Transmontana. Desde a própria Praça da Sé com o seu Pelourinho, passando pelo Bairro dos Batocos e rio Fervença, subindo a Costa Grande ou a Costa Pequena, entrando no Castelo para visitar e observar a Domus Municipalis ou a Torre da Princesa. Não esquecer uma visita aos Museus Abade de Baçal e Militar (este situado na torre de menagem). O Parque Natural de Montesinho, que ocupa um terço do Concelho de Bragança, merece, igualmente, visita a preceito. Finalmente, partimos de Bragança até Mirandela *terra quente*, passando por Macedo de Cavaleiros, com paragem

no Parque da Natureza do Azibo. Na terra quente merecem ainda visita Alfandega da Fé e Vila Flor. Voltando ao *douro superior*, não podemos esquecer Carrizada de Ansiães. Meus amigos, falta referir Vinhais! Não me esqueci, foi de propósito! o Concelho de Vinhais mantém ainda, em alguns aspectos, a pureza do início do mundo. Os rios Tuela e Rabaçal e toda a restante paisagem dão-lhe uma qualidade ambiental e paisagística

considerada ímpar. Aqui podemos falar de verdadeiro património natural.



Pelo Nordeste Transmontano

Entrar no Distrito de Bragança, tanto pode fazer-se pelo Marão (vindo do Porto), como pelo Sul, neste caso pelo Concelho de Torre de Moncorvo, atravessando o rio Douro, na Barragem do Pocinho.

Vamos optar pela entrada a Sul. O convite vai, desde já, para uma visita à Foz do Sabor, local onde o Rio Sabor, que atravessa o Distrito e já lhe deu nome, abraça o rio Douro. Aqui, na Foz do Sabor, existem três pequenos restaurantes, que confeccionam peixe do rio de três formas diferentes (frito, na brasa e em migas). De seguida passamos por Moncorvo (museu do Ferro) e vamos até Freixo de Espada à Cinta *Douro superior* onde se pode visitar a Igreja Matriz, do século XVI, estilo manuelino, e a praia fluvial da Congida (nas margens do Rio Douro). De Freixo vamos por Mogadouro até terras de Miranda *planalto mirandês*, com paragem em Mazouco para visitar a gravura rupestre *cavalo de Mazouco*. Todo este percurso integra o Parque Natural das Arribas do Douro Internacional. A cidade de Miranda do Douro merece visita demorada, a não perder o passeio em embarcação turística, no rio Douro, pelo cañão do rio a montante da cidade (a duração da viagem é de 45 minutos). Ainda no planalto mirandês aconselha-se a comer a posta mirandesa. De Miranda partimos para Bragança *terra fria*, passando por terras de Vimioso, onde os rios Maçãs e Anguira nos proporcionam alguns locais *em estúdio*

Algo de novo

Pois é, longe das grandes cidades também vai acontecendo algo de novo. Neste caso refiro-me à área cultural e recreativa.

O Teatro em Movimento, companhia de Teatro Profissional sediada em Bragança, está a comemorar o seu 20.º aniversário. Esta companhia raramente tem usufruído dos subsídios centrais do Ministério da Cultura, mas tem sabido lutar e resistir. Sob a direcção artística de Leandro Vale, o Teatro em Movimento parece estar para *lavar e durar*. Recentemente ganhou em tribunal dois processos contra o Ministério da Cultura do Governo/PS, e este ano, a par da sua actividade normal, realizou, em parceria com as respectivas autarquias, a II Mostra Internacional de Teatro em Bragança e o II Encontro Internacional de Teatro de Torre de Moncorvo e, em conjunto com a Associação Cultural de Pombal de Ansiães, o III Festival de Artes *FARPAS*.

Por outro lado, de entre outras iniciativas que por aqui se realizam, é de destacar a consolidação do Carviçais Rock, Festival de Rock que este ano, na sua terceira edição, se internacionalizou e o 1.º Festival Intercéltico de Sendim/Terras de Miranda/2000.

Por tudo isto é legítimo afirmar que a *Nordeste algo de novo*.

Ajuda e Alcântara exigem Outro presidente para a Carris

A demissão do presidente do conselho de administração da Carris foi reclamada pelas juntas de freguesia da Ajuda e de Alcântara, que na semana passada reagiram às alterações introduzidas no início do mês na carreira de autocarros N.º 60.

Os responsáveis da transportadora ignoraram o parecer dos órgãos do poder local – protesta a JF da Ajuda, numa nota distribuída sexta-feira aos jornalistas, em que refere o modo como foi tratado o processo de alterações nos percursos do autocarro 60 e do eléctrico 18.

Há cerca de nove meses, a Junta interpelou a administração da Carris acerca da ameaça de encerramento da carreira de eléctricos; a empresa respondeu que o assunto estava «em estudo» e comprometeu-se a manter a autarquia informada. O assunto foi levado à Assembleia Municipal de Lisboa, que por unanimidade se pronunciou pela manutenção e revitalização da rede de eléctricos.

Através dos serviços da CML, a Carris solicitou depois o parecer da Junta da Ajuda acerca de uma proposta para sobrepor a carreira do «60» ao percurso do «18». O parecer foi negativo, pois as populações das zonas do Cruzeiro, Casalinho da Ajuda e Largo da Ajuda deixariam de ter qualquer ligação por transporte público ao centro da cidade. Mas a administração da Carris decidiu concretizar estas alterações, a partir de 1 de Agosto. O novo percurso do «60» passa pela Estrada de Pedro Teixeira, que no final de 1998 não tinha «condições mínimas para circulação de transportes públicos», como a Carris alegou para indeferir uma alteração pedida pela Junta.

Para a Junta de Alcântara, o presidente da Carris demonstrou ser contra a manutenção dos eléctricos e, para esse objectivo, recorre a «processos indignos e uma grande dose de hipocrisia», como sucedeu com o eléctrico «18»: «para tentar demonstrar que os utentes preferem os autocarros», pôs a circular no seu percurso a carreira «60», com autocarros de piso rebaixado e ar condicionado.

USL/CGTP admite degradação propositada Menos comboios à noite

A CP decidiu suprimir várias composições ferroviárias, no horário nocturno, nas linhas de Azambuja, Cascais e Sintra, prejudicando muitos trabalhadores que laboram por turnos.

A União dos Sindicatos de Lisboa exigiu na semana passada a reposição dos 7 comboios eliminados. Em conferência de imprensa, a USL protestou vivamente contra uma medida que, «ao invés de estimular o recurso aos transportes colectivos, obriga as pessoas a recorrerem ao transporte individual» e «consustancia uma redução

do serviço público que a CP é obrigada a prestar».

A estrutura distrital da CGTP salienta que o operador de transportes não pode decidir sozinho eliminar circulações, especialmente quando trazem limitações acrescidas ao uso de transportes colectivos de passageiros na Área Metropolitana de Lisboa, necessitando do con-

sentimento prévio da entidade reguladora do sector (Instituto Nacional do Transporte Ferroviário) e de ouvir os utilizadores. Como as deslocações casa-trabalho são as que têm maior peso na movimentação de passageiros na região, a USL entende que deveria também ter sido auscultada.

Vender barato

Os cortes nas carreiras nocturnas foram «um dos aspectos

mais claros da degradação do serviço dos operadores rodoviários urbanos», que, após a privatização da Rodoviária Nacional, passaram para o controlo de multinacionais. Agora, refere a União, «diz-se que os donos das transportadoras rodoviárias querem que os comboios sejam privados e lhes sejam entregues», pois a exploração das linhas ferroviárias urbanas, autonomizadas da restante rede, pode propiciar elevados lucros.

No entanto, «parece não convir» que a CP evidencie estas potencialidades, «por um lado, para dizer que a CP não consegue resultados positivos, e por outro lado, para “embaratecer” uma eventual privatização», acusa a USL, admitindo que «talvez seja a intenção de entregar os comboios aos privados que explica a tentativa de corte nas circulações nocturnas».

A ideia de que o investimento na renovação justificaria praticar tarifas mais elevadas foi igualmente refutada pela USL. «Os investimentos de modernização permitem reduzir os custos de exploração e encerrar, inclusive, até algumas reduções tarifárias», defende a União.

A lógica do lucro privado sobrepõe-se ao interesse público



A supressão de comboios contraria os direitos contratados e as legítimas expectativas dos utentes (foto de arquivo)

Os «enteados» do MNE

Durante 1999, o Ministério dos Negócios Estrangeiros concedeu subsídios a associações de emigrantes portugueses no valor de cerca de 68 500 contos, através da Direcção-Geral dos Assuntos Consulares e Comunidades Portuguesas. Pela via do Fundo para as Relações Internacionais, correram verbas muito mais elevadas para os consulados e para entidades como a Mudip (Mútua dos Diplomatas, que recebeu mais de 330 mil contos), o Sojornal (40 mil contos), o Centro Jacques Delors (110 mil contos), o Instituto de

Estudos Estratégicos Internacionais (35 mil contos).

Os números foram recolhidos pela Associação de Reencontro dos Emigrantes, com base nas listagens divulgadas no «Diário da República», e foram apresentados sábado passado num encontro sobre o movimento associativo das comunidades portuguesas. A iniciativa, promovida pela ARE com a colaboração da Federação Portuguesa das Colectividades de Cultura e Recreio e o apoio do Pelouro do Turismo da Câmara Municipal de Lisboa, reuniu mais de meia centena de

dirigentes de associações e federações associativas de portugueses que trabalham e residem em países como a França, Bélgica, Suíça, Alemanha, Holanda, Suécia, EUA. Entre os participantes estavam também professores e membros do Conselho das Comunidades Portuguesas.

O ensino de Português no estrangeiro foi também um dos temas em destaque, com fortes críticas ao Governo de Lisboa, que ameaça deixar centenas de lusodescendentes sem aulas já no próximo ano lectivo.

Ao longo da manhã foram produzidas 17 intervenções, que valorizaram a oportunidade do encontro e sugeriram a realização de outras iniciativas que permitam prosseguir a discussão dos problemas do movimento associativo, nas comunidades e em Portugal, trocar informações e experiências, traçar linhas de trabalho para o intercâmbio entre colectividades portuguesas dentro e fora do País.

Sugestão da CML

A elaboração de um protocolo, envolvendo a Câmara Municipal de Lisboa, a Federação Portuguesa das Colectividades de Cultura e Recreio e as associações de

emigrantes, foi sugerida no encontro por António Abreu.

O vereador comunista (que participou na iniciativa em substituição da vereadora do Turismo, Alexandra Gonçalves) ressaltou que, no apoio às associações e aos emigrantes, a Administração Central tem muito mais responsabilidades e meios de

intervenção do que o Poder Local. Contudo, manifestou a convicção de que poderá ser criada uma base de colaboração para estreitar o relacionamento do município de Lisboa com os emigrantes.

O protocolo, propôs António Abreu, poderia contemplar programas de visitas de lusodescendentes a Lisboa,

apoio à organização na cidade de iniciativas de emigrantes, o envio de informação sobre eventos e planos turísticos, bem como materiais de divulgação de Lisboa nos países de emigração, e mesmo o intercâmbio de grupos culturais, associações juvenis e outras colectividades.

Agora em Grândola

No próximo fim-de-semana, a Associação de Reencontro de Emigrantes leva a cabo mais uma série de iniciativas dos seus «encontros de Verão».

No sábado, dia 12, decorre junto à Piscina Municipal um torneio de petanca (modalidade muito popular entre os emigrantes cujo campeonato do mundo decorrerá, em Outubro, em São Brás de Alportel, no Algarve). À noite, «A Barraca» leva à cena «Memória de Emigrantes – Regresso a Portugal», encenação de Maria do Céu Guerra a partir de textos de Ferreira de Castro, José Rodrigues Miguéis e outros escritores.

Domingo de manhã realiza-se na Biblioteca Municipal um debate sobre a emigração na viragem do milénio. O almoço-convívio, na Cooperativa de Grândola, será animado por um grupo coral alentejano.



As associações e colectividades têm muito em comum, quer estejam sediadas em Portugal ou no estrangeiro

A uniformidade partidária do PS está a ser desastrosa para o Faial

CDU protagoniza o desenvolvimento

A candidatura da CDU tem como objectivo destacado a defesa dos verdadeiros interesses do Faial, assegurou o coordenador do PCP/Açores e 1.º candidato da lista, José Decq Mota, no acto da apresentação pública da lista.

José Decq Mota começou por manifestar a sua satisfação por encabeçar uma lista que, pela sua diversidade, «é uma magnífica expressão da aliança social e política» conseguida no âmbito da CDU, traduzindo um «segu-

O Faial tem potencialidades enriquecedoras do todo regional

ro entendimento político entre militantes do PCP e muitos independentes».

Enunciando, depois, os princípios que presidem à candidatura CDU, José Decq Mota referiu «o profundo respeito pela democracia» que a todos une e a vontade de que ela, para além «de uma inequívoca expressão política», tenha também «uma acentuada e crescente expressão económica, social e cultural».

A situação do Faial, apesar das suas particularidades e potencialidades, muito enriquecedoras do todo

sectores prioritários, como a pecuária e os lacticínios, e projectos como a nova Escola Secundária, o parque desportivo e outros são sistematicamente adiados; o DOP continua a ser vítima de manobras obscuras. Ou seja, «tudo o que é estratégico para o Faial é atrasado, adiado ou anulado».

PS tocou no fundo

No que respeita aos problemas da ilha, numa óptica de poder local, verifica-se que a maioria PS da Câmara Municipal «tocou no fundo». A situação financeira é desastrosa; os grandes projectos municipais «estão longe de ser concluídos»; os serviços municipais estão, em geral mal organizados; o relacionamento entre os poderes regional e local (ambos do PS) é «péssimo» e

desastrosa para o Faial como o foi a do PSD nos anos 70 e 80.

Com o terramoto de Julho de 1998, a grande destruição do parque habitacional, os milhares de desalojados e os avultados prejuízos materiais que dele resultaram, tudo se agravou. Porém, o Governo Regional, em vez de procurar soluções de reconstrução que envolvessem toda a sociedade, centralizou, governamentalizou e partidariou a estrutura criada, agravando alguns problemas do Faial e colocando como indispensável a alteração da composição político-partidária dos representantes do Faial na Assembleia Legislativa.

Assim, a candidatura da CDU, apresentando-se em pé de igualdade com as restantes, pretende alterar esta situação e contribuir para o desenvolvimento económi-

Falta de isenção na RTP/A

A nota emitida pelo departamento de informação da RTP/A sobre as declarações do coordenador regional do PCP, José Decq Mota a propósito da ausência daquela estação na apresentação da lista de candidatos da CDU pelo Faial, em 26 de Julho, mereceu um comunicado de esclarecimento do gabinete de imprensa do PCP/Açores.

Diz o PCP que ao constatar a ausência da RTP/A na conferência de imprensa, José Decq Mota telefonou para a RTP/A em Ponta Delgada, não para pressionar qualquer cobertura, «como é óbvio», mas tão-somente para manifestar a sua indignação pela ausência deste órgão de informação.

Aliás, no dia seguinte, o coordenador do PCP/A dirigiu ao director da RTP/A uma carta onde expressava a sua opinião sobre a actual orientação imprimida à informação desta estação de televisão que, nesse mesmo dia, voltou a primar pela ausência num jantar-convívio promovido pela CDU/Terceira, em que estiveram presentes todos os órgãos de comunicação social.

A RTP/A tem, entretanto, coberto com frequência actos de pré-campanha de outros partidos, especialmente se contam com a presença dos respectivos líderes regionais, lembra o PCP, pelo que «esconder os actos, os candidatos e o significado político» da candidatura da CDU se apresenta como uma atitude «gravíssima», que fere o princípio da igualdade de tratamento.

Considerando, por fim, que a RTP/A não está, nos últimos meses, a mostrar «um mínimo de isenção», afectando desde logo a sua credibilidade, o PCP informa ter dado conhecimento desta situação à Alta Autoridade para a Comunicação Social e à Comissão Nacional de Eleições.



O Poder Regional continua a adiar projectos modernizadores de sectores prioritários

regional, tem há longos anos suscitado ao poder regional atitudes que, no entendimento da CDU, são a todos os títulos «inaaceitáveis».

O investimento público é pouco e «tirado a ferros»; os projectos modernizadores de

prejudicial aos interesses da ilha, sendo praticamente inexistente o diálogo da maioria PS com as outras forças e com a sociedade.

Pode, pois, concluir-se que «a uniformidade partidária» do PS está a ser tão

co, social e cultural do Faial, de acordo com as potencialidades e necessidades da ilha, impedindo, simultaneamente, a existência de maiorias absolutas, que tão nefastas se têm revelado.

Lista CDU pelo Faial

José Eduardo Bicudo Decq Mota

51 anos
Vereador da CDU na Câmara Municipal da Horta
Coordenador do PCP/Açores

Manuel Eduardo Vieira Soares

51 anos
Monitor de pecuária
Independente

Maria do Céu Barroca Brito

43 anos
Professora do ensino secundário
Independente

Luís da Costa Rosa Bruno

46 anos
Médico
Deputado da CDU na Assembleia Municipal da Horta
Coordenador do PCP/Faial

Miguel Ângelo G. C. Chancerelle de Machete

24 anos
Biólogo
Independente

António Manuel de Sousa Lobão

46 anos
Condutor de máquinas pesadas da Câmara Municipal e agricultor de Flamengos
Independente

Maria José Rodrigues

42 anos
Assistente administrativa no Hospital da Horta
Independente

Manuel Lacerda de Faria

42 anos
Agricultor na freguesia de Cedros
Independente

Herlanda Maria G. Amado Pamplona

20 anos
Assistente administrativa

Mandatária:

Maria Zulmira Rodrigues da Silva

65 anos
Ajudante de notário aposentada
Independente

açores
REGIONAIS 2000

Receita tradicional

Mário Abrantes, membro da Direcção da Organização da Região Autónoma dos Açores do PCP, deixa aqui uma receita que diz ser «de deuses caseiros, adaptada da antiga de Mota Amaral, com 20 anos», e permite «cozinhar uma maioria absoluta nos Açores».

Ingredientes para a massa:

- 2 aspirantes a presidente do Governo (um PS - Carlos César para continuar e um PSD - Presidente de Câmara de Ponta Delgada para tempero), travestidos de únicos candidatos às eleições (tipo 2 em 1);
- 2 doses de debates públicos só com os dois (com infusão prolongada, antes e depois) na RTP/Açores e numa estação importante de rádio (com vista a encorpar o 1.º aspirante);
- para encorpá-lo ainda mais, junta-se uma dose diária de inaugurações governamentais, festas organizadas pelo governo regional e anúncios governativos para o futuro, durante pelo menos 3 meses (se não for possível encontrar doses inteiras para todos os dias, podem-se dividir, distribuídas por vários dias, até encher);
- as mesmas doses, mais pequenas, de inaugurações camarárias e anúncios de obras, para o segundo aspirante (para dar cor e sabor);
- democracia e pluralismo q.b.. Usa-se apenas o necessário e eliminando o mais possível os parasitas inconvenientes (Assembleia Legislativa Regional, outros partidos e candidatos, incluindo até muitos dos candidatos das próprias listas dos aspirantes).

Para a cobertura:

- RTP/Açores obrigatoriamente em todas as doses inaugurais, de festas ou de anúncios do 1.º aspirante. Sempre que necessário, nas camarárias do 2.º aspirante, mas nunca cobrir nada onde não esteja um deles (listas por ilha e pré-campanha de outros, por exemplo);
- procurar que toda a outra comunicação social faça o mesmo.

Para o recheio:

- Juntar banhos de multidão (por requisição de secretários, directores, chefias administrativas, membros de instituições, etc., ou por convites «irrecusáveis») à volta do 1.º aspirante, em todas as doses inaugurais, de festas e de anúncios. Evitar a intromissão abusiva de outros participantes não pertencentes à massa apoiante.

Confeção:

Agitando bastante o (falso) perigo do PSD voltar ao poder, bate-se muito bem o seu corpo debilitado. Ao mesmo tempo, coa-se a massa restante, para tirar dela todos os grumos como a CDU, por exemplo.

Numa misturadora potente (adquire-se facilmente a qualquer grupo económico a partir do orçamento regional) junta-se: a campanha do PS, a actividade governativa, muitas iniciativas institucionais e uma especiaria da campanha do PSD e das actividades camarárias em Ponta Delgada.

Enquanto coze, vai-se regando com umas sondagens correntes (não é necessário usar as de melhor qualidade). Recheia-se com os banhos de multidão e cobre-se muito bem com a RTP/Açores e outros órgãos de comunicação social disponíveis.

Grau de dificuldade: simples (pode é sair esturrado com alguma facilidade).

Custo: muito dispendiosos (mas dividido por todos nós não custa um tostão a quem encomenda o festim).

Valor alimentar: praticamente nulo e de digestão difícil.

Tempo de preparação: mais ou menos a partir de Junho, até às Eleições Regionais de 15 de Outubro.

S. PEDRO DO SUL Urge consultar o povo

Face à gestão «ruinosa e autocrática» da Câmara Municipal de S. Pedro do Sul, primeiro pelo PSD, depois pelo PS, que há dez anos detém a maioria de vereadores, a Comissão Concelhia do PCP defende uma nova consulta ao povo do concelho, através da realização de eleições intercalares. Para o PCP, a terra precisa de dinamismo e de uma gestão transparente em que participem as diversas forças vivas do concelho. Assim, alerta os sampredenses para a grande falta que a CDU faz nos vários órgãos municipais, como força caracterizada pelo trabalho, honestidade e competência, que não se deixa envolver em «jogos de poder pessoal» e «climas de baixa intriga», degradantes para um município onde os problemas crescem e as situações se arrastam, apesar das suas grandes potencialidades e recursos.

SESIMBRA Presidente desrespeita direitos

O presidente da Câmara Municipal de Sesimbra, numa atitude «irresponsável e arrogante», mandou retirar as faixas que o PCP havia colocado denunciando o inexplicável atraso na abertura do Cemitério da Quinta do Conde, há meses concluído. Assim, em vez de «arrepiar caminho» face à grande adesão que a população tem expressado à exigência da abertura do cemitério, o presidente da Câmara, «de cabeça perdida», prefere atentar contra os direitos constitucionais dos cidadãos, denuncia a Comissão Concelhia de Sesimbra do PCP que, afirmando não condescender «com arbitrariedades», promete prosseguir a sua luta em defesa das liberdades democráticas.

PALMELA Ainda a co-incineração

Quando do anúncio da intenção do Governo de integrar a Secil no sistema de co-incineração de resíduos tóxicos e perigosos, a Comissão Concelhia de Palmela do PCP repudiou com veemência tal hipótese, eliminada, aliás, pela discussão realizada numa primeira fase do processo.

A esta medida, acresce, ainda, a inexistência de um plano global estratégico «de exaustiva identificação, redução, reciclagem e reutilização de resíduos», em que o trabalho da Comissão Científica se deveria inserir pelo que o PCP, indignado também com o facto de, nesta última fase, o Governo não ter informado sobre os trâmites legais a que a população poderia recorrer para manifestar a sua rejeição pela co-incineração na Arrábida, reitera a sua posição, que enviou para o IPAMB.

MONTEMOR-O-NOVO Saúde está doente

O sistema de saúde continua a degradar-se em Montemor-o-Novo, concelho com uma população de nível etário elevado e grandes distâncias entre as populações e a sede de concelho. Agora é a doença prolongada de uma médica e a saída de outras duas; a anulação de consultas, em S. Cristóvão, devido ao termo do contrato de um funcionário público (situação só ultrapassada após intervenção da população e das autarquias); e, recentemente, a redução de camas e a diminuição da capacidade de internamento no Hospital de Montemor-o-Novo. Preocupada com a situação, a Concelhia do PCP exige do Governo a rápida resolução dos problemas que afectam os Centros de Saúde do concelho, nomeadamente aumentando o número de médicos e melhorando as condições de prestação dos cuidados de saúde.

O trigo e o joio

Retomo a ideia aqui colocada há uma semana de que, mais importante e mais grave do que as provocações, calúnias e insultos boçais de Alberto João Jardim e do seu fiel Ramos, é o conteúdo separatista que domina a habitual festa do Chão da Lagoa.



José Casanova
Membro da Comissão Política

Necessário é, igualmente, não permitir qualquer identificação do Povo da Madeira – acolhedor, generoso e principal vítima da política levada a cabo pelo Governo Regional - com tais boçalidades e instintos separatistas.

Como se sabe, a tradicional postura de Jardim, nas festas e fora delas, é a de uma constante conflitualidade

e de vida dos trabalhadores e das populações.

Nesse sentido, assumem importância relevante as conclusões do recente Fórum Madeira 2000, promovido pela CDU/Madeira, e o Manifesto aí aprovado – aliás, culminando um criativo processo de debate e reflexão e que definiu sete eixos de acção prioritária para a CDU:

educação, exclusão social e pobreza, saúde, sectores económicos, ambiente, cultura e, naturalmente, autonomia. E justo é, também, sublinhar a diferença que é a CDU/Madeira em relação a qualquer outra força ou organização da Região Autónoma, contrapondo uma prática de

estudo dos problemas e de procura de soluções e de caminhos para os resolver, aos dislates de Jardim e às respostas que lhe são dadas as quais, muitas vezes, apenas alimentam o folclore com o qual se pretende esconder os problemas existentes e as suas causas.

As propostas da CDU

Defendendo o início de um novo ciclo no processo autonómico, o Manifesto da CDU/Madeira avança com um conjunto de propostas concretas visando valorizar e credibilizar a autonomia em todas as vertentes, tornando-a eficaz no cumprimento das suas funções de combater e vencer as desigualdades sociais e as assimetrias locais, de resolver os problemas específicos dos madeirenses, nomeadamente o sistema fiscal,

os salários, as pensões sociais, a qualidade e o custo dos serviços e bens essenciais. E sempre marcando, através da sua intervenção concreta, a diferença que de facto é, a CDU/Madeira definiu e bate-se por um conjunto de objectivos marcados pela defesa dos direitos dos trabalhadores e das populações e com a justificação acrescida dos custos da insularidade que recaem essencialmente sobre as classes e camadas mais desfavorecidas. Daí a exigência, designadamente, do aumento em 7% do salário mínimo (atendendo a que o custo de vida na Madeira é superior ao do Continente e os salários são mais baixos); da criação de um «complemento de pensão» de 10 mil escudos para as pensões de valor inferior ou igual ao Salário Mínimo Nacional; da equiparação das tarifas da electricidade aos preços praticados no Continente (que são cerca de 18% mais baixos); da imediata redução de 20% no IRS face às taxas nacionais e da revogação dos benefícios fiscais concedidos às actividades financeiras no Zona Franca.

É tudo isto - ou seja, a intensidade e o conteúdo singulares da intervenção levada a cabo pela CDU/Madeira – que legitima a confiança no aumento da sua influência na Região Autónoma. Sendo óbvio para cada vez mais madeirenses que a acção da CDU é uma acção de todos os dias e não se limita aos períodos de campanhas eleitorais, é bem possível que, nas eleições regionais de Outubro próximo, mais madeirenses separem o trigo do joio, reconheçam a qualidade e a seriedade dessa acção e expressem esse reconhecimento através do seu voto, dando mais força e maior expressão eleitoral à CDU/Madeira. Tanto mais que votando na CDU estarão a votar, seguramente, em homens, mulheres e jovens conhecedores da realidade madeirense, com propostas para a resolução dos muitos problemas existentes e com total disponibilidade para lutarem pela concretização dessas propostas.

Os dislates de Jardim apenas procuram esconder os problemas existentes

política com o Estado, de um ininterrupto disparar de chantagens de cariz separatista/federalista e fortemente desacreditadoras da Autonomia. E a melhor e mais eficaz resposta a tal postura reside precisamente no seu desmascaramento sério e rigoroso e na luta pela dignificação e enriquecimento da Autonomia, ou seja, na luta pela resolução dos problemas concretos e específicos que afectam a imensa maioria dos madeirenses. Como faz a CDU.

Tudo isto torna premente a necessidade da consideração responsável da importante experiência que foi a criação das Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira com as suas autonomias política, administrativa, financeira, económica e fiscal - e de, a partir dessa consideração, procurar abrir caminho a uma nova etapa do processo autonómico tendo em vista a melhoria das condições de trabalho



PCP defende nova estrutura social assente em pequenas e médias explorações

Fixar os alentejanos à sua terra

Nos seus comentários à proposta do PCP de reestruturação fundiária no futuro perímetro do Alqueva, o ministro da Agricultura «meteu os pés pelas mãos», acusou Agostinho Lopes, membro da Comissão Política do PCP, em conferência de imprensa.

A proposta para o perímetro de rega do Alqueva foi avançada pelo secretário-geral do PCP, Carlos Carvalhas, em Montemor-o-Novo, durante as comemorações dos 25 anos da Reforma Agrária. Criticando-a, Capoulas dos Santos apelidou-a de «modelo idêntico» e afirmou que o Governo tinha «ideias próprias» em relação aos perímetros de rega.

Mas as «ideias» do Governo vão no sentido de esperar «que os grandes proprietários se decidam a vender a terra» - valorizada pelos investi-

Capoulas dos Santos tem uma visão «formal» do Estado de direito

mentos públicos - e, depois, exercer o direito de opção. A partir das terras compradas, criará então um banco de terras que pensa vender não aos que as quiserem trabalhar mas «àqueles que as quiserem comprar».

Daí que Agostinho Lopes lance algumas perguntas: «E se os proprietários não se decidirem a vender? Vão gerir explorações agrícolas de centenas de hectares de regadio?» E, depois de o Estado ter gasto milhões de contos na transformação de terras de sequeiro em terras regadias,

ainda lhes dá «mais uns cobres» resultantes da especulação no exercício do direito de opção? Não sabe o Governo que o funcionamento do mercado de terra não corrige estruturas fundiárias, fazendo aumentar a concentração fundiária, como prova a evolução das estruturas agrícolas da UE e de Portugal, onde a área média as explorações, entre 1987 e 1997, passou de 43 para 54 hectares? Por que não aplica o Governo desde já as suas «ideias» nos 50 181 hectares abrangidos pelos perímetros de rega existentes e de natureza pública?

Um Estado de injustiça

Mas o ministro Capoulas dos Santos e o Governo deixaram também cair o que até agora apontava como instrumento principal de «correção das estruturas actuais de posse e uso da terra», ou seja, «um sistema de tributação progressiva» a conjugar com o «favorecimento e dinamização do mercado da terra».

Entretanto, para justificar «as enormidades» cometidas por sucessivos governos contra os trabalhadores da Reforma Agrária e o Alentejo, o ministro invocou o Estado de direito, confundindo-o, porém, «com as leis postas e impostas pelo Estado e com os direitos regulados nos termos da lei». Ou, melhor dizendo, com «uma visão formal do Estado de direito».

É que um Estado de direito não o é «se não for um Estado de justiça social». Nem sequer o é sob o ponto de vista formal se não cumpre por omissão um artigo da



Agostinho Lopes alerta para eventual agravamento da desvitalização do Alentejo

Constituição (94.º) e, ainda, anuncia a intenção de nunca o cumprir. Mas um Estado que «indemniza» com milhões de contos meia dúzia de grandes latifundiários e exige aos trabalhadores a devolução do crédito agrícola de emergência investido nas terras de que foram despossuados, não é um

Estado de justiça nem de direito.

Ora, o que o PCP propõe é, afinal, que se consolide uma nova estrutura social «assente em pequenas e médias explorações de tipo familiar e em cooperativas, privilegiando a fixação dos alentejanos à sua terra. A não se verificar esta alteração, «corre-se o sério risco» de

continuar a desvitalização do mundo rural alentejano e da sua cultura e o aparecimento, em seu lugar, de agricultores estrangeiros que adquirem as terras valorizadas pelo regadio, e de multinacionais agroalimentares, com interesses assentes na exploração predadora dos nossos recursos e em mão-de-obra barata.

Crítérios televisivos...

Numa carta de saudação a José Rodrigues dos Santos pelas suas novas funções de Director de Informação da RTP, o responsável pelo Gabinete de Imprensa do PCP, António Rodrigues, registou o seu desagrado pelo facto de a presença de uma equipa de reportagem da RTP na conferência e imprensa da Comissão Política sobre problemas de agricultura não se ter traduzido por qualquer notícia no telejornal desse dia que, aliás, incluía um bloco de notícias sobre a agricultura com a presença do respectivo ministro.

António Rodrigues considera que, tendo em conta a prontidão com que a RTP noticiou a resposta crítica do ministro às propostas formuladas pelo secretário-geral do PCP «por uma reforma agrária em novos moldes no perímetro de rega do Alqueva» - a que Agostinho Lopes respondeu nessa conferência de imprensa -, verifica-se, lamentavelmente, «a desigualdade de critérios utilizada».

Portugal injustamente penalizado

Agostinho Lopes manifestou também as preocupações do PCP relativamente às medidas de política agrícola do Governo e à sua incapacidade/passividade em enfrentar os problemas.

A verdade é que, apesar das afirmações do ministro da Agricultura de que Portugal, concretizou «as medidas de prevenção e controlo», o País continua a ser injustamente penalizado pelo embargo comunitário à carne de bovino, sem que o Governo reaja de forma vigorosa.

Quanto às propostas apresentadas pela Comissão respeitantes às reformas das OCM do suíno, do arroz, das frutas e dos legumes, elas são «inaceitáveis», discriminando mesmo, no caso das frutas e legumes, as culturas mediterrâneas.

O PCP chama, porém, a atenção para dois problemas relevantes.

O primeiro diz respeito às quotas leiteiras que vão penalizar os agricultores do Continente e dos Açores, em particular, em cerca de 5 milhões de contos, apenas porque o Gover-

no português, durante a Presidência Portuguesa, não quis resolver o problema, preferindo o «prémio» da concessão pela Comunidade do direito à manutenção da ajuda co-financiada aos cereais.

Embora reconhecendo a importância dessa ajuda para os pequenos produtores de cereais, o PCP considera a opção do Governo «globalmente errada», pois bloqueia a necessária reconversão cultural do Sul do País e está condenada a curto prazo.

O segundo tem a ver com a liquidação da EPAC - que vai traduzir-se «por uma maior desvalorização dos cereais nacionais» e mesmo pelo encarecimento de alguns factores de produção - e com a privatização da SILOPOR, de consequências particularmente graves, quer pelo seu carácter estratégico na competitividade da Fileira Agroalimentar nacional quer por ameaçar a própria segurança alimentar do País. Basta lembrar que 80% das importações das matérias-primas destinadas às indústrias alimentares e de rações para animais transitam pela SILOPOR.

▼ CAMARADAS FALECIDOS

Maria Correia

Faleceu, no dia 6 de Agosto, a camarada Maria Correia, destacada militante do PCP desde os anos 50. Foi uma das tipógrafas que assegurou a continuidade da imprensa clandestina entre 1953 e 1966, além de ter integrado até Abril de 1974 a rede de casas de apoio à actividade do PCP, durante o regime fascista. Entrou na clandestinidade com o seu companheiro Antero Costa em 1953 e, no mesmo ano, inicia a impressão de folhetos numa tipografia situada na Buraca, Amadora. Dos prelos que lhe foram sucessivamente confiados, saíram milhares de exemplares de «O Camponês», «O Corticeiro», «O Têxtil», «Jovens Livres» e «Tribuna Livre» que, de Norte a Sul do País, permitiram manter uma informação diferente às massas trabalhadoras, um esclarecimento político constante sobre as grandes questões nacionais e internacionais, e o apelo à unidade e mobilização para a luta dos explorados. Nesta importante frente de combate, Maria Correia esteve sempre presente.

Salvador Pereira Amália

Faleceu, no dia 1 de Agosto, o camarada Salvador Pereira Amália, natural de Setúbal e destacado antifascista e militante do Partido. Começou a trabalhar numa fundição aos 11

anos, tomando em 1936 contacto com o Partido, que o encarrega da distribuição do «Avante!» na empresa. Em 1938, é pela primeira vez preso pela PIDE, sendo libertado sem culpa formada dez meses depois. Tendo perdido o emprego, começa a trabalhar como trabalhador indiferenciado e, mais tarde, já como fundador, na SAPEC, de onde foi despedido devido à sua acção em prol dos direitos dos trabalhadores, começando, em 1943, a trabalhar por conta própria. Em 1944 aceita o convite do Partido para ingressar na clandestinidade, situação em que se encontra quando volta a ser preso em Maio de 1945. Fazia então parte do Comité Local de Lisboa e acabava de ingressar no Comité Central como membro suplente. Sai em liberdade em Março de 1946, voltando à clandestinidade em Agosto de 1948, como responsável pela Região do Algarve, de onde sai para ingressar numa tipografia do «Avante!», em Lisboa, sendo mais tarde destacado para a Zona Norte. É de novo preso em 1951, cumprindo sete anos de cárcere. Já na legalidade, retoma as tarefas do Partido. Depois do 25 de Abril, permanece ligado ao PCP, tendo integrado vários organismos de direcção. Era membro da URAP.

*

Aos familiares e amigos dos comunistas falecidos, o colectivo do «Avante!» manifesta sentidas condolências.

Matosinho

Insegurança na EN107

A passagem superior para peões na zona da Barranha, freguesia da Senhora da Hora, em Matosinhos, que atravessa a estrada nacional 107, continua envolta em polémica. Para esclarecer a situação e apresentar uma solução rápida para o problema que a CDU realizou, há vários dias, uma conferência de imprensa.

Pese a construção (atrasada) da passagem, «arrancada» à JAE pelas reivindicações da população senhorense e da CDU, a realidade é que a sua concepção se mantém defeituosa, continuando a contribuir para a insegurança da travessia daquela frequentada via de tráfego.

Assim, para quem tem de atravessar a passagem superior com o objectivo de apanhar o autocarro - cuja paragem fica na berma da dita estrada, entretanto promovida a IC1 -, é reservado um percurso «campestre» que obriga a descer da passagem superior por uma «escapatória» construída a martelo, e a atravessar um morro de fetos que vai até à estrada por um trilho de terra batida, até à paragem. É fácil perceber as dificuldades que um tal percurso traz aos utentes dos transportes públicos, sobretudo crianças e idosos.

A CDU, depois de ter alertado para a situação actual da passagem, na pró-

pria Assembleia Municipal de Matosinhos, propôs, entre outras medidas, a melhoria das condições de acesso da passagem da Barranha à EN107, a criação de condições de segurança para os utentes dos transportes públicos que frequentam aquela paragem dos STCP e a construção de outra passagem para peões, na mesma estrada, junto à zona de Gonçalves, na freguesia de Leça da Palmeira.

No sentido de facilitar o acesso das ambulâncias e dos veículos de transporte ao Hospital Pedro Hispano, a CDU propôs ainda a construção de um acesso directo do hospital à EN107.

FNAM escreve a António Guterres Paixão em lista de espera

A apressada abertura dos hospitais aos privados ultrapassou medidas urgentes e necessárias previstas pelo próprio Governo.

Para a Federação Nacional dos Médicos, o estatuto jurídico que abre os hospitais à gestão privada «é uma medida económica aplicada à saúde, mas não é uma medida de política de saúde», que «não soluciona nenhum dos estrangulamentos do Serviço Nacional de Saúde» e que «afunila a discussão em torno de uma política alternativa».

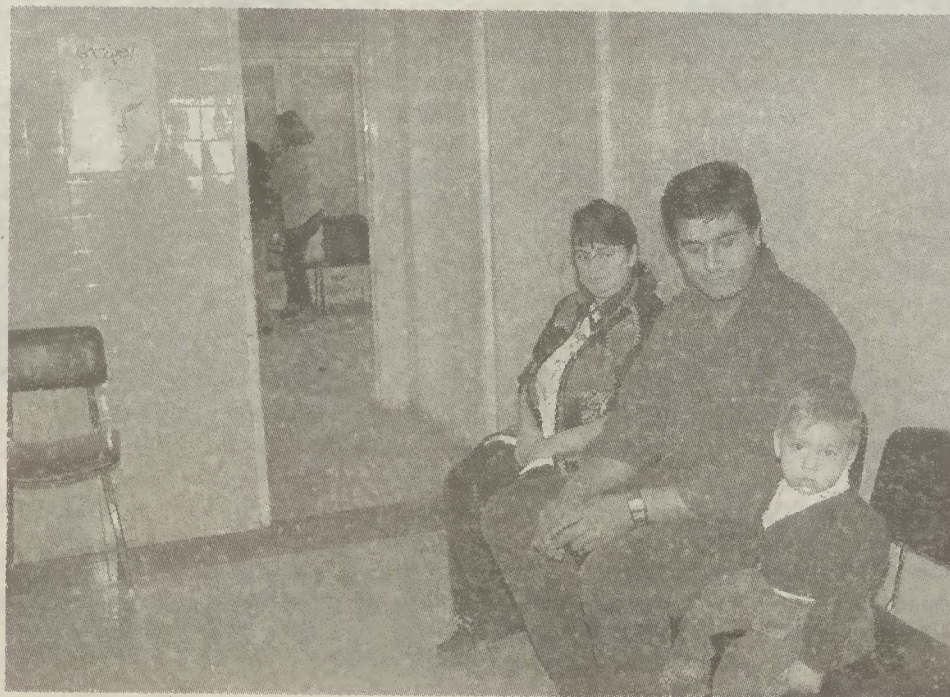
Em conferência de imprensa dada na semana passada, o presidente da FNAM acusou o Ministério da Saúde de «deliberadamente» não respeitar os compromissos assumidos. Para a federação sindical, é «urgente» a intervenção do primeiro-ministro, a quem foi endereçada uma carta-aberta. «A paixão de António Guterres continua em lista de espera», comen-

tou Clíio Correia, citado pela Agência Lusa. Além do primeiro-ministro, a FNAM vai também levar o problema ao Presidente da República e aos grupos parlamentares.

A comissão que devia avaliar a Feira nem sequer funcionou

A extensão do estatuto jurídico do Hospital da Feira ao Hospital do Barlavento Algarvio, sem o previsto relatório de profissionais especializados sobre a eficácia da abertura à gestão privada, foi mais uma vez criticada pelos sindicalistas médicos. O pedido de reunião com a ministra da Saúde, apresentado a 7 de Junho para debater esta questão, só no dia 3 de Agosto recebeu resposta de Manuela Arcanjo, que agendou a audiência para 31 de Agosto.

A ministra é acusada pela federação de não respeitar, sequer, «compromissos já



Que esperem os doentes e profissionais da Saúde, pois o negócio é mais urgente (foto de arquivo)

assumidos» com os representantes dos médicos, nomeadamente: a aplicação do pagamento do trabalho extraordinário pela tabela única das 42 horas; o pagamento faseado da dívida de 4,6 milhões de contos aos clí-

nicos gerais, por não actualização do subsídio de fixação desde 1992; a alteração dos regulamentos dos concursos de provimento; medidas de apoio à fixação dos médicos em locais económica e socialmente mais débeis; e a con-

cretização de uma reorganização estrutural (centros de saúde de terceira geração, centros de responsabilidade integrados, sistemas locais de saúde, regime remuneratório experimental e agências de contratualização).

Perigo no Hospital de Leiria

Os profissionais de saúde do hospital de Leiria «estão expostos a condições infecciosas muito perigosas que podem causar danos sérios», denunciou sexta-feira o Sindicato dos Enfermeiros Portugueses. Carlos Santos, dirigente do SEP, disse à Agência Lusa que a administração hospitalar ainda não activou o núcleo de higiene e segurança do trabalho nem o serviço de medicina no trabalho, colocando os profissionais expostos a «todos os tipos de situações infecciosas», pois o único serviço existente para acompanhar os trabalhadores (a comissão de controlo da infecção hospitalar) não está a funcionar em condições.

O sindicato já havia alertado a administração do hospital para este problema. Em Julho, um aborto de uma enfermeira aumentou a desconfiança dos trabalhadores. No nado-morto foi encontrada uma bactéria que também existe nos serviços de Medicina I e nas Urgências, levando a direcção sindical a suspeitar de uma possível contaminação.

«Nós sabemos que estamos expostos a um conjunto de situações, mas queremos que haja um controlo mais efectivo por parte dos serviços hospitalares», reclamou o sindicalista. Para além deste caso, Carlos Santos referiu a existência de estafilococos «em diversos serviços» e considerou perigosa a presença de crianças em determinados locais do hospital.

O Conselho de Administração do hospital mostra que não está empenhado na resolução do problema, acusa o SEP. «É certo que o hospital é um meio agressivo, mas não existe razão para não se tomarem as devidas precauções», salienta Carlos Santos.

Portugal Telecom insiste na chantagem

Apesar de Murteira Nabo, presidente da Portugal Telecom, continuar a repetir que a redução de pessoal já não é uma prioridade da sua gestão, subsiste na PT uma realidade «de pressão, de chantagem psicológica, de existência de listas de disponíveis» e um «ritmo acelerado» na convocação de trabalhadores para entrevistas onde «a primeira alternativa que lhes colocam é de rescisão do contrato».

Para o Sindicato Nacional dos Trabalhadores das Telecomunicações e Audiovisual, «teremos de concluir

que o Dr. Murteira Nabo joga habilmente com as palavras ou, então, anda muito distraído com a realidade existente nesta empresa».

Num comunicado em que acusa o presidente da PT de negar na prática o que afirma e reafirma na teoria, o Sinttav/CGTP aponta um rol de motivos por que «está na hora de dizer basta» a esta administração. Aqui se volta a referir o «clima de medo e de pressão psicológica» sobre os trabalhadores, «para que estes abandonem a empresa». Sucede que,

«em seguida, alguns são convidados para ocuparem o mesmo posto de trabalho, por conta dos prestadores de serviços externos», situação em que existem já alguns milhares de postos de trabalho.

Também a «reorganização permanente» em que vive a PT e que gera instabilidade e desorganização dos serviços pode, para o sindicato, ter como objectivo «afectar psicologicamente os trabalhadores e criar no seu espírito a ideia de que a solução está no abandono da empresa».

Contenção?

O sindicato reafirma a acusação de que os responsáveis da gestão da PT decidiram impor «uma contenção de custos contra quem trabalha e produz a riqueza que eles gastam sem limites».

Por um lado, acusa o Sinttav, «cortaram na limpeza das instalações, na aquisição de equipamentos, ferramentas e fatos de trabalho, na formação profissional e nas regalias sociais». Mas «gastam sem limites e sem controlo nas viagens ao estrangeiro, em prémios chorudos por «bom

desempenho, em carros de topo de gama, em patrocínios às equipas profissionais de futebol, de basquete, de ciclismo, a tudo quanto é comunicação social». E também gastam em «remodelações permanentes dos seus gabinetes», em «obras sem controlo orçamental» nos edifícios das Picoas e da Rua Andrade Corvo, em Lisboa; gastam em «mudanças constantes dos serviços».

«Há dinheiro para tudo, menos para satisfazer as necessidades e anseios dos trabalhadores», conclui o sindicato.

Por que falta pessoal na hotelaria?

«Pague-se salários dignos, cumpram-se os direitos dos trabalhadores, proporcione-se horários compatíveis, faça-se com que o sector seja atractivo e ver-se-á que não há falta de mão-de-obra», afirma o Sindicato da Hotelaria, Turismo, Restaurantes e Similares do Sul.

Só que em vez disso, «o patronato do sector, com a cumplicidade do Governo, continua através da negociação colectiva numa postura de chantagem inadmissível, querendo fazer depender aumentos salariais dignos da retirada de direitos fundamentais» e, depois, «hipocritamente, vem a público derramar lágrimas de crocodilo, dizendo que há falta de mão-de-obra no sector».

A denúncia foi feita sexta-feira, pela direcção do sindicato, após uma reuni-

ão em que foi analisada a situação social, com fortes críticas à política do Governo PS, considerada «causa principal dos problemas do País». O sindicato apelou aos trabalhadores para que prossigam a luta por melhores salários, pela defesa dos direitos, pela redução do horário com dois dias de descanso semanal consecutivos, por melhores condições de vida e de trabalho e «por uma política de esquerda, capaz de conduzir à resolução de grande parte dos problemas existentes no sector de no País».

Eleições na Torralta

Realizam-se hoje e amanhã as eleições para a Comissão de Trabalhadores da Torralta, culminando um processo

que decorreu «com grande dinamismo, estando os trabalhadores fortemente empenhados na eleição e organização dos seus órgãos representativos» — como notava a Comissão Eleitoral, num comunicado recentemente divulgado.

Actualmente, referia o documento, o pessoal da Torralta continua a «exigir que todos os seus direitos e interesses sejam totalmente respeitados no processo de reestruturação da empresa, iniciado pela Sonae após a compra dos créditos ao Estado». Neste contexto, «mais do que um direito constitucional, democrático e legal, é preocupação dos trabalhadores continuarem a ter órgãos representativos fortes, combativos e eficazes na defesa dos seus direitos e interesses».

Greve dia 31 na Soflusa

O pessoal de terra da Soflusa, empresa que assegura as ligações fluviais entre Barreiro e Lisboa, vai estar em greve a 31 deste mês, reivindicando uma revisão salarial e dos prémios de assiduidade. A decisão de realizar uma greve de 24 horas foi tomada terça-feira por mais de meia centena de funcionários concentrados em plenário no terminal rododfluvial do Barreiro, informou o presidente do Sindicato dos Transportes Fluviais, Costeiros e da Marinha Mercante (STFCMM), Albano Rita. As carreiras entre as duas margens foram hoje parcialmente interrompidas entre as 14.00 e as 16.00 horas.

Na origem da paralisação, que abrangerá cerca de 50

agentes comerciais e auxiliares de terra, está a actualização salarial e de prémios de assiduidade.

«O pessoal de terra ganha, em termos de prémios de assiduidade, menos 19 contos que a tripulação dos navios e, ao nível de salários, menos três contos que os auxiliares administrativos, o que não é justo», disse o dirigente sindical.

Para além do STFCMM, convocaram a greve o Sindicato Nacional do Sector Ferroviário, o Sindicato da Mestrança, Marinhagem da Marinha Mercante e Fogueiros de Terra e o Sindicato dos Trabalhadores da Marinha Mercante, Agências de Viagens, Transitários e Pescas.

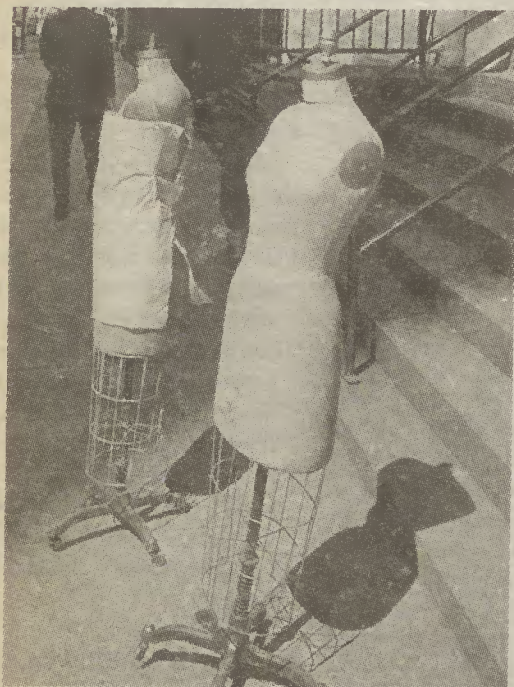
O poder tem sexo?

• Odete Santos

Coincidindo com a apresentação na Assembleia da República de uma Proposta de Lei relativa à Paridade entre mulheres e homens nos centros de decisão política, trouxe o jornal "Público", no dia 24 de Julho, uma série de artigos sobre a situação das mulheres nos países nórdicos. Convirá desde já rectificar uma afirmação feita num desses artigos. Aí se diz que nos países nórdicos existem quotas. Isto assim dito, cria a convicção de que, na Suécia, na Finlândia, na Noruega, na Dinamarca, existe uma lei, como a que agora aqui se quer implementar, obrigando os Partidos a apresentar determinada percentagem de mulheres nas listas eleitorais.

E isto não é verdade.

O mesmo jornal entrevistou há tempos a actual Presidente da República da Finlândia, então candidata, que ao ser interrogada sobre o assunto, e ao saber que em Portugal se queria impor uma lei de quotas, mostrou-se surpreendida dizendo: Não, nós chegámos lá naturalmente!



Na verdade, em nenhum dos países escandinavos existe uma lei consagrando quotas ou a paridade nos cargos políticos electivos.

Apenas nos cargos de nomeação, vigoram na Finlândia, na Dinamarca, na Noruega regimes legais impondo um objectivo de representação paritária entre homens e mulheres. (1)

E é precisamente aí que o Governo não quer fixar o objectivo de uma maior representação de mulheres. A Proposta de Lei impõe aos Partidos a obrigação de incluir nas listas uma representação de cada sexo não inferior a 33,3%, nas eleições para a Assembleia da República, para o Parlamento Europeu, para as autarquias locais. Mas não impõe o mesmo objectivo para o Governo e para os restantes cargos políticos de nomeação.

Regressemos ao conteúdo dos artigos do jornal "Público".

Não constitui novidade a revelação de que as mulheres dos países nórdicos não atingiram a igualdade. Isto, apesar de através de um longo processo reivindicativo (cerca de 90 anos desde que as mulheres adquiriram o direito de voto) os Partidos terem fixado objectivos de quotas para as mulheres. Isto apesar de os Parlamentos desses países terem uma grande percentagem de mulheres. Já o *Monde Diplomatique* (2) nos dava conta das discriminações de que eram vítimas as mulheres dos países

nórdicos. Ordenados mais baixos do que os dos homens, fraquíssima percentagem de mulheres nos cargos de alto nível (na altura apenas 3%)

A norueguesa Wenche Meldahl, Presidente de uma grande empresa têxtil, afirmou: "O maior banco da Noruega acabou de convidar os seus cinquenta mais importantes clientes, e eu era a única mulher convidada. É inadmissível."

É de registar que mesmo em relação à violência doméstica, os Relatórios feitos nos países nórdicos mostram que as mulheres escandinavas não são imunes a esta forma de opressão patriarcal. Toda a situação, ainda que melhor do que a nossa, levaria uma mediadora para a igualdade em Estocolmo, a afirmar: "A batalha pela igualdade dos sexos está longe de ter sido ganha, apesar do nosso notável triunfo na esfera política." (3)

Os exemplos estrangeiros levam inevitavelmente à conclusão de que a paridade não constrói a igualdade. E põem em causa afirmações constantes do preâmbulo da Proposta de Lei apresentada pelo Governo.

Como, por exemplo, as seguintes:

"é a paridade que verdadeiramente reconhece estas duas dimensões essenciais (o masculino e o feminino) e dá resposta ao princípio da igualdade, enquanto requisito democrático e direito fundamental",

"quanto mais depressa esta proposta passar a lei, melhor será a qualidade de vida das portuguesas e dos portugueses".

A proposta de lei radica, aliás em fundamentos que as feministas radicais têm combatido. E que foram repescados do debate francês:

"(a paridade) afirma esta verdade evidente, e contudo desde sempre negada, que a humanidade é sexuada, e que a política pura, se quiser ser humana, deverá ser sexuada".

Sem espaço para desenvolver esta ideia - a questão da diferença e das

barreiras biológicas que se impuseram ao sexo feminino, e que por via disso sofreu discriminações - é manifesto que aquela afirmação contraria mesmo as modernas e feministas Teorias do Género que não podiam deixar de ser desenvolvidas a partir do materialismo histórico. É que, parafraseando Simone de Beauvoir, não nascemos mulheres, nem homens. Fazemos-nos homens e mulheres, e para tal não é relevante a biologia, mas as relações de domínio do género masculino sobre o feminino.

Enquanto tais relações de domínio patriarcal não forem destruídas, através de uma política humana, a paridade não trará, como não trouxe, resultados em relação à igualdade.

Nos artigos do Público podem ler-se declarações de mulheres que acederam ao poder e que modificaram os seus comportamentos, como confessam, para os regular pelo padrão dominante.

E o padrão dominante é aferido pelo poder do dinheiro.

O género dominante é o masculino.

Mas o sexo do poder é o dinheiro.

(1) *Democracia com mais cidadania* - edição da Presidência do Conselho de Ministros - estudo de Luísa Duarte, professora da Faculdade de Direito de Lisboa.

(2) *Manière de voir* n.º 44 - Março e Abril de 1999 - páginas 46 e seguintes - Luta inacabada na Escandinávia.

(3) Vide nota anterior.



Empresas funcionam sem normas de segurança

Apesar das denúncias e da exigência de medidas

Sinistralidade cresce no sector corticeiro

Tem vindo a aumentar a sinistralidade em empresas do sector corticeiro. Perante esta tendência, evidenciada mais recentemente por dois acidentes graves, o sindicato do sector exige mais e melhor fiscalização da Inspeção Geral do Trabalho.

Também o Grupo Parlamentar do PCP, em requerimento subscrito pelo deputado comunista Vicente Merendas, inquiriu já o Governo sobre as medidas que pensa adoptar com vista a garantir o respeito pelas normas legais de segurança no plano da instalação e funcionamento das empresas.

Em causa estão concretamente as condições de segurança em que laboram os estabelecimentos industriais de fabrico de rolas de cortiça que envolvem operações de colmatagem e de revestimento de superfície. Trata-se de dois processos visando a melhoria das rolas de classes inferiores, que consistem, no primeiro caso, no preenchimento das suas imperfeições por pó de cortiça através da utilização de colas, e, no segundo pela aplicação de um revestimento à base de polímeros em meio solvente destinado a melhorar o seu aspecto visual.

Casos de negligência

A grande questão está em saber se a avaliação dos riscos para a segurança e saúde dos trabalhadores tem sido correctamente equacionada pelos responsáveis das empresas. A avaliar pelos sucessivos acidentes de trabalho ocorridos nesta actividade, tudo indica que não, isto é, que não têm sido adoptadas as necessárias medidas preventivas, havendo mesmo razões para crer que em muitos casos se está perante casos de negligência pura.

Isto mesmo reconhece a Comissão Técnica de Avaliação criada pela Direcção Regional de Economia do Norte que, em Relatório com data de Março de 1998, salienta o elevado «grau de perigosidade» existente nesta actividade, defendendo por isso a necessidade de «serem encontradas as soluções ajustadas para diminuir o risco e o perigo de acidente».

Nesse relatório, a Comissão Técnica de Avaliação confirma a

existência de «risco de explosão e incêndio» nas operações de colmatagem, devido, sobretudo, explica, à utilização de solventes ou produtos cujos pontos de inflamação são inferiores a 25 °C e cujos gases ou vapores formam com o ar, à temperatura ordinária, misturas explosivas.

A este factor acrescem, ainda segundo o referido relatório, a «concepção e condições de instalação deficientes, incluindo a localização,

As más condições de higiene e segurança potenciam o grau de perigosidade do processo de fabrico

Santa Maria da Feira - chegou a partir da própria realidade que observou no terreno. Isto é, como sublinha no documento, das quinze empresas visitadas com operações de colmatagem, empregando 1804 trabalhadores, apenas duas (13,3 por cento) se encontravam em condições de laborar, apesar de necessitarem de introduzir melhorias nas suas

condições. Em relação a duas outras era proposto o encerramento imediato, defendendo a Comissão quanto às restantes onze a sua «remodelação imediata».

Da avaliação efectuada realce merece ainda a recomendação no sentido de serem desenvolvidas «acções de inspecção, vistoria e, mesmo, de sensibilização para o problema

A inércia do Governo

Não se conhecem quaisquer acções do Governo tendentes a superar ou a minimizar a falta de condições de segurança que estão na origem da sinistralidade no sector corticeiro. Isto não obstante terem passado dois anos sobre a elaboração de um relatório oficial que, entre as suas conclusões, sublinha de modo claro o seguinte:

- existe o risco elevado de explosão e de incêndio nas operações de colmatagem;

- é grande o número de empresas com um risco elevado e com problemas de segurança, quer para os trabalhadores quer para terceiros e para o meio ambiente;

- a totalidade dos estabelecimentos necessitam de reformular, em maior ou menor grau, as suas instalações da secção de colmatagem e as condições de armazenagem dos produtos inflamáveis;

- é generalizada a inexistência de um plano de segurança e emergência.

tipo de instalações eléctricas, organização de trabalho inadequado com cadências de produção elevadas, ausência de formação profissional e informação dos trabalhadores, não respeito pelas normas de segurança».

Realidade inimaginável

Conclusões a que a Comissão Técnica de Avaliação - integrada, para além da Direcção Regional de Economia do Norte, pela delegação de S. João da Madeira da IDICT e pela Delegação de Saúde Concelhia de

com vista a minimizar ou eliminar o risco, a prevenir acidentes, defender o meio ambiente e a segurança de terceiros».

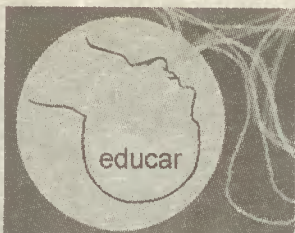
Mas o mais dramático de toda esta situação é que, passados dois anos sobre esta avaliação e respectivas conclusões, como salienta Vicente Merendas no requerimento dirigido ao Governo, «não se conhece qualquer tipo de acção desenvolvida» por qualquer entidade ou organismo do Estado. Isto, observa, enquanto «trabalhadores continuam a morrer ou a ficar mutilados nos seus locais de trabalho».



O País na Festa

As organizações regionais trazem à Atalaia a diversidade regional.

Centrais



Arte pública

Quatro projectos artísticos vão surpreender os visitantes da Festa.

Págs. 18 e 19



Apoios à corrida

Várias personalidades ligadas ao desporto saúdam a Corrida da Festa.

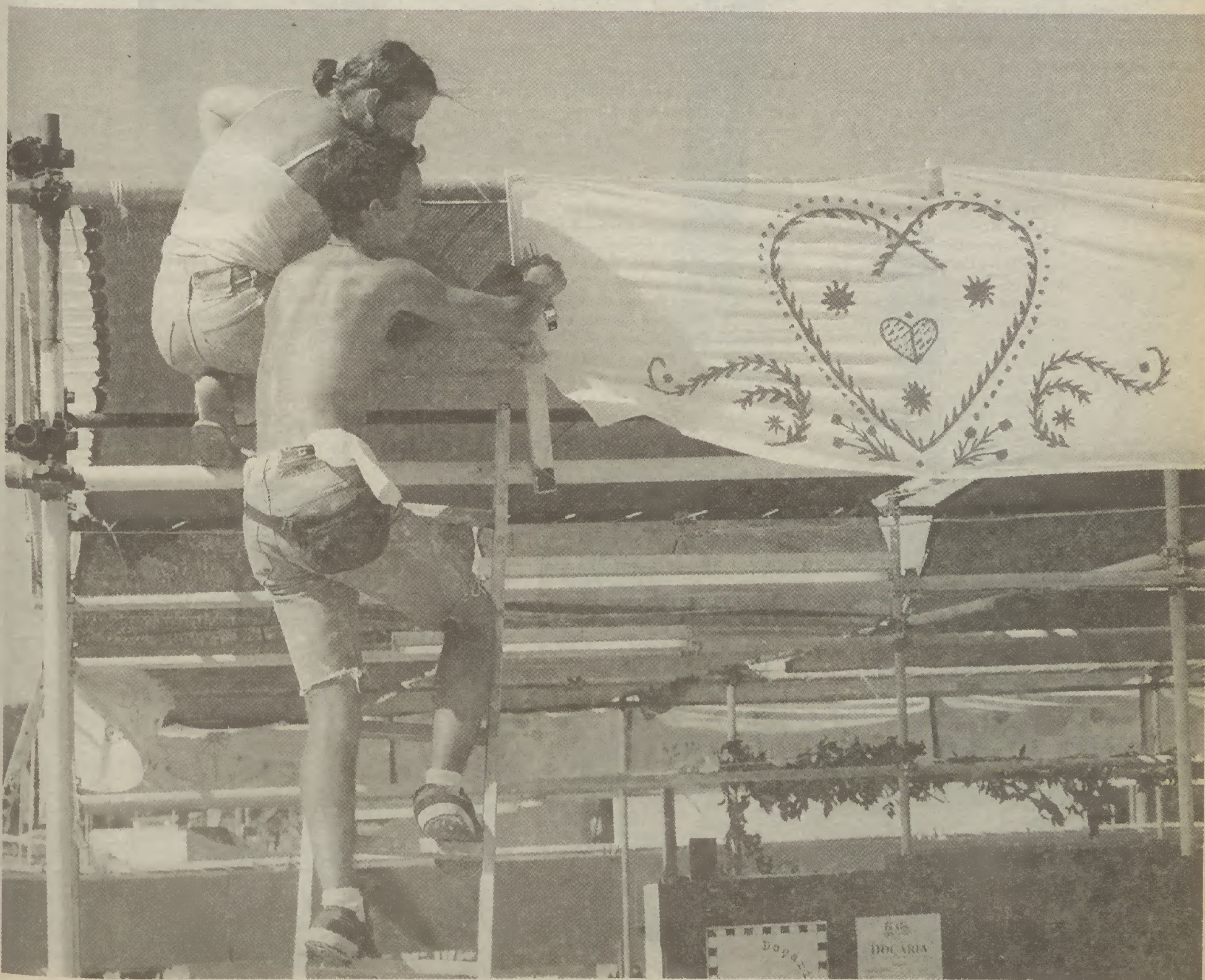
Pág. 20

da festa!

FESTADO *de* frente! 2000 1 2 3 SETEMBRO • ATALAIA • AMORA • SEIXAL

A força da Juventude

O Espaço da JCP é um dos locais mais animados da Festa. Nesta edição, os jovens comunistas prometem repetir o sucesso dos outros anos com espectáculos de música, poesia, teatro, exposições e bares. Destaque para a 2.ª Mostra de Curtas Metragens, dedicada ao cinema de animação.





Espaço da JCP Criatividade, cultura e ideais

O espaço da JCP na Festa do *Avante!* é maior este ano. E lá dentro cabe um mundo: as exposições, os espectáculos de música, os bares, a 2.ª Mostra de Curtas Metragens, a declamação de poesia, os *sketches* de teatro e a banca de materiais.

Em conversa com o *Avante!*, Jorge Martins, membro do Secretariado e da Comissão Política da JCP, contou as inovações que os jovens comunistas apresentam na edição deste ano da Festa.

O grande destaque vai para a 2.ª Mostra de Curtas Metragens, mas a animação promete marcar presença em todo o espaço. O Bar Cocktail vai fazer a sua estreia com uma vasta lista de bebidas, numa oferta diferente da dos outros quiosques. A organização promete surpreender.

O bar de comida vegetariana, situado junto ao pavilhão da Madeira, vai certamente atrair ainda mais visitantes do que em 1999. «O ano passado resultou muito bem. Logo no primeiro

dia desapareceu uma série de refeições», lembra Jorge Martins, que garante que haverá novos pratos em Setembro. Entre a visita à exposição política sobre as grandes lutas dos jovens neste ano, os espectáculos do Palco Juventude (ver caixa) e as compras na banca de materiais, os visitantes poderão ainda adquirir o último número do «Agit», o jornal da JCP, à venda em diversos pontos do recinto.

Cinema e debates

Pelo segundo ano consecutivo, a JCP promove uma Mostra de Curtas Metragens, este ano dedicado exclusivamente ao cinema de animação. Contando com a colaboração do Festival «Cinanima» de Espinho, serão apresentados seis filmes no Espaço Multiusos, com a participação e o comentário dos autores.

Na noite de sexta-feira, é exibida «A Caixa Negra», de Nuno Amorim, e «Cof

», de José Pedro Cavalheiro e Zepe. No sábado, são apresentados «De Cabeça Perdida», de Isabel Aboim, «Fragmentos de Sal», de Cristina Teixeira, e «A Suspeita», de José Miguel Ribeiro. No domingo, é a vez de «Fado Lusitano», de Abi Feijó, «Evasão-Invasão», de Paulo Simões, Fernando Galrito e Joana Rebelo, e «A Noite», de Regina Pessoa. No mesmo local haverá declamação de poesia, *sketches* teatrais e quatro debates sobre temas de actualidade: «PCP, Partido da juventude», «A revisão curricular e a luta no ensino secundário», «O emprego com direitos» e «Nato, o braço armado do imperialismo».



Jorge Martins

Brigadas de contacto

O que são as brigadas de contacto? São militantes da JCP, preparados para responder a todas as perguntas, que vão abordando os jovens visitantes da Atalaia. Este ano lá estarão mais uma vez. «Surge todo o tipo de questões,

desde aos objectivos do Partido às nossas propostas sobre a toxicod dependência», conta Jorge Martins.

Nesta edição, o tema a lançar será «PCP, Partido da juventude». «Tentamos que as nossas ideias cheguem às pessoas e discutimos todos os assuntos que surgem. Normalmente, além de esclarecer, temos adesões à JCP e ao Partido», explica.



Palco Juventude Rampa de lançamento

A JCP volta a promover este ano o Festival Novos Valores, desta vez no Palco Juventude. As bandas que se apresentam na Atalaia são as vencedoras dos concursos regionais que se têm realizado nos últimos meses. Neste momento já estão apurados os grupos de Santarém, Lisboa, Setúbal, Coimbra, Évora, Seixal e Aveiro. Algumas bandas convidadas também actuarão nos dias da Festa. Jorge Martins revela alguns pormenores. - Este ano vai haver alterações no palco? - Ao longo dos anos, a qualidade dos grupos que actuam nos palcos da JCP foi aumentando e naturalmente a quantidade de público também cresceu. Isto quer dizer que este ano sentimos necessidade de aumentar o espaço.

- Há muitas bandas a concorrer? - Há muitas bandas a concorrer e muitas bandas a mandar maquetas fora dos concursos. No festival de Aveiro, por exemplo, houve três eliminatórias. São muitas as bandas que passam pelo projecto dos «Novos Valores». Normalmente, há uma pré-selecção, ou seja, ainda há mais bandas para além daquelas que participam nos festivais.

- As bandas que concorrem - e que naturalmente têm como objectivo tocar na Atalaia - vêm a Festa como um local privilegiado para chegar a um público mais abrangente?

- Há muita gente do meio musical que quer ir tocar à Festa por ser um ponto de referência nacional. Por outro lado, a Festa é uma rampa de lançamento para muitas bandas novas. No ano passado, um dos grupos que esteve no Café Concerto foi contactado no fim do espectáculo por uma editora para fazer uma digressão em Espanha. Há uma série de grupos que começam na Festa e, quando voltam no ano seguinte, já são conhecidos.

- Isso também significa que, regra geral, a qualidade das bandas é boa?

- Primeiro, os festivais permitem que se apresentem bandas de qualidade. Depois, o público da Festa é muito exigente, porque está habituado a grandes grupos e a grandes músicos. Para as bandas isto é um desafio.

- Quais são os géneros musicais que predominam?

- Nos grupos apurados, há muito *rock* e muito *ska*. Também aparece *heavy metal* e outros estilos novos, misturas de *pop-rock* com instrumentos que não estamos habituados a ouvir.

- Estão previstas as actuações de bandas convidadas. Já se conhece os nomes?

- Ainda não, mas são bandas que não passam pelos festivais por considerarem que já ultrapassaram a fase dos concursos. Alguns grupos tocam nas nossas iniciativas ao longo do ano. Nesta altura, temos centenas de maquetas na sede da JCP e cada dia chegam mais.

Comboio da Juventude

Com o lema «Em festa para a Festa», a JCP volta a organizar um comboio para a Quinta da Atalaia. O comboio parte na sexta-feira, dia 1 de Setembro, do Porto, da estação de Campanhã, às 10 horas, e segue para Gaia (10.06 horas), Espinho (10.18 horas), Ovar (10.30 horas), Aveiro (10.48 horas), Coimbra (11.24 horas), Entroncamento (12.23 horas) e Santarém (12.47 horas). Chega à estação de Entrecampos, em Lisboa, às 13.47 horas.

Depois segue-se para o comboio da Ponte 25 de Abril até aos Foros da Amora, onde autocarros asseguram a ligação à Festa. Agora é só adquirir os bilhetes nos centros de trabalho do PCP ou da JCP e juntarem-se ao Comboio da Juventude.



Jornadas de trabalho A animação de construir a Festa

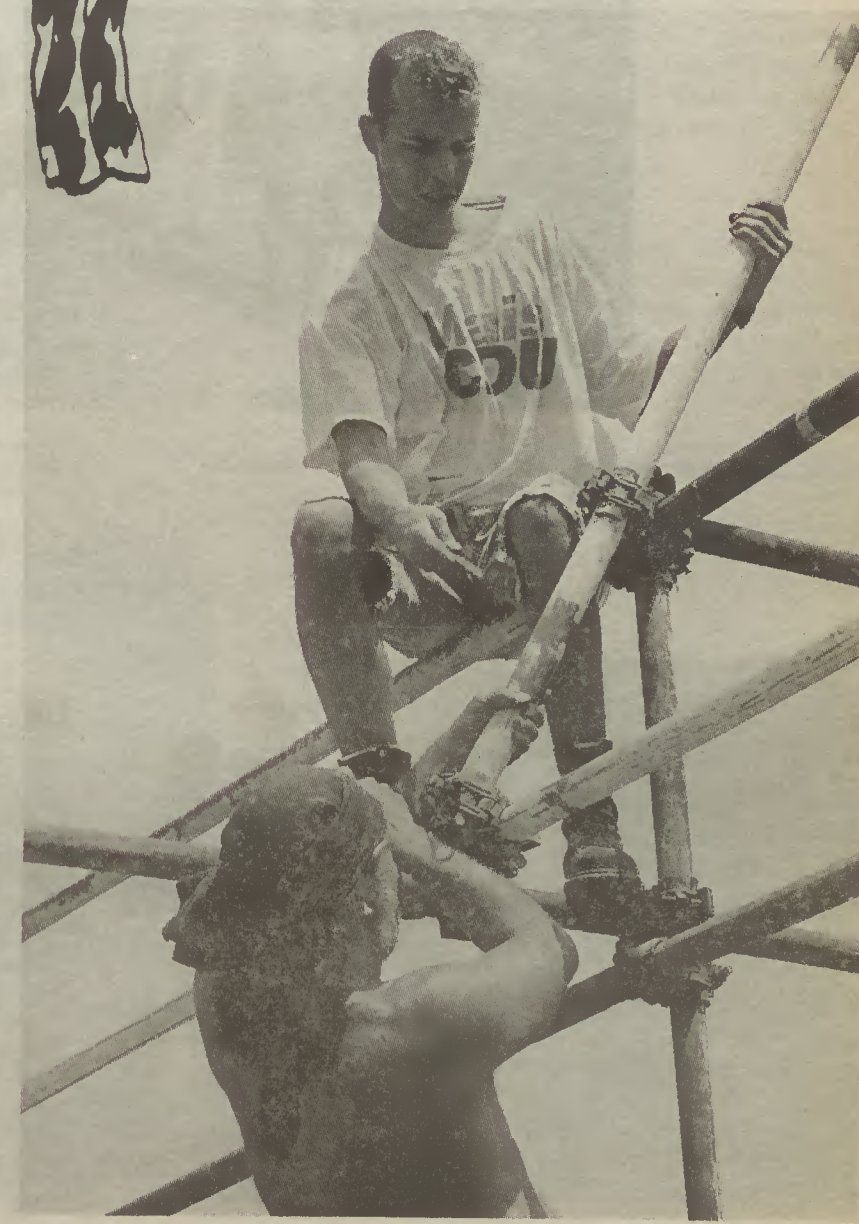
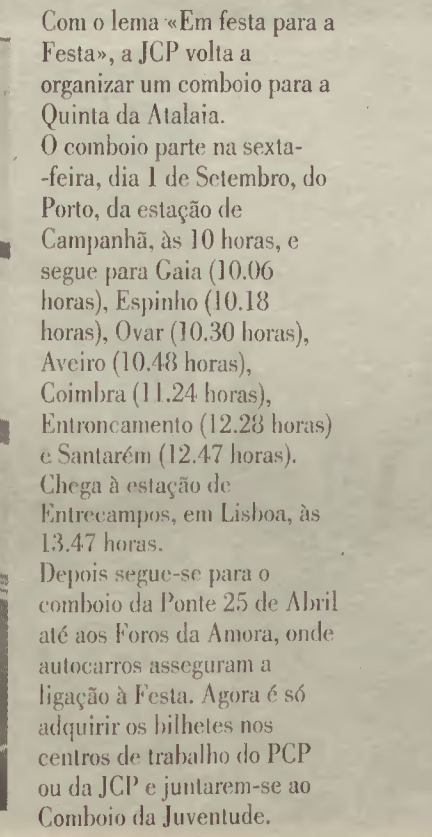
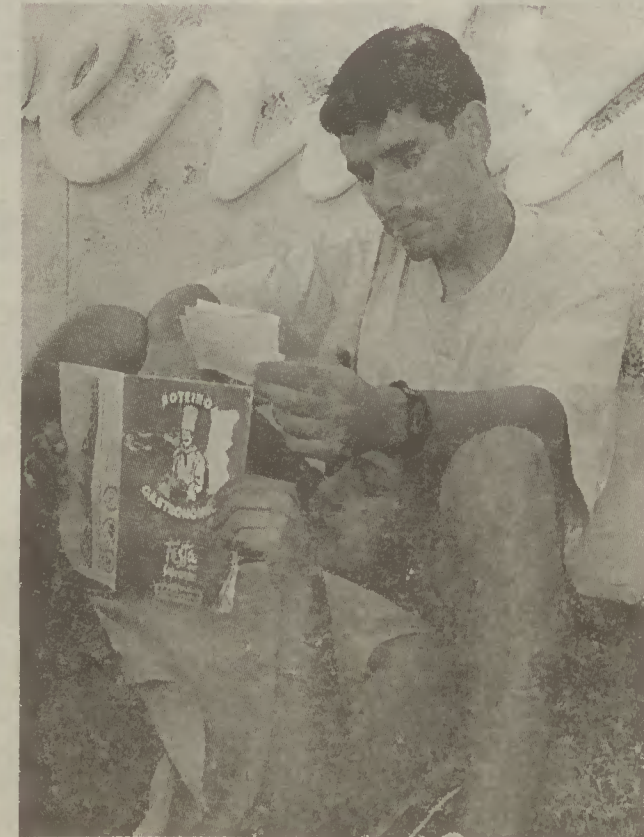
A implantação do espaço da JCP começou a 27 de Julho, com muita gente nova, militantes da JCP e não só. A maioria vem de Lisboa e Setúbal, por serem as zonas mais perto da Quinta da Atalaia, mas também vem muita gente de outras regiões, como Porto, Coimbra ou Braga.

As jornadas de trabalho são naturalmente um espaço de convívio, mas constituem também uma oportunidade de aumentar o rol de experiências e conhecimentos pessoais.

«Havia malta que, quando chegou, não sabia o que era um tubo e que agora já se sabe desenrascar», diz Jorge Martins, que lembra que os jovens comunistas também contribuem para a construção de outras zonas da Atalaia.

«As pessoas aprendem o que é construir a Festa e ganham a ideia que a Festa é uma coisa delas. Não são só aqueles três dias, dá trabalho a construir e depois a desmontar.

Ver crescer o nosso espaço é muito interessante», afirma.



Organizações regionais O País vai à Atalaia

A Festa do «Avante!» é um acontecimento ímpar no panorama cultural português. Para além da grande qualidade dos concertos e dos artistas que, ano após ano, por lá passam, a Festa retrata o nosso país nos pavilhões das organizações regionais do Partido – a sua actividade, a sua luta, cultura, gastronomia... É esse país real que vem à Atalaia nos primeiros dias de Setembro mostrar-se aos visitantes da Festa. É também esse país que, aos fins-de-semana, constrói o seu espaço nas jornadas de trabalho – um espaço de solidariedade, de fraternidade, um país em ponto pequeno. É tudo isto que nos distingue dos outros...

Açores

Conhecido pelas «sopas do Espírito Santo», «morcelas com ananás» e queijo de S. Jorge ou pelos bordados, cestinhos de verga e peças de osso de Baleia, o Pavilhão dos Açores traz ao Continente também as muitas preocupações que marcam o quotidiano do Arquipélago – uma das regiões mais pobres da Europa. 2000 é ano

de eleições regionais e, como tal, estarão patentes as propostas dos comunistas para aquela região, cuja beleza natural contrasta com anos e anos de esquecimento e de um certo abandono por parte do poder.

Algarve

Novamente, porque «em equipa que ganha não se mexe», os apreciadores de marisco têm no espaço do Algarve um ponto de paragem privilegiado. Para já não falar da doçaria regional de fazer «crescer água na boca».

A exposição política dos comunistas algarvios destaca a actividade e intervenção do PCP no distrito, salientando a importância da fase preparatória do XVI Congresso do Partido e também as questões da igualdade, com o pensamento na realização da Marcha Mundial das Mulheres contra a Pobreza e Violência.

Aveiro

O tema deste ano do espaço de Aveiro é a pesca, especialmente à da «Arte Xávega»,

A Festa do «Avante!» é um local especial, de encontro e de convívio de pessoas com a sua terra, as suas gentes e a sua cultura. O país reencontra-se na Atalaia uma vez por ano

numa homenagem a uma das mais tradicionais actividades da sua orla costeira.

A gastronomia é soberba. Desde os clássicos e muito procurados Ovos Moles até ao famoso leitão da Bairrada, servido em prato ou em sandes, passando pelos vinhos, este espaço voltará certamente a ser uma tentação para qualquer visitante.

Quando à exposição política, retratará a actividade e luta do Partido e dos trabalhadores no Distrito de Aveiro.

Beja, Évora e Portalegre e Litoral Alentejano

O espaço do Alentejo é, pela sua história de luta e de grande influência comunista, um dos espaços com mais tradição na Festa do «Avante!». A luta, a cultura e a música das gentes do Alentejo estarão patentes no palco deste espaço e um pouco por todo o pavilhão.

Este espaço vai trazer não só os tradicionais enchidos ou queijos da região mas também as belas figuras de barro de Estremoz, o artesanato de Nisa ou os pratos do Redondo. Porém, será a vertente política que mais atrairá a atenção dos visitantes. No ano em que se comemoram os 25 anos da mais bela conquista dos trabalhadores e das gentes alentejanas, a Reforma Agrária, o Pavilhão do Alentejo terá ainda mais razões para ser visitado e... sentido.

Braga

A Organização Regional de Braga surge este ano com um novo alento, após a eleição de um deputado da CDU em Outubro passado e depois do regresso da Festa da Alegria que juntou todo o país, comunista e não só, naquela bela cidade do Norte. Por isso, é com confiança redobrada



que os comunistas bracarense voltam a trazer à Festa o seu vinho, as fêveras, ou o já obrigatório caldo minhoto. A exposição política espelhará a actividade e as conquistas das gentes do norte do país e do partido que, at como no resto do país, os defende – o PCP.

Bragança

O «convitado especial» deste ano do espaço de Bragança é o Castanheiro, estando presente uma exposição sobre «o Castanheiro e a Castanha». Estará ainda à disposição um azulejo, de autoria da artista Ofélia Marrão, com o ex libris da cidade, a *Domus Municipalis*. Não esquecer ainda a fantástica oferta gastronómica deste espaço: as alheiras de Mirandela, a feijoada à transmontana e a famosa posta mirandesa. Tudo isto acompanhado de Pão de Trigo e de Centeio, Azeitonas e dos fantásticos Vinhos da região.

Castelo Branco e Guarda

O Pavilhão de Castelo Branco e da Guarda oferece a quem o visitar uma variada e saborosa oferta gastronómica. Entre os deliciosos pratos contam-se o arroz de feijão com febras, o coelho à caçador, maranhos com salada mista, a sopa camponesa, entre outras muitas delícias que vale a pena experimentar e chorar por mais.

Neste espaço estará ainda reflectida a actividade dos comunistas nesta região marcada pelos problemas da desertificação e do envelhecimento da população.

Coimbra

Quando, na tarde de sexta-feira, os visitantes entrarem, Coimbra lá estará, no sítio do costume, no topo de um miradouro com vista sobre todo o belo recinto da Festa. Local habitual para os que gostam de longas noites de cantorias à desgarrada, das noites de «borgas», com petiscos e copo na mão.

E se de petiscos se fala, haverá melhor do que o Queijo do Rabaçal, o Chouriço de Arganil ou os Negritos? Para uma refeição um pouco mais composta, pode-se optar por uma feijoada de línguas de bacalhau, ou pelas sardinhas, que podem ser antecedidas por uma malga de caldo verde. O testemunho da luta dos trabalhadores do distrito tem, este ano uma apresentação diferente, é feita em forma de filme. A intenção, porém, é a mesma: mostrar que os trabalhadores querem uma vida melhor e que lutam por isso.

Leiria

Os costumes, a vida e a luta, a cultura das gentes de Leiria estará mais uma vez representada nesta edição da Festa do «Avante!». A participação política será marcada por uma exposição que pretende mostrar o trabalho e a actividade do



Partido, bem como o desenvolvimento da luta dos trabalhadores do distrito. O espaço contará com um Stand do Vidro e com um Forno de Pão. Ao nível da gastronomia, Leiria oferece ao visitante, entre outras coisas, sopa de legumes, caldo verde, pastéis de bacalhau, polvo, orelhas de porco e a famosa sopa de peixe.

Lisboa

Uma praça com um grande pórtico dará as boas-vindas a todos aqueles que visitarem o espaço de Lisboa. A exposição política abordará temas de grande importância como o Congresso do Partido, as questões dos direitos dos trabalhadores, sobretudo dos jovens, a campanha de recrutamento da ORL («mais mil no ano 2000») e a problemática da qualidade de vida das populações.

A gastronomia é mais que muita neste espaço. Desde a tradicional Marisqueira, passando pela Churrasqueira e pelos petiscos na tasca do sector sindical, o visitante terá certamente muitas dificuldades em escolher o que e onde comer. Para quem quiser descansar e divertir-se, oferecem-se esplanadas e sombras, bem como o café-concerto, a que daremos destaque noutra local destas páginas.

Madeira

Para quem visita a Festa, é obrigatória a ida até à Madeira, onde pode comer uma deliciosa espetada regional em pau de louro e poderá encontrar os afamados lenços bordados ou a chapelaria tradicional da região.

Mas a vertente política terá aqui especial destaque. Em ano de eleições regionais, o grande crescimento da CDU e do PCP abre perspectivas para o reforço eleitoral. Numa região profundamente massacrada pela pobreza e pela exclusão, o trabalho realizado pelos comunistas e seus aliados faz a diferença. Uma diferença que estará patente na Festa.

Porto

Os especialistas dizem que «ninguém bebe com sofreguidão ou indiferença um cálice de Porto». É verdade. Com origem nos socalcos do rio Douro rasgados com suor, sofrimento e engenho por gente de trabalho, o Porto é, de facto «um louvor às mãos humanas» que, quem quiser, pode tecer aqui mesmo, neste Pavilhão.

Na região do Porto também o amante das filigranas se pode deleitar... assim como os amantes das tripas, dos rojões ou da sopa mineira.

Uma novidade deste ano: uma oficina de ourivesaria a laborar ao vivo, a produzir peças originais durante a Festa. Os painéis de diversas organizações do distrito: constituídos por criações de artistas plásticos, são dignos de uma visão mais atenta.

Santarém

Santarém, localizado junto ao Palco 25 de Abril, tem como projecto decorativo uma alusão aos 25 anos da Reforma Agrária que se comemoram este ano e que teve no sul do Ribatejo uma importante expressão.

Na tasquinha do Ribatejo, a saborosa Sopa da Pedra marcará presença, juntamente com outras delícias como a doçaria regional, tal como o Pão de Ló de Rio Maior, Tijeladas de Abrantes e os famosos bolos regionais de Torres Novas. O Vinho estará também presente, na feira dos vinhos do Ribatejo, vinhos maduros e licorosos e a Aguardente Velha.

Setúbal

A exposição política do espaço de Setúbal, que este ano se disseminará por toda a zona, versará os mais variados temas políticos, como o Partido e as lutas dos trabalhadores da região, sobre o poder local e a co-incineração e, naturalmente, sobre o jornal «Avante!» ao longo dos tempos e no presente, prevenindo-se também a dinamização de uma recolha de assinaturas do órgão central do Partido. De resto, a animação é assegurada pelo Palco Novos Valores/Setúbal que conjuga a presença de nomes famosos da música com a oportunidade a novos talentos de se afirmarem. A gastronomia, essa é mais que muita e pretende retratar o mais fielmente possível os aspectos e características da região. Arroz de Tamboril, Marisco, Massada de Cheme e Moscatel serão óptimas razões para visitar este espaço.

Viana do Castelo

Viana do Castelo está presente com um espaço na Festa. Aí funcionará três áreas distintas: um stand de artesanato, um de venda de produtos gastronómicos e de doces regionais e uma adega regional. Os lenços garridos marcarão uma tão forte presença como os chouriços, as pataniscas de bacalhau ou o vinho, branco ou tinto, de Ponte da Barca ou de Ponte de Lima – tudo produtos tradicionais da região.

A venda na banca, postais de Vilar de Mouros e uma edição de seis «Avante!» clandestinos, que preferiam lutas travadas no Alto Minho antes do 25 de Abril, um prato alusivo ao 20.º aniversário da Festa do «Avante!» e uma estatueta a lembrar os 25 anos do 25 de Abril.

Vila Real

Os comunistas de Vila Real surgem novamente na Festa do «Avante!» com uma mão-cheia de preciosidades gastronómicas. No restaurante de Vila Real será servido o famoso javali, canelos, caldo de cebola e o vinho da região. No Bar do Douro, as cristas de galo, os cavacórios, o moscatel serão as grandes atrações. Nesta região de tradicionais dificuldades de implantação do PCP, os comunistas dão-se a conhecer e aos problemas da sua região explicando o porquê da sua luta e perseverança.

Viseu

Viseu marca presença este ano com uma exposição política acerca das lutas e da realidade política, económica, social e cultural da região. Este espaço será rico em gastronomia e em artesanato. Assim o visitante poderá usufruir de saborosas refeições no Bar de Viseu, poderá adquirir artesanato local, terá ao seu dispor mel do Caramulo bem como os saborosos vinhos da região de Viseu patentes na Feira do Vinho. O visitante poderá ainda contribuir com donativos para esta organização, que leva à Festa a Campanha Nacional de Fundos do Partido.



Arte pública para ver e tocar

Quatro projectos artísticos de grandes dimensões, seleccionados no âmbito da iniciativa Arte de Transformar promovida pela Festa do «Avante!», vão ser construídos na Festa e certamente não deixarão ninguém indiferente.

O único projecto que será apresentado no interior de uma tenda é, por razões óbvias, o de artes audiovisuais. Todos os restantes estarão ao ar livre, em locais estratégicos, interpellando os visitantes, apelando à sua imaginação e desafiando o seu gosto pessoal. O projecto de artes audiovisuais, apresentado por Patrícia Maria Martins de Almeida, é realizado pelo Sound Video Artes Ensemble. Este grupo irá levar duas peças, a primeira intitulada «Asas de Etra», com uma duração de 30 minutos, e uma segunda assente na improvisação audiovisual, sem tempo definido. Este último constitui um espectáculo que une a vídeo performance e o concerto musical com a participação de vários actores, bailarinos e músicos.

A peça «Asas de Etra» é um original que «descreve a construção de um corpo por várias etapas de criação de uma mente própria independente, criando assim uma nova forma orgânica baseada nos cânones humanos, mas viajando um pouco mais além», explica a autora do projecto.

Simbolizar a união

Nas artes tridimensionais, a mesma artista, Patrícia de Almeida concorreu com o Projecto Açorda, que caracteriza como «uma criação colectiva numa caligrafia conjunta de 10 participantes do Porto – Faculdade de Belas Artes».

A obra, que ficará colocada numa zona central consiste em quatro estacas pretas, enterradas, com cinco metros de altura visível, cada uma como um foco de luz negra. As estacas formam uma estrutura de suporte onde são amarradas cordas, parte das quais está pintada com tinta que reage à luz negra, criando um efeito nocturno em que a corda feita em luz parecerá flutuar.

Este projecto pretende simbolizar o acordo, a união, a colaboração e cooperação de conhecimentos, objectivos e ideais dos 10 artistas participantes da construção e criação. O outro projecto nesta área, apresentado por Suzana Gabriela Marques Nogueira, é composto por duas varolas de eucalipto com quatro metros de altura, que são sustentadas por três cordas de sisal. Sobre esta estrutura será colocada uma bandeira

feita com vários panos muito leves, coloridos e transparentes, presos entre si com cerca de 12 metros de comprimento. Uma parte do tecido (cerca de dois metros) ficará totalmente presa nas varolas e nas cordas que formam um triângulo,

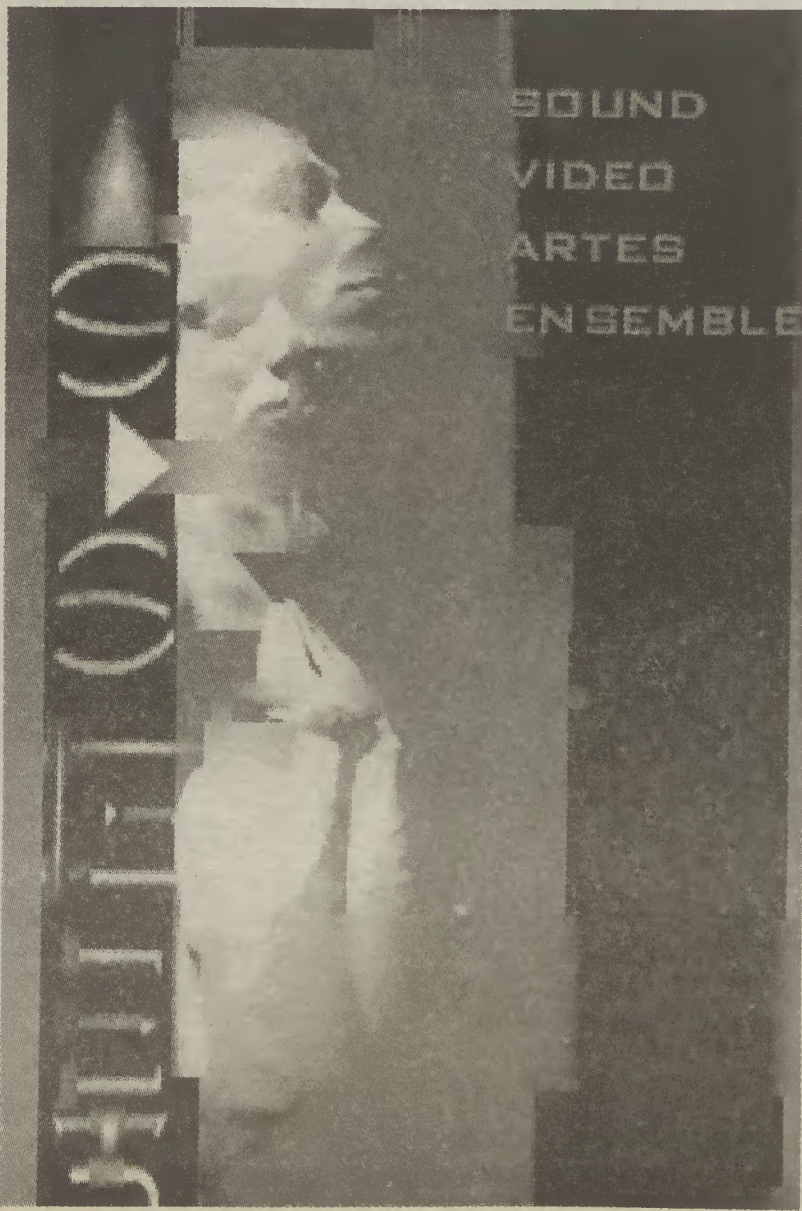
▲ **Movimento, cor e som** são elementos deste projecto de Suzana Gabriela Marques Nogueira

enquanto que os restantes dez metros ficam aparentemente a esvoaçar. Presos aos panos, assim como às cordas estarão elementos coloridos e barulhentos, como por exemplo fitas de cetim, vira-ventos, guizos, sininhos, chapinhas metálicas, etc.

Por último, nas artes bidimensionais, Jorge Figueiredo irá executar um painel com 5,64 metros por 2,5 metros, onde uma cabeça humana surge associada a várias palavras com conteúdo de intervenção social e política.



▶ **Artes audiovisuais** pelo Sound Video Artes Ensemble



◀ **Palavras que dão que pensar** no painel de Jorge Figueiredo

▼ **Projecto Açorda** – realização colectiva de 10 artistas do Porto



no Café Concerto de Lisboa

Espectáculo, convívio, debate político e cultural, ao lado de um bem fornecido bar – são as propostas do Café Concerto de Lisboa.

Para destes fortes atractivos, a própria decoração do Café Concerto, concebida por Pedro Penilo e Joana Patrício, é motivo suficiente para uma visita.

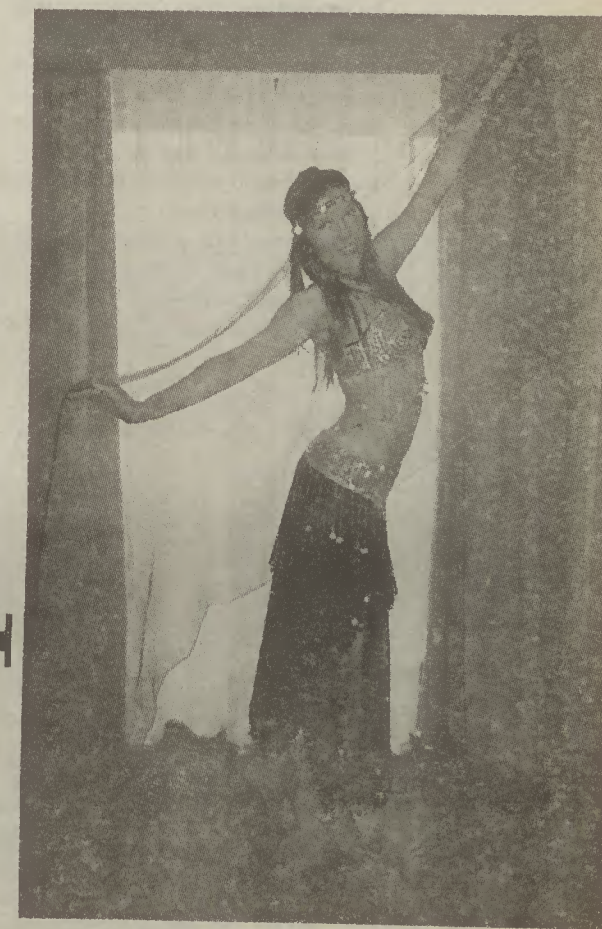
Neste espaço, ouvir-se-á muita música, portuguesa e de todo o mundo. Músicas da resistência e da revolução. Música cruída, música popular, variadas músicas modernas. O programa inclui espectáculos de dança, teatro, poesia e música. Logo na sexta-feira, o destaque vai para a «Dança do Ventre» com a dançarina Joana Martins, acompanhada por música egípcia.

Pela noite dentro, actua o **Trio de Filipe Melo**, formação que se dedica ao jazz tradicional, com influência de Oscar Peterson e Ray Brown.

No sábado ao início da tarde, é tempo para um debate sobre «Direitos Humanos» e a noite será preenchida com um colóquio recital denominado «Canto de Intervenção (1960-1974)». A partir do livro com o mesmo título, da autoria de Eduardo M. Raposo, este colóquio-recital traça o percurso dos cantores de intervenção mais significativos deste período, cujas canções são interpretadas por Francisco Naia (voz), João Pimentel (guitarra) e Rui Curto (acordeão).

Na tarde de domingo o destaque vai para o debate intitulado «Conversas com a Música e com o Teatro». Segue-se **Mojo Hand** que irá interpretar clássicos de Muddy Waters, Little Walter e Jimmy Rodgers, numa homenagem aos criadores e divulgadores do blues afro-americano.

A música prossegue com **Jon Fromer, Rebel Voices of Seattle e Herrera**.



«Dança do Ventre» com a dançarina Joana Martins

Inscrições em passo de corrida

200 atletas e 20 equipas

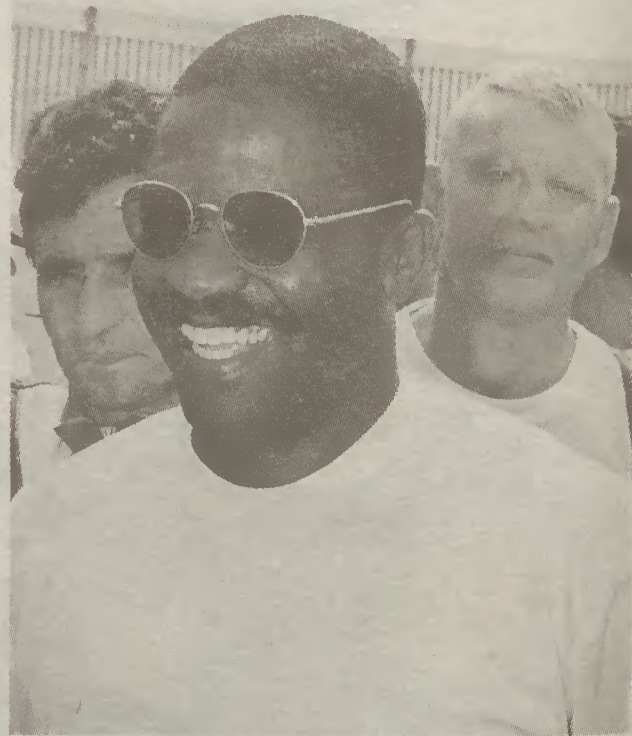
O ritmo de inscritos na Corrida não pára de aumentar. Todos dias chegam novos pedidos de clubes e atletas individuais de desejam estar entre os mais de mil participantes que deverão alinhar na partida da 13.ª Corrida da Festa.

Os interessados devem solicitar a inscrição que é gratuita até ao próximo dia 23 de Agosto, para Corrida da Festa do «Avante!», na Quinta da Atalaia, Av. Baía do Seixal, 2845-415 Amora Seixal. Horário de funcionamento: da 9.30 horas às 17 horas. Telefone: 21 222 40 00 Fax 21 221 41 31 e Email festavante@mail.telepac.pt

O percurso de 14 quilómetros é idêntico ao do ano passado, com partida, no domingo, dia 3 de Setembro, junto ao campo da Amora e chegada junto à praia dentro do recinto da Festa. Até ao 1100.º classificado são oferecidas t-shirts e todos os participantes que terminarem a prova têm direito a uma entrada gratuita na festa.



Bernardino Pereira e Albertina Dias



Bernardo Manuel

Apoios à corrida

Uma prova admirada

Pelas suas características ímpares, objectivos desportivos, ambiente festivo e de fraternal convívio, a Corrida da Festa todos os anos recebe mensagens de apoio e incentivo por parte de destacadas personalidades ligadas ao desporto nacional.

De parabéns está a sua organização pelo empenho na criação das condições necessárias à realização desta prova, bem como os milhares de atletas que nela participam e que todos os anos reforçam a sua popularidade e prestígio. A este propósito aqui fica o depoimento da atleta Albertina Dias: «Cá estou eu a falar novamente da Corrida da Festa. É com enorme admiração que me dirijo à organização por saber que não é fácil

organizar uma manifestação deste género. Continuem para bem do desporto.»

O treinador Bernardino Pereira acrescenta: «A Corrida da Festa do «Avante!» é uma manifestação desportiva de carácter popular que junta amantes da corrida a pé e não só. Espero que a participação seja cada vez maior pois a organização bem o merece.»

Apoiante incondicional

Bernardo Manuel, coordenador do meio-fundo do Sporting Clube de Portugal e da Federação Portuguesa de Atletismo, afirma-se como «um dos apoiantes incondicionais da Corrida»: «Ainda não tive hipótese de participar

na sua totalidade, mas vou marcá-la no meu plano de treino para 2001. Congratulo-me com mais esta iniciativa e com a grande adesão que está a ter.

Actualmente estou na preparação Olímpica para Sidney, mas se estiver em Portugal, não só estarei na festa do «Avante!» como irei assistir à partida e à chegada dos atletas. Gostaria de lembrar a grande tradição da festa onde tenho estado desde que se realizou no Vale do Jamor.

Como técnico faço uma sugestão a todos os participantes para que se abasteçam logo na primeira oportunidade. Aquilo que é ingerido na fase inicial da prova tem reflexos positivos mais tarde para a

manutenção do equilíbrio metabólico. Chamo a atenção para dois aspectos que muitos atletas nem sempre levam em conta:

- Não se abasteçam só quando entram em dificuldade. É pela antecipação da ingestão de água (alcalina PH>7) que se evita a desidratação;

- Os atletas devem usar um equipamento mais leve e com bucaquinhos que permitam um efeito de arrefecimento do equilíbrio metabólico.

Para terminar faço votos para que a Festa do «Avante!» e a Corrida perdurem no tempo e que seja um ponto de referência para todos aqueles que gostam da prática desportiva, particularmente o atletismo.»

Bach and Vladimir



Adquirida agora, a EP custa apenas 2300 escudos. Nos dias da Festa o preço será de 3100 escudos

FESTA Avante! 2000 SEXTA-FEIRA	FESTA Avante! 2000 SABADO	FESTA Avante! 2000 DOMINGO
1 2 3		
TÍTULO DE SOLIDARIEDADE		
FES 12 DE		



Muitos pescadores ficaram em terra com o fim das pescas em Marrocos

Pescas

Marrocos afasta frotas estrangeiras

O novo plano para a pesca em Marrocos, que entrou em vigor na passada semana, considera que a «exploração excessiva da riqueza pesqueira marroquina por parte das frotas estrangeiras é um dos principais problemas» que o país deve resolver.

O plano, integrado no plano quinquenal para o desenvolvimento económico e social (2000-2004), afirma expressamente que a realização dos seus objectivos deve ter em conta a não renovação do acordo de pesca com a União Europeia (UE). Compreende-se assim que a primeira reunião técnica para a negociação de um acordo pesqueiro entre Marrocos e a UE, realizada em 25 de Julho último, não tenha permitido

juntar as posições das duas partes.

O plano pretende que a pesca se torne num dos primeiros sectores para a criação de postos de trabalho em Marrocos. Os principais objectivos do plano consistem na realização de um rendimento de 1.300 milhões de dólares de base para um crescimento anual de 11 por cento. O plano para a pesca define também como objectivo atingir uma produção de 1,5 milhões de

toneladas a uma taxa anual de 17 por cento e realizar um consumo anual de 12 quilos de peixe por pessoa (sendo o actual consumo anual de 7 quilos). O investimento previsto é de 770 milhões de dólares (cerca de 162 milhões de contos) para a criação de 40 mil postos de trabalho.

Está igualmente previsto o controlo das águas marroquinas através de satélite e radares nas costas. A reforma das estruturas administrativas e a revisão na legislação do sector são também outros objectivos, especialmente a conversão do estatuto das riquezas pesqueiras, consideradas até agora património da comunidade, em património do Estado.

Racismo

Da teoria à prática

Uma conferência contra o racismo vai decorrer no Conselho da Europa, em Estrasburgo, de 11 a 13 de Outubro próximo, subordinada ao tema «Todos diferentes, todos iguais: da teoria à prática - contribuição europeia para a Conferência Mundial contra o racismo, discriminação racial, xenofobia e intolerância».

Recorde-se que a Conferência mundial contra o racismo, promovida pela Assembleia Geral das Nações Unidas irá realizar-se na África do Sul em 2001.

A conferência europeia abordará temas como a protecção jurídica contra o racismo, políticas e práticas para lutar contra o racismo, educação e sensibilização

ao racismo, à intolerância que lhe é associada e ao extremismo, e informação, comunicação e media. A conferência será precedida de um Fórum das Organizações Não-Governamentais (ONG), órgãos do Conselho da Europa, da União Europeia e das Nações Unidas participarão activamente na conferência, assim como as instituições nacionais, as ONG e os profissionais da comunicação. Uma declaração política dos ministros dos Estados membros do Conselho da Europa, bem como as conclusões gerais adoptadas pelos participantes na conferência serão transmitidos ao comité de preparação da conferência mundial. Mary Robinson,

alta comissária das Nações Unidas para os Direitos do Homem, Nicole Fontaine, presidente do Parlamento Europeu, Anna Diamantopoulou, comissária para o Emprego e Assuntos Sociais na Comissão Europeia, Benita Ferrero-Waldner, presidente em exercício da OSCE (Organização para a Segurança e Cooperação na Europa) e ministra dos Negócios Estrangeiros da Áustria, Gunter Grass, Prémio Nobel da Literatura, Lord Russell-Johnston, presidente da Assembleia Parlamentar, e Walter Schwimmer, secretário-geral do Conselho da Europa, contam-se entre os cerca de 500 participantes na Conferência.

• Ilda Figueiredo

Pobreza e exclusão fora das prioridades

Desde 1995 que não existe na União Europeia um programa de luta contra a pobreza e exclusão social. No entanto, como reconheceu a Comissão Europeia na sua comunicação «Construir uma Europa inclusiva», apresentada em Março, vivem abaixo do limiar de pobreza 18% das pessoas que habitam nos actuais 15 Estados membros, ou seja, há 65 milhões de cidadãos a quem são negados os direitos humanos económicos, sociais e culturais, o que devia ser uma vergonha para quem apregoa como princípio básico o cumprimento dos direitos humanos.

Só que, na década de noventa, quando os problemas sociais e as desigualdades se agravaram, como a prioridade passou a ser a criação da moeda única, com o cumprimento do pacto de estabilidade e das políticas monetaristas a coesão económica e social passou para segundo plano, e, apesar do aumento da riqueza criada, o número de pobres aumentou. A luta e denúncia desta situação e as grandes manifestações de trabalhadores obrigaram as instituições europeias a ter em conta este problema, pelo menos no domínio das palavras e das promessas. Foi assim que na Cimeira de Lisboa foi decidido criar um Programa de luta contra a pobreza e a exclusão social visando a redução do número de pessoas que vive abaixo do limiar de pobreza, passando dos actuais 18% para 15% em 2005 e para 10% em 2010, e diminuição para metade da pobreza infantil até 2010.

Programa insuficiente

Entretanto, seguindo o mandato do Conselho neste domínio, a Comissão Europeia apresentou, em Junho passado, uma proposta de «Programa comunitário de acção de incentivo à

cooperação entre os Estados membros em matéria de luta contra a exclusão social» que fica muito aquém das expectativas criadas pela Cimeira de Lisboa. Desde logo, exclui do título a expressão «pobreza» e escamoteia a necessidade de alteração profunda das políticas económicas e sociais de forma a torná-las coerentes com a prevenção e a luta contra a pobreza e a exclusão social. Depois, limita-se a insistir na necessidade do trabalho de especialistas nesta área, mas, de um modo geral, esquece a experiência directa das pessoas que vivem na situação de pobreza e das organizações que, em cada país, trabalham nestas áreas. Os meios monetários que prevê para este programa são, igualmente, muito limitados e claramente insuficientes. Quando se comparam os 70 milhões de euros (cerca de 14 milhões de contos) previstos neste programa para cinco anos com os 38 milhões de euros previstos para a campanha de informação sobre o euro, incluindo 20 milhões apenas para o ano 2002, ano de entrada em circulação da nova moeda em 12 países, facilmente se pode concluir que a luta contra a pobreza e a exclusão social continua a não ser uma prioridade da Comissão Europeia.

Ora, no início de Julho fui nomeada relatora deste programa pela Comissão do Emprego e Assuntos Sociais do Parlamento Europeu. Nesta fase de recolha de pareceres e opiniões de ONG's europeias e nacionais que trabalham nesta área já pude constatar que há consenso sobre a necessidade de lutar pela introdução de profundas alterações na proposta apresentada pela Comissão Europeia. Com a apresentação do meu projecto de relatório no início de Setembro, abre-se um importante período de debate no Parlamento Europeu visando melhorar substancialmente a proposta apresentada pela Comissão Europeia. Veremos se até Nice, na cimeira final da presidência francesa, há suficiente vontade política para pôr de pé um programa razoável de luta contra a pobreza e a exclusão social.



Ambiente recebe fundos

A Comissão Europeia aprovou o Programa Operacional do Ambiente, que irá contar com uma participação comunitária do Fundo Europeu de Desenvolvimento Económico e Regional (FEDER) no montante de 66,6 milhões de contos.

Num comunicado citado pela agência Lusa, o Ministério do Ambiente e do Ordenamento do Território salienta

que com a aprovação daquele programa, cujo montante corresponde a uma participação comunitária máxima de 75 por cento, «completar-se a última peça relativa aos fundos comunitários na área do ambiente, em que também se inclui o Fundo de Coesão», com um apoio de cerca de 310 milhões de contos.

«Assim, os apoios na área

do ambiente totalizam, para o período 2000-2006, um montante superior a 560 milhões de contos».

Os objectivos do programa são assegurar a gestão sustentável dos recursos naturais, contribuir para a melhoria do ambiente urbano e promover a integração do ambiente nas actividades económicas e sociais.

Mortes no Kosovo

Mais um sérvio foi assassinado na região de Lipljan, no centro de Kosovo, de maioria albanesa. O corpo foi encontrado pela Força Multinacional de Paz (KFOR), no dia 5, em Skulaneva, 10 quilómetros a sul de Pristina. Trata-se do quinto assassinio perpetrado em quatro dias naquela região. Três dias antes foram três cidadãos de etnia cigana que morreram na explosão de uma bomba perto de suas casas, na aldeia de Mali Alas. Na mesma noite, um albanês de 15 anos foi atingido no peito por quatro balas, na aldeia de Magura. As três aldeias pertencem à municipalidade de Lipljan, uma das mais mistas do Kosovo. 84% da população desta região são albaneses, 12,5 por cento são sérvios e dois por cento são ciganos. Desde o fim da guerra e com a chegada ao Kosovo da KFOR, em Junho de 1999, as minorias sérvia e cigana são regularmente vítimas de ataques nesta província de maioria albanesa.

Speight mantém-se na prisão

O Tribunal da magistratura de Suva, capital das ilhas Fiji, recusou hoje o pedido de liberdade condicional do líder do golpe de Estado, de 19 de Maio, e dos seus 12 homens. Isto não obstante os 13 acusados terem declarado não serem culpados das acusações contra si formalizadas de tomada do parlamento no dia do golpe e deposição do governo de Mahendra Chaudry, até então primeiro-ministro. O presidente do Tribunal, Salesi Temo, ordenou a manutenção da detenção e marcou a próxima audiência para 1 de Setembro. Invocado pelo procurador, Jo Naigulevu, para impedir a libertação sob caução dos acusados foi o «interesse da sociedade», alegando que Speight e os seus apoiantes constituem «um risco grave para a Nação».

Terror na Argélia

Nove pessoas foram assassinadas em operações imputadas pelas autoridades a fundamentalistas islâmicos no final da passada semana em Blida e Médéa, sul da Argélia. Seis das vítimas, segundo o relato das autoridades, foram assassinadas faz hoje oito dias, à noite, em Oueld Yaiche, perto de Blida, a tiros de metralhadora, por um grupo armado que se pôs imediatamente em fuga. O segundo ataque, no dia seguinte, matou três pessoas e feriu quatro, e foi provocado pelo rebentamento de um engenho explosivo de fabrico artesanal, nos arredores de Médéa. Estes atentados são os primeiros ocorridos neste mês. Julho foi particularmente sangrento, com mais de 300 mortos em diversos ataques perpetrados por desconhecidos armados, que as autoridades acusam de pertencerem a grupos islâmicos.

Cimeira dos Países da África Austral Em favor da paz e do desenvolvimento

Representantes dos 14 países que compõem a Comunidade dos Países da África Austral (SADC) reuniram-se em Cimeira. A marcar a agenda dos dois dias de trabalhos, que terminaram segunda-feira, em Windhoek, capital da Namíbia, estiveram temas como os conflitos na República Democrática do Congo e em Angola, o sistema de defesa e segurança, o tráfico de diamantes e a criação de uma zona de comércio livre.

O total apoio ao governo de Angola no conflito contra as forças da UNITA foi uma das decisões saídas desta Cimeira da SADC. No seu comunicado final afirma-se que «a ausência de paz em Angola resulta do desrespeito do acórdo de Lusaca por parte do dirigente rebelde Jonas Savimbi e UNITA». «A cimeira exprimiu preocupação face às acções criminosas de Savimbi contra a população e à destruição da infra-estrutura social e económica» do país, lê-se no documento. Os líderes da África Austral expressaram também o seu apoio ao presidente do Zimbabwe, Robert Mugabe, tendo apelado aos investidores para que regressem ao país, actualmente a braços com uma crise social e económica. Joaquim Chissano, chefe de Esta-

do moçambicano, e presidente cessante da SADC, que agora passou a pasta ao seu homólogo namibiano, Sam Nujoma, durante a cerimónia de abertura da cimeira, afirmou que os que combateram o regime do primeiro-ministro Ian Smith (dirigente branco da ex-Rodésia) não deviam ser descritos como «ditadores» à cabeça de «regimes despóticos». E acrescentou: «Não podemos aceitar isso na SADC. Somos democratas e queremos que a democracia funcione segundo a vontade dos nossos povos em cada um dos nossos países.»

Decisão tida como importante desta cimeira foi, entretanto, a criação de um Mercado Comum na África Austral. Depois de anos de discussões, trata-se de um acordo comercial que estabelece as bases da

futura zona comercial livre, que deverá entrar em vigor a 1 de Setembro.

Já no plano do sistema de defesa, designadamente no que se refere à sua reestruturação, não se registaram os progressos desejados, em virtude da ausência de propostas concretas.

O problema da propagação do vírus da sida no continente africano, atingindo 11 milhões de pessoas no seio da SADC, numa população total de 190 milhões, foi outra das matérias em foco.

As despesas médias de saúde para uma série de países africanos, incluindo os da SADC, são de 22 dólares por pessoa por ano, contra 2.337 dólares nos países do G8 ou 4.093 dólares dos EUA. O vírus mata uma em cada cinco pessoas em países como África do Sul, Namíbia, Botswana, Suazilândia e Zimbábue.

Momento alto na cimeira foi, por outro lado, a entrega ao antigo presidente sul-africano, Nelson Mandela, do principal galardão comunitário, a medalha «Sir Seretse Kama», pelo seu papel na pacificação africana e liderança do seu país e da SADC entre 1994 e 1999, além da luta contra o colonialismo e a segregação racial.

Jugoslávia Diáspora ajuda à reconstrução

O presidente jugoslavo, Slobodan Milosevic, lançou um apelo à diáspora para que honre «a sua dívida para com a pátria». Foi no passado sábado, durante uma recepção a 250 representantes da emigração jugoslava, reunidos desde o dia 3 em Belgrado.

«A pátria não deve nada a ninguém, mas todos temos uma dívida para com ela. Que cada um honre a sua dívida», afirmou o presidente jugoslavo numa intervenção transmitida em directo pela televisão estatal sérvia RTS. Milosevic, que a 24 de Setembro disputa

um novo mandato presidencial de quatro anos, recordou as grandes linhas do programa eleitoral do seu Partido Socialista (SPS). «A liberdade e independência do país são as prioridades da nossa política», disse Milosevic, que fixou simultaneamente como objectivos da sua candidatura o reforço do «sistema de igualdade de todos os cidadãos e das repúblicas (Sérvia e Montenegro)», a recuperação do «controlo sobre o Kosovo» e o afastamento da KFOR (força multinacional de paz) e da MINUK (missão

civil da ONU), que administram a província desde meados de Junho de 1999.

Os representantes da diáspora, segundo relatos das agências, comprometeram-se a defender a causa jugoslava no estrangeiro e a ajudar financeiramente o país. De acordo com um documento adoptado pelos participantes na reunião e citado pela agência independente Beta, cada jugoslavo residente no estrangeiro deverá enviar um mínimo de 50 dólares (11 mil escudos) por ano para um fundo destinado a financiar a reconstrução do país.

Ferrovia liga duas Coreias Mais um passo na aproximação

Soldados da Coreia do Sul vão entrar na zona de segurança com a Coreia do Norte para retirar as minas anti-pessoal antes de voltar a ligar a linha ferroviária que atravessa a fronteira. As duas Coreias, segundo anúncio oficial, concordaram a semana passada em voltar a ligar a linha ferroviária que une as suas capitais, Seul e Pyongyang. Esta linha ferroviária tem ligação com Shinuiju, uma das principais cidades

da fronteira do Norte com a China. Nenhum comboio percorreu este trajeto através da fronteira desde a divisão, em 1945, da península em dois países. O acordo para voltar a ligar a ferrovia ocorreu na sequência da cimeira histórica entre as duas Coreias, onde os líderes concordaram em trabalhar para uma reconciliação após uma hostilidade de meio século.

A operação para a retirada das minas, que contará tam-

bém com a participação de soldados norte-coreanos, pode começar em meados de Setembro, prevendo-se que a reconstrução do troço de 20 quilómetros através da Zona Desmilitarizada esteja concluída no prazo de um ano.

Uma vez ligada a ferrovia, de acordo com as previsões, o comércio intercoreano deverá sofrer um forte incremento, já que actualmente a maior parte das mercadorias é transportada por navio.

Hiroshima e Nagasaki – 55 anos depois

«Hediondos crimes contra a humanidade», assim classifica o PCP a acção militar dos EUA, com recurso a bombas atómicas, que culminou na destruição das cidades de Hiroshima e Nagasaki. A este propósito, no passado dia 5, o Gabinete de Imprensa do PCP emitiu a seguinte nota aos órgãos de informação:

1. Nos dias 6 e 9 de Agosto de 1945, Hiroshima e Nagasaki amanheceram vivendo uma terrível tragédia que a humanidade jamais esquecerá. Os Estados Unidos da América utilizavam pela primeira vez duas bombas atómicas sobre alvos humanos que destruíram estas duas cidades e foram responsáveis pela morte de várias centenas de milhar de seres humanos. Ainda hoje as suas populações continuam a sofrer os efeitos destes hediondos crimes contra a humanidade. As bombas atómicas que a Força Aérea dos EUA lançou há 55 anos continuam a matar!

2. O terror, a tragédia, os efeitos fizeram acreditar que tal não voltaria a acontecer. Mas, apesar da luta dos sobreviventes de Hiroshima e Nagasaki e dos povos do mundo pela abolição e interdição das armas nucleares, pelo desarmamento e pela paz, essa não pode ser hoje uma certeza.

Existem hoje armas nucleares milhões de vezes mais destrutivas e poderosas prontas a ser utilizadas. Os gastos militares continuam a aumentar e continua-se a investir mais e mais em novos sistemas de armas cada vez mais sofisticadas e poderosas. O poderio militar e a cultura do medo continuam hoje a ser um instrumento fundamental de dominação imperialista servindo os interesses das grandes potências capitalistas em especial dos EUA.

3. Particularmente grave é o programa «defesa nacional anti-míssil» (nova designação para a velha «Guerra das Estrelas» de Reagan) que, apesar da forte oposição que se levanta, incluindo de alguns aliados dos EUA, o imperialismo norte-americano insiste em concretizar. Este sistema, a desenvolver-se, com o falso pretexto da «ameaça» que alguns pequenos estados representariam, infringiria o Tratado ABM, desestabilizaria toda a situação de segurança no mundo e provocaria uma nova e ainda mais forte corrida aos armamentos.

4. O PCP, 55 anos após Hiroshima e Nagasaki, reafirma o seu empenhamento na luta pela paz e amizade entre os povos de todo o mundo, pela solidariedade e pelo desenvolvimento.

Manifesta-se e apela à luta de todos contra o desenvolvimento de novos sistemas de armas; contra o aumento dos orçamentos militares; contra o projecto norte-americano de criação e instalação de um sistema anti-míssil e militarização do espaço; pelo desmantelamento das bases militares em territórios estrangeiros; pelo respeito dos tratados internacionais de controlo, limitação de armas e desarmamento (ABM, CTBT, etc.); pela interdição e abolição de armas nucleares, químicas e biológicas, pela dissolução dos blocos político-militares.

Mulheres iranianas alargam direitos

Uma mulher foi nomeada vice-presidente numa região do sul do Irão. Um facto que à primeira vista não seria merecedor de qualquer relevo especial não fosse dar-se o caso de ser a primeira vez que tal sucede desde a revolução islâmica de 1979.

Rahmat-Rouhani Sarvestani, assim se chama, foi nomeada vice-presidente de Sarvestan, próximo de Chiraz (sul) por um decreto do ministro do Interior Abdolvahed Moussavi-Lari, segundo a agência oficial IRNA.

Esta nomeação, a primeira desde há vinte anos, foi solicitada pelo governador da província de Fars. Em 1996, também pela primeira vez, uma mulher, Zahra Sadr-Azam Nouri, foi nomeada presidente de uma Câmara dos Arredores de Teerão. As mulheres, que constituem mais de 52 por cento dos 60 milhões de habitantes do Irão, alargam assim o seu espaço de intervenção e os seus direitos, conquistando medidas que lhes permitem cada vez mais participar em actividades políticas, sociais e culturais.

No 60.º aniversário da Batalha da Grã-Bretanha

● Manoel de Lencastre

Voltando-se para o passado, como sempre fez para descobrir-se no futuro, a Grã-Bretanha começou a comemorar o 60.º aniversário da sua épica «Battle of Britain», o último verdadeiramente grande acontecimento da sua movimentadíssima história. Foi quando o país se encontrou só frente ao perigo real da invasão nazi. A campanha da «Luftwaffe» realizada nos céus britânicos a partir de Agosto de 1940 era o prelúdio do que se temia viesse a acontecer. De repente, o destino do país ficou confiado ao glorioso, imortal esforço de 2000 jovens pilotos da RAF (Royal Air Force), dos seus «Spitfires» e «Hurricanes» e do Centro de Comando.



Horas sombrias antes da vitória

Churchil dissera na Câmara dos Comuns: «A batalha da França terminou. Agora, vai começar a batalha da Grã-Bretanha.» Na verdade, Adolf Hitler fazia preparativos para o eventual desembarque de forças alemãs nas Ilhas britânicas. As primeiras unidades da operação «Sealion» (Leão do Mar) apareceriam na Ilha de Wight e em Ramsgate. Barcaças de desembarque despejariam tropas de choque nas praias de Kent, Sussex, Hampshire. O general Halder, chefe do Estado-Maior da «Wehrmacht», dissera: «Isto pode comparar-se à travessia de um rio, ainda que em larga escala.» Mas a «Kriegsmarine» (Marinha de Guerra) e o próprio comando da «Luftwaffe» reconheciam que expor tão vastos contingentes militares à travessia do Canal da Mancha perante a acção da RAF e da «Royal Navy» equivaleria a uma perigosa aventura.

O imperialismo nunca aprende

A Grã-Bretanha ficou só, lutando isolada diante da feroz besta hitleriana, devido aos seus interesses imperialistas e aos complexos de classe demonstrados pelos seus governantes. Decidira que

a união das principais potências anti-Hitler, a URSS, a França e ela própria, não satisfazia os seus reais objectivos estratégicos. Para esses governantes, que rejeitaram sucessivas propostas soviéticas no sentido de um esforço unido contra os nazis, o inimigo principal estava em Moscovo. O projecto de lançar a Alemanha contra a URSS permanecia vivo. Se se concretizasse, os dois gigantes destruir-se-iam entre si. A Grã-Bretanha imperial, assim, passaria a existir numa terra só de rosas, as suas indústrias voltariam a ser a oficina do Mundo, o Império floresceria mais, ainda. O nazismo ter-se-ia extinto. Do comunismo ninguém mais falaria. O capitalismo da City ganharia o poder total, universal. A França estava aniquilada porque Churchill também dissera: «As nações tombam mas não deixam de lutar, ressurgirão. Quanto às que se entregam e se deixam domesticar, perecerão para sempre.»

Porém, a realidade era negra a 15 de Agosto. Os alemães tinham começado operações nos céus ingleses, a 13 (Adlertag – o dia da águia). Para que «Sealion» tivesse possibilidades de êxito, era essencial paralisar, através da «Luftwaffe», os centros vitais que alimentavam o esforço de guerra britânico. A desmoralização surgiria, rapidamente. Mas, Churchill, rugira: «Lutaremos nas praias, nos campos, nas ruas das cidades – nunca nos renderemos.»

Solidariedade com a guerra patriótica da URSS

O último grande «raid» nazi teria lugar a 18 de Maio de 1941. Seria o terceiro maior bombardeamento contra Londres. Atingidas a Câmara dos Comuns, a Abadia de Westminster, os Tribunais da Coroa, o Museu Britânico, a Torre de Londres, a «Mansion House» (residência do Mayor de Londres). Mas, nessa altura a RAF era já vencedora da gigantesca confrontação nos ares. Na verdade, a derrota nazi ficou claramente expressa a 15 de Setembro de 1940 quando a «Luftwaffe» sofreu as suas mais decisivas perdas levando o «Führer» a pôr de lado o projectado desembarque nas praias britânicas.

O país reflectiu, então, no destino a que a guerra o conduziria. Hitler, afinal, voltou-se contra a URSS a 21 de Junho de 1941. O mundo sentiu que uma espécie de terramoto à escala global acontecera. Mas, enquanto o povo britânico olhava as suas próprias feridas e se colocava ao lado dos povos e do país de Lénine demonstrando inquestionável solidariedade, o capitalismo sorria antecipando uma hora monumental. Queria ver a destruição mútua da Alemanha hitleriana e da União Soviética. Mas isso, como costuma dizer-se, é outra história.

Às portas do inferno

Os 2000 pilotos da RAF incluíam 129 neozelandeses, 100 canadianos, 30 australianos, 146 polacos, 88 checos, 28 belgas, 14 franceses (pró-França Livre), 11 norte-americanos. Os pilotos britânicos eram profissionais formados durante os anos 30, cadetes recrutados nas universidades, reservistas, voluntários, sargentos treinados à pressa. Tripulavam «Spitfires» e «Hurricanes», o que havia de melhor segundo a tecnologia da época. Em maior número, os «Hurricanes» eram um pouco menos velozes do que os «Spitfires» (552 Km/hora contra 605). Ambos os modelos de avião de caça dispunham de 8 metralhadoras e podiam operar a 30 000 pés de altura.

Os pilotos combatentes eram dirigidos pelo «Command Centre» cujo sistema de controlo recebia informações de 30 000 civis pertencentes ao «Observer Corps». O alarme surgia do Comando de Combate Aéreo em Stenmore (norte de Londres), directamente para os diversos Grupos em que a RAF se dividia. Só depois disso, chegava às bases (11 em cada um de 11 Grupos) onde os pilotos se encontravam à espera de ordens. O radar era eficiente até 80 milhas (130 Km) e permitia 15 minutos de alerta. O

comandante da RAF era o general Sir Hugh Dowding.

Do lado nazi, os pilotos sofriam de exagerada confiança. Tinham destruído as aviações polaca e francesa. Os «Messerschmitt 109» possuíam armamento superior ao dos «Spitfire» e eram tão velozes como os «Hurricane». A missão principal dos caças nazis consistia na protecção aos bombardeiros («Heinkel 111», «Dornier 17», «Junkers 88 e 87 B», também conhecidos como «Stukas»). A «Luftwaffe» era comanda pelo marechal Hermann Goering.

Tomou-se compreensível e evidente que os bombardeiros nazis, a princípio, tentavam colocar fora de acção as bases da RAF. Entre 13 de Agosto e 6 de Setembro realizaram 53 ataques contra os campos de aviação de Kent e Sussex. A 30 de Agosto, destruíram Biggin Hill. Também as bases de Manston e Lynne foram atacadas e destruídas. A vida dos pilotos da RAF perante a ferocidade nazi era feita de esperanças às portas do inferno. Soava o alarme, partiam para os combates nos ares. Se regressavam, tomavam café. Novo alarme, novos combates. Se sobreviviam, esperava-os o almoço. À tarde, combatiam de novo. À noite, caíam

na cama em total exaustão sabendo que o dia seguinte seria igual e poderia ser o derradeiro. Na verdade, 544 não conseguiram chegar ao fim da batalha da Grã-Bretanha.

Fúria nazi, heroísmo britânico

Mas Hitler tomou a decisão fatal de transferir a batalha para os céus das grandes cidades. As bases da RAF passaram, assim, à classe de objectivos de segunda. Era o martírio dos bombardeamentos com bombas incendiárias sobre zonas residenciais urbanas, bairros operários, áreas industriais e portuárias, sobre a própria City que havia financiado o nazismo. Tratava-se de uma tentativa desesperada contra o moral e a coragem do povo britânico que, naturalmente, estava destinado a fracassar. Londres em chamas. Coventry em ruínas. Liverpool, Birmingham, a arder. Southampton, Sheffield, Bristol, Hull, Cardiff, Glasgow, sofrendo sob as bombas da «Luftwaffe», assaltadas por legiões de bombardeiros assassinos que surgiam na escuridão da noite.

Esta nova fase da Batalha da Grã-Bretanha começou a 7 de Setembro com um

concentrado ataque sobre as docas londrinas em ambas as margens do Tamisa. Tanto Tower Bridge como Woolwich foram atingidas por numerosas bombas incendiárias. O vento fazia alastrar os fogos e Londres, a capital do Império, mergulhou em muitos dias e noites no Apocalipse. Construíam-se abrigos. Procuravam-se corpos sob os destroços. As pessoas, simultaneamente, desapareciam. Em chamas, a Catedral de São Paulo. Em chamas, os Bancos, na City. Todo o East End operário atingido. O principal abrigo, entretanto, era o Metropolitano em cujas estações e plataformas dormiam famílias inteiras mas, também, gente isolada e apavorada que já não sabia de onde provinha ou para onde ir. Começou a transferência de milhares de crianças para pequenas cidades, vilas, aldeias, dispersas nas províncias. Não sabiam se regressariam, se voltariam a encontrar os pais. Estes, por seu lado, temiam não sobreviver, não voltar a ver os filhos. Mas a mãe Grã-Bretanha, apesar de envolvida numa terrível batalha que lhe ameaçava a própria continuidade, resistiu e venceu. Todos se reencontraram na hora do triunfo.

• Zillah Branco

No meio de uma enxurrada de informações sem interesse para o simples mortal brasileiro (mais de 90% da população) e das deformações impostas pela indústria de comunicação social que escorrem da televisão, surgem algumas questões reveladoras da tragédia dos que tentam salvar a democracia. Uma professora do primeiro ciclo, jogada numa região de Mato Grosso próxima ao Pantanal, pergunta por telefone: «*Como equilibrar o que ensinamos às crianças acerca de cidadania, respeito, sexo, etc., com o que as famílias repetem por tradição e o que os media divulgam?*»



Receita de passividade

A pergunta é admirável, sobretudo para quem está abandonada por qualquer forma de suporte institucional que lhe garanta o aprofundamento dos conhecimentos pedagógicos além dos recursos elementares de bem-estar para poder viver e trabalhar. Deve ser uma das milhares de heróicas abnegadas, que levam o seu talento e dedicação aos lugares mais remotos do Brasil, como apóstolos dos Direitos Humanos. Deu-me imensa pena reconhecer a sua necessidade de *aceitar*, como uma fatalidade, o peso das tradições que reduzem o indivíduo a um ser inanimado que apenas se acomoda superficialmente às imposições externas para poder sobreviver.

Tradicionalmente os pais, sobretudo os mais pobres, ensinam à criança que os seus anseios mais íntimos, assim como os seus direitos na sociedade, são proibidos, são pecados. Ensinam a técnica do camaleão, para passar despercebido diante dos poderosos que poderão usá-los como produto de exploração e de mercado. A beleza que desponta nos adolescentes deve ser disfarçada, assim como a vivacidade criativa e os sentimentos de dignidade pessoal. Os que vivem nas grandes cidades são pasto das mafias da prostituição e do crime quando têm algum predicado.

Mas, maior tristeza ainda tive ao verificar que aquela defensora dos Direitos Humanos se sente levada a *aceitar*, também como uma fatalidade, a criminosa poluição mental que diariamente alimenta a educação social brasileira através dos *media*. E quer saber como *driblar* esta informação que tem mais recursos que a escolinha rural.

A bem da verdade somos obrigados a reconhecer que o Brasil é um país atrasado e subdesenvolvido, sem capacidade, ainda, para superar as formas tradicionais da educação familiar da grande maioria da população que vive sob as injustiças da elite dominante, exactamente como há 500 anos. E mais, com a globalização e o desenvolvimento tecnológico, a situação tornou-se bastante mais grave, acu-

mulando a pressão da elite nacional com o poder imperialista (ou globalizado, para usar a versão moderna). O fatalismo domina as consciências, mesmo daqueles que lutam para que o cidadão brasileiro tenha as mínimas condições para existir como *gente*.

Educação para quê?

A educação é mencionada por muita gente, sobretudo pelo Governo, como uma espécie de varinha de condão capaz de transformar o ser humano, qualquer que seja a sua origem e condição social e económica, em cidadão patriota. Mas, que *tipo*, ou melhor, que *meta* de educação?

O sistema brasileiro, com os seus tentáculos - político, económico e social, incluindo a formação mental/cultural imposta pelos *media* - aperfeiçoou o seu mecanismo de dominação desde o início do período ditatorial instalado em 1964. A roupagem democrática, exibida pelo actual Governo, mal encobre a nudez repressiva e opressora que se fortalece, cada vez mais, com a exclusão social e o aprofundamento da distância entre o povo trabalhador e a elite parasita.

Uma recente pesquisa realizada pela antropóloga norte-americana Janice Perlman em favelas do Rio de Janeiro ao longo de 30 anos (portanto desde o golpe militar de 64), concluiu pela *melhoria das condições de vida* indicada pelo consumo de produtos de tecnologia moderna e *maior exclusão dos cidadãos*. Creio que tal afirmação pode ser generalizada para toda a população trabalhadora, inclusive os da classe média. O consumismo foi incentivado e apoiado com créditos a longo prazo, enquanto crescem os meios de controlo e permanente ameaça sobre os cidadãos: cadastros financeiros, restrições legais e policiais, desemprego crónico que mantém o trabalhador subordinado à boa vontade patronal, criminalidade crescente que obriga o cidadão a criar os próprios

recursos de autodefesa. Evidentemente a elite goza de total impunidade e se beneficia com os altos salários (de 50 salários mínimos mensais, os mais modestos, e 500 ou mais os chefões). É óbvio que o mercado dos produtos industriais e financeiros é controlado pela elite, nacional e internacional, aliada às grandes mafias do crime globalizado.

Diante deste quadro dantesco, compreende-se a *passividade* como condição de sobrevivência. Os que pretendem *amenizar* as desgraças procuram não despertar a atenção do *sistema*, verdadeiro monstro destruidor. Esforçam-se por *equilibrar* os acertos com os erros fatais. Educar será habilitar o cidadão a aceitar este domínio perverso? Será preparar o jovem trabalhador para que cumpra as ordens patronais trabalhando horas extras sem remuneração (como ocorre em todos os bancos do país, por exemplo)? Será levar a população a assistir, como se fosse mais uma novela, os desmandos de altos funcionários do Governo e organismos do Estado, deputados e senadores, que roubaram milhões de dólares dos cofres públicos e permanecem impunes?

O problema é sério e merece profundas reflexões. Esta *passividade*, apontada por muitos como uma *característica do povo brasileiro*, é o fruto do esmagamento mental imposto como condição de vida. Esta *passividade* é o garante do domínio da elite. Esta *passividade* é também uma filosofia que equipara *solidariedade* com *protecção generosa*, iludindo os que dão e os que recebem, impedindo a formação do sentimento de dignidade capaz de transformar o ser humano em cidadão.

Idealistas durante as guerras

As editoras em todo o mundo aumentaram a venda de livros de autores que *foram comunistas durante a guerra* e hoje estão perfeitamente encaixados no *sistema* sentindo-se *mais inteligentes* do que os *incuráveis idealis-*

tas. Cumprem a sua função de *denunciadores dos erros* que conheceram e cometeram quando tinham o *pecado da inocência*. Aí estão, entre outros, os Edgar Morin e as Doris Lessing, da vida, confessando os *seus* enganos de juventude e os atribuindo aos milhões de lutadores que conservam com muita honra os ideais que consolidaram a sua dignidade de cidadãos conscientes. O fenómeno dos *vendilhões do templo* é registado secularmente pela história e não vale a pena perder tempo com eles.

O que chama a atenção é a oscilação da linguagem (e dos princípios éticos) dos *formadores de opinião*, com fácil acesso aos meios de comunicação social e aos recursos financeiros que circulam como esmolas para *salvar* populações mais desesperadas. Ora são idealistas quando se sentem diante da guerra, ora cínicos quando usufruem da paz.

Numa mesma semana de Julho assisti a dois programas em que participava um destacado funcionário da TV Globo, demonstrando esta versatilidade de sentimentos, ou apenas de linguagem. No primeiro, entre outros intelectuais satisfeitos com a vida, era o cínico que desprezava uma certa literatura sentimental, como o livro do Pequeno Príncipe que dizia ter *«achado chato»* e onde descobria uma tendência homossexual. Falava com superioridade sobre os *idealistas, os ingénuos*, considerando-os fora de época e sem qualquer futuro neste mundo esperto de hoje. No segundo programa, no papel de comentarista de uma cena de exclusão no Rio de Janeiro, quando um grupo dos *«sem tecto»* foi levado a visitar pela primeira vez um *shopping center* sendo interpelados pela polícia como se fossem bandidos e vendo os comerciantes fechar as portas das lojas para lhes impedir a entrada, aquele mesmo jornalista anteriormente cínico declarou: *«Aqueles cidadãos foram excluídos porque estão mal vestidos e deslumbrados com os produtos que nunca viram. Olho para a nossa roupa, a nossa beleza, a nossa expressão, e sinto que somos ridículos diante daquela realidade do nosso país.»*

Fico pensando se será necessário o alto custo de uma guerra mundial, ou de se deixar que esta triste realidade em que vivem 4/5 da humanidade invada a doce vida das elites, para que voltem a ser idealistas e solidários com o ser humano, para que abandonem o cinismo e a distância que os coloca como privilegiados do planeta, para que descubram como são ridículos diante da maioria do nosso povo.

Será que não estamos aceitando *passivamente* a sua importância e o seu poder que destrói a natureza, a humanidade e os ideais mais nobres?

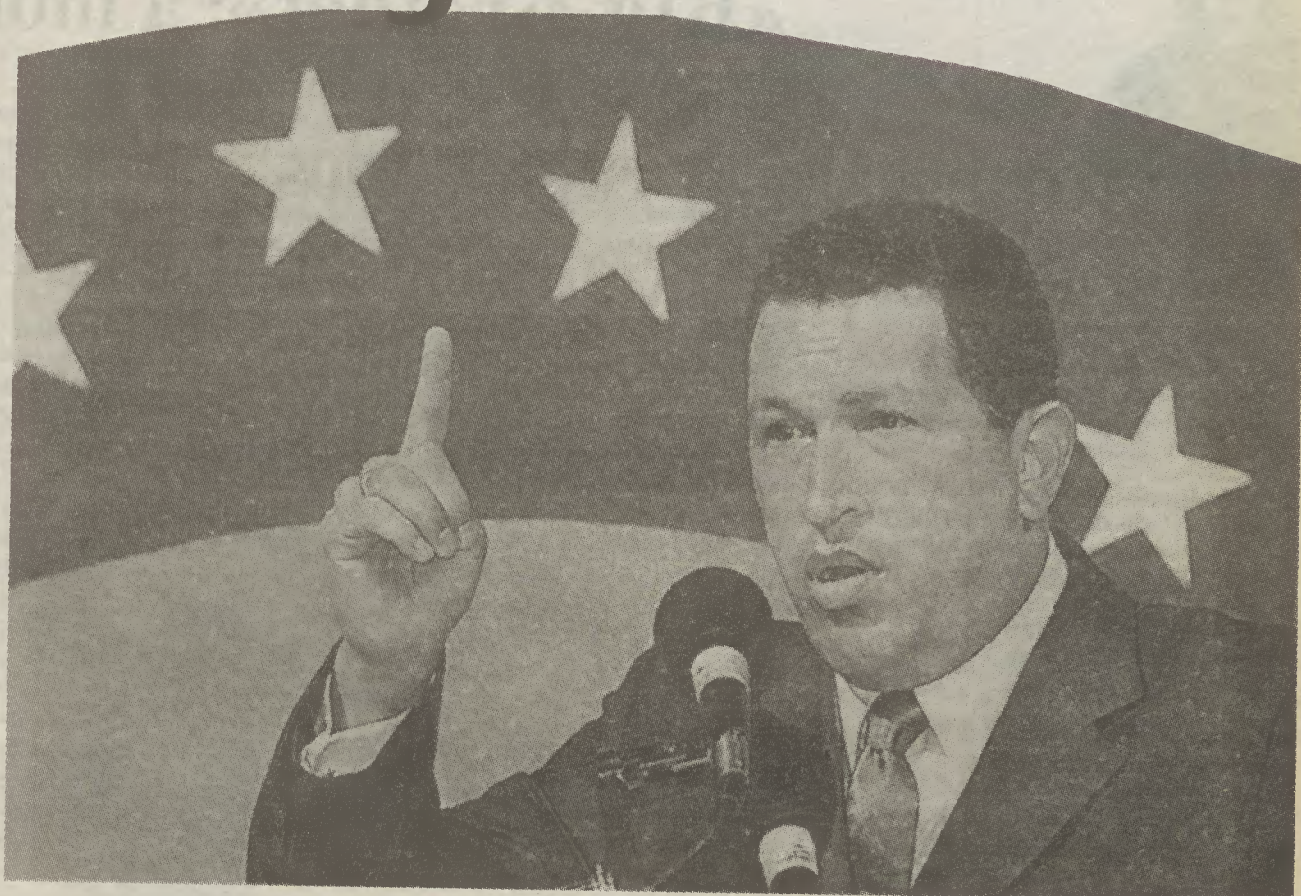
Venezuela

● Manuel Gouveia

A revolução

Venezuela, 1998. Tudo «normal». Como é «normal», no terceiro maior produtor mundial de petróleo, 80% da população vive na miséria. Como é «normal», no meio da maior corrupção, uma classe privilegiada divide entre si as riquezas de todo o país, pagando o correspondente dízimo ao imperialismo (ou vice-versa). Como é «normal», vai haver eleições, e um dos dois partidos que ganham sempre vai fazê-lo, decidindo-se assim se o governo é de «esquerda» ou «direita», porque a política, como é «normal», vai ser a mesma.

Mas o «anormal» acontece. Um ex-militar, líder de uma tentativa gorada de golpe em 92, Hugo Chávez de seu nome, que passara os últimos anos a percorrer o país, apresenta-se às eleições, com um programa contra o neoliberalismo, contra a corrupção, anti-imperialista, e a prometer a defesa efectiva dos interesses dos explorados e oprimidos. E as sondagem dão-no a ganhar. De imediato, já não há «esquerda» nem «direita», apenas um sistema e seus privilégios a defender – e surge um candidato único para essa defesa. Mas perde. E o que é mais



defende-se!

grave, Hugo Chávez uma vez eleito começa a cumprir as suas promessas! É convocado um referendo, que decide da convocação de uma Assembleia Constituinte, esta é eleita, com o Polo Patriótico (cuja força dominante é o Movimento V República de Hugo Chávez, mas incluiu outros partidos, entre os quais o Partido Comunista da Venezuela) a eleger a esmagadora maioria dos deputados e após meses de trabalho, com as sessões transmitidas em directo pela televisão, e a realização de centenas de reuniões e debates públicos, é aprovada a Constituição da República Bolivariana da Venezuela, que é por sua vez esmagadoramente referendada pelo povo.

É a revolução. Ora revoluções não são «normais». Aliás, até nos garantem que estará mesmo provado que já não são possíveis. Por consequência, a comunicação social dominada (que gosta de chamar-se dominante...) assobia para o lado e procura desvalorizar e caricaturar a situação na Venezuela, esforçando-se por nos vender a revolução Venezuelana como uma aventura populista de um Alberto João de boina vermelha com uma tatuagem do Che Guevara nalgum sítio menos próprio, que enganou os parolos lá do sítio, enquanto concretiza o seu único objectivo: concentrar o poder em si.

A Constituição «Bolivariana»

Para tentar desfazer essa caricatura, proponho uma leitura dessa Constituição «Bolivariana».

E se é certo que as leis não fazem o poder, antes é o poder quem dita as leis, esta Constituição, aprovada no final de 99, diz muito desse poder. E é a coincidência das suas linhas essenciais com a acção do Presidente Hugo Chávez e seu governo, que cimentou a aliança contra-revolucionária de partes significativas da burguesia, do latifúndio e da sua Igreja com o imperialismo.

E sobre a caricatura mais difundida, a de que Hugo Chávez concentra todos os poderes, e sendo evidente no plano político o

pápel e influência pessoal deste, no plano constitucional, o actual Presidente da República tem menos poderes que os seus antecessores. Desde logo, pela expressa separação de poderes em legislativo, executivo, judicial, de cidadania e eleitoral, ficando o Presidente apenas na esfera do executivo. E depois, pela aplicação ao Presidente de um conjunto vasto de precauções constitucionais, como a de que todos os mandatos podem ser revogados com base na vontade dos eleitores que o atribuíram (no caso de Presidente, por referendo nacional), e pela limitação do número de mandatos a dois. Mas esta questão da preocupação com a concentração de poderes, além de falsa, é pura e simplesmente uma treta, e para mais, utilizada por quem apoiou e apoia todo o torcionário e já prepara publicamente uma solução para Hugo Chávez à Allende. O problema tem a ver com políticas, ou seja, com classes e seus interesses.

Para começar, a Constituição proíbe expressamente a instalação de bases estrangeiras ou quaisquer instalações com objectivos militares em território nacional (art. 13.º). O que desde logo contraria os planos de Washington, e dá um exemplo «perigoso» para a região, que assiste a um crescente intervencionismo militar norte-americano. Mas vai mais longe, ao apontar como objectivo constitucional, a concretização da «nuestra américa» de Simon Bolívar, ao incumbir ao Estado que «promova a cooperação pacífica entre as nações e impulse e consolide a integração latino-americana de acordo com o princípio da não intervenção e autodeterminação dos povos» (preâmbulo e art. 153.º). Um projecto que nasceu historicamente contra o imperialismo norte-americano, consequência da visão de Bolívar de uma América Latina que se libertava da opressão colonial espanhola para cair numa outra opressão colonial, por parte do seu vizinho do Norte, e a que estes sempre se opuseram activamente. As relações da nova República com Cuba – caricaturadas em alguma imprensa cá do burgo – sendo significativas por si só, são igualmente uma

importante mensagem a todos os povos da América Latina, bem expressa na fórmula escolhida por Hugo Chávez para terminar a sua carta de agradecimento a Cuba pela ajuda prestada durante as inundações que assolaram a Venezuela o ano passado: «Com Bolívar e Martí».

O papel decisivo do Estado

Mas não se esgota no seu carácter patriótico e anti-imperialista, a importância da nova Constituição. Caricaturava o «Público» de segunda feira da semana passada, que «Hugo Chávez recebia o discurso de críticas ao «neoliberalismo»». Fosse só um problema de discursos e receios e estavam «o público» e seus padrões descansados. E não estão. A Constituição, definindo o sistema económico venezuelano como misto, onde «o Estado conjuntamente com a iniciativa privada promoverá o desenvolvimento harmonioso da economia nacional» (art. 299.º), não aplica a cartilha «neoliberal», e não só atribui ao Estado um papel decisivo de planificação, como de intervenção: Ao definir o latifúndio como «contrário ao interesse social» (art. 307.º) e apontando medidas para uma mais justa distribuição da propriedade da terra, ao reservar para o Estado a actividade petrolífera (art. 302.º e 303.º), para o domínio público as águas e solos (art. 304.º e 12.º), ao apontar tarefas ao Estado no apoio às PME's, ao artesanato, ao turismo, etc. Mas vai mais longe, expressa a obrigação do Estado assegurar um sistema de segurança social universal (art. 86.º), cuja pensão mínima é o salário mínimo (art. 80.º), incumbindo ao Estado a criação e gestão de um sistema público nacional de saúde universal e gratuito e expressa a proibição da sua privatização (art. 84.º), expressa a universalidade e gratuidade da educação (art. 100.º), e responsabiliza o Estado pelo acesso universal à informação, garantindo

serviços públicos de rádio, televisão, e redes de bibliotecas e informáticas (art. 108.º).

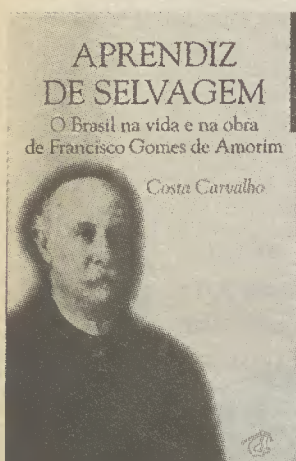
Mas há mais. Num mundo onde se multiplicam os ataques aos direitos dos trabalhadores, a nova Constituição da Venezuela cimenta-os. Estabelece a jornada de trabalho semanal (diurna e nocturna), e aponta o objectivo da sua redução, estabelece o direito ao descanso semanal e férias pagas, à sindicalização e à greve, protecções aos delegados e dirigentes sindicais, medidas contra os salários em atraso e de defesa dos trabalhadores contra as falências fraudulentas, privilégio da negociação colectiva, etc.

E sendo certo que nada disto é novo, e vimo-lo já expresso em dezenas de Constituições, o que importa é ser esta Constituição datada de 1999, e expressar a conquista - hoje - por parte do povo da Venezuela de direitos que estão no centro do ataque imperialista aos povos. O poder que produziu esta lei pode amanhã ser derrotado, os homens que dão corpo a este poder podem amanhã trair, mas à entrada de um novo século, a Constituição da República Bolivariana da Venezuela, imposta à burguesia, aos latifundiários, ao imperialismo, pelo povo da Venezuela, af está a demonstrar que, se bem que o quadro mundial seja ainda de resistência, esta resistência faz-se também de avanços, conjunturais talvez, mas avanços.

Mais uma vitória

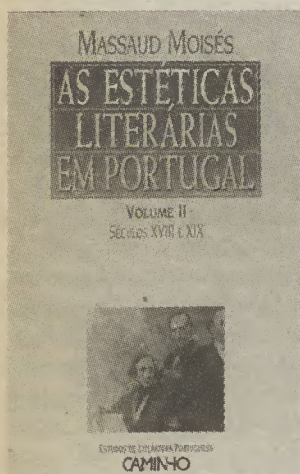
A Revolução Venezuelana averbou este domingo mais uma vitória, ao derrotar nas urnas o candidato da contra-revolução Arias Cardenas, que se apresentou como a revolução moderada, não «vermelha», e não foi por acaso que o imperialismo escolheu para o representar um homem com um percurso paralelo ao de Chávez até à elaboração da Constituição. Mas venceu apenas para entrar numa nova, decisiva e ainda mais perigosa fase, para a qual não é seguro estar preparada. A aplicação do programa constitucional implicará a agudização da luta de classes, com a burguesia a utilizar todos os instrumentos, legais ou não, para reconquistar o poder político, e a aprofundar a sua aliança com o imperialismo norte-americano, com o risco evidente de uma crescente intervenção externa. A solidariedade com a revolução venezuelana vai ser cada dia mais necessária – e um apoio não desprezável para a sua consolidação.

Livros



Aprendiz de Selvagem

Durante as férias, há quem enfie, entre os seus apetrechos de lazer, uma mão cheia de livros. Normalmente de ficção. Para «distrain» ou para «recuperar» o tempo que no ano todo não conseguiu dedicar a esta vertente cultural. Mas também há quem arranje outros livros, mesmo que de literatura tratem. Hoje damos dois exemplos interessantes de leitura que, não sendo ficção, sobre ela reflectem. Da *Campo das Letras*, assinado por **Costa Carvalho**, este volumoso estudo intitulado *Aprendiz de Selvagem - O Brasil na vida e na obra de Francisco Gomes de Amorim*. Este escritor, português primeiro - parte da barra do Douro aos dez anos, em 1837 - e brasileiro depois - chega ao Brasil onde é vendido no mercado de escravos brancos, no Pará, faz da sua vida uma verdadeira aventura. Nunca antes, como ele, alguém vira o Amazonas com olhos assim. Com olhos de experiência - foi remador, caçador, carregador, carpinteiro. E mais tarde, escritor - de teatro, de romance, de contos; sociólogo, etnógrafo, polemista. O interessante trabalho de Costa Carvalho, que além de biografia contém muito do que Gomes de Amorim escreveu, aí está para «distrain» o leitor curioso e dar trabalho de Verão ao estudioso.



As Estéticas Literárias em Portugal

E também este outro livro que recenseamos servirá os mesmos propósitos de leitor em férias. Trata-se do segundo volume de *As Estéticas Literárias em Portugal*, da autoria de **Massaud Moisés**. O volume anterior, referente aos séculos XIV a XVIII, abordara as correntes estéticas, medievais, as doutrinas renascentistas de feição classicizante e as teorias do Barroco. Este volume, que respeita aos séculos XVIII e XIX, três grandes tendências estéticas são abordadas - a neoclássica, o romantismo e a seguinte, que o autor considera como anti-idealista e em que predomina «uma estética desejadamente objectiva, voltada para a transformação radical do meio social. Edição da *Caminho*.

Crónicas da Idade Média

• Ruben de Carvalho

«Big Brother»: a monstruosidade

Seria eventualmente um bom sinal verificar que em Portugal as coisas se irão passar de forma diferente relativamente ao já badalado concurso «Big Brother» que a TVI se prepara para transmitir a partir de Setembro.

Interessa salientar desde já que a divulgação do teor do concurso tem sido feita com um meticuloso controlo por parte da estação. Os resultados e as reacções provocadas pelas anteriores edições noutros países surgem essencialmente para valorizar os resultados financeiros obtidos pelos concorrentes, coerentemente aliás com o panorama geral da televisão portuguesa onde se não fala noutra coisa senão em concursos, milhões, «ganhe», «concorra», invista.

Recordemos alguns aspectos essenciais.

George Orwell

Filho de um alto funcionário britânico colocado na Índia, George Orwell, criador da figura «big brother», nasceu em 1903 em Bengala, sendo baptizado com o nome de Eric Arthur Blair. Depois de frequentar o aristocrático colégio de Eton, começou por seguir a trajectória das famílias aristocráticas inglesas da época, servindo militarmente no império, tendo desempenhado funções policiais em Burma.

Na sequência de uma evolução política já iniciada durante os estudos, em 1927 rompeu decididamente com a família e as suas origens sociais, regressou à Europa e adoptou o nome por que viria a ser conhecido, não apenas como pseudónimo literário, mas em toda a sua vida futura.

Inicia então a sua actividade literária, publicando em 1933 o primeiro livro, fruto das deambulações entre Londres e Paris, intimamente ligado aos meios socialistas e de esquerda das duas capitais e com um forte pendor de denúncia da exploração

capitalista e da repressão numa Europa dominada pela ascensão do nazifascismo.

Participa activamente na solidariedade com os republicanos na Guerra de Espanha, batendo-se contra os franquistas em Barcelona. Desta sua experiência resultou um dos seus livros mais conhecidos, «Homenagem à Catalunha», publicado em 1938, ainda antes da queda de Madrid, e que desencadeou acesa polémica. Na verdade, a passagem por Espanha havia acentuado o afastamento de Orwell relativamente à União Soviética e aos comunistas e aquela sua obra subscreve uma discutível visão sobre a guerra civil, e particularmente sobre os conflitos entre anarquistas, trotsquistas e comunistas que assumiram marcada violência na capital catalã.

Crescentemente antimarxista, Orwell foi deslizando progressivamente para um pessimismo sobre as possibilidades de vitória do socialismo, reflectindo as suas últimas obras um receio, assente na sua crítica sensibilidade às ligações entre o poder e as novas tecnologias, sobre as condicionantes da liberdade nas sociedades contemporâneas. «Animal Farm», editado em 1945, transformou-se na sua sátira mais conhecida nesta linha, a que se seguiu cinco anos depois «1984».

«1984»

«1984» é uma fábula na qual se pretende antever o mundo na data que dá título à obra e é nela que surge uma figura que viria a adquirir o estatuto de sinónimo de totalitarismo na cultura europeia contemporânea: «big brother».

Orwell descreve uma sociedade inteiramente dominada por um poder totalitário elusivo e paternalista, onde o ditador adquire o equivocadamente afectuoso nome de «big brother», irmão grande ou, mais exactamente, irmão mais velho. Mas o que tornou «1984» uma obra de referência dos textos

críticos do final do século foi a intuição orwelliana sobre o papel dos meios de comunicação de massas, nomeadamente o paralelo que realiza entre a presença que a II Guerra tornara generalizada de altifalantes de informação geral nas ruas de todas as grandes capitais do mundo e em torno do quais se juntavam multidões para escutarem as notícias do conflito, o cinema e a televisão, que entretanto dava os seus primeiros passos. O quotidiano na sociedade de «1984» assenta numa presença obsessiva da própria imagem do ditador completada com a frase «big brother is watching you», «o irmão mais velho está a vigiar-te».

O futuro viria a reconduzir frequentemente à fábula de Orwell: embora num quadro politicamente menos clamorosamente fascizante que o por ele previsto para quatro décadas depois, o poder político e económico nas sociedades ocidentais desenvolvidas foi crescentemente rodeando-se de elementos de vigilância dos cidadãos (sistemas electrónicos, escutas, ficheiros, bases de dados, etc., etc.), ao mesmo tempo que a televisão se assumia tanto como um factor estruturante do dia-a-dia social como um instrumento de condicionamento ideológico de proporções jamais imaginadas.

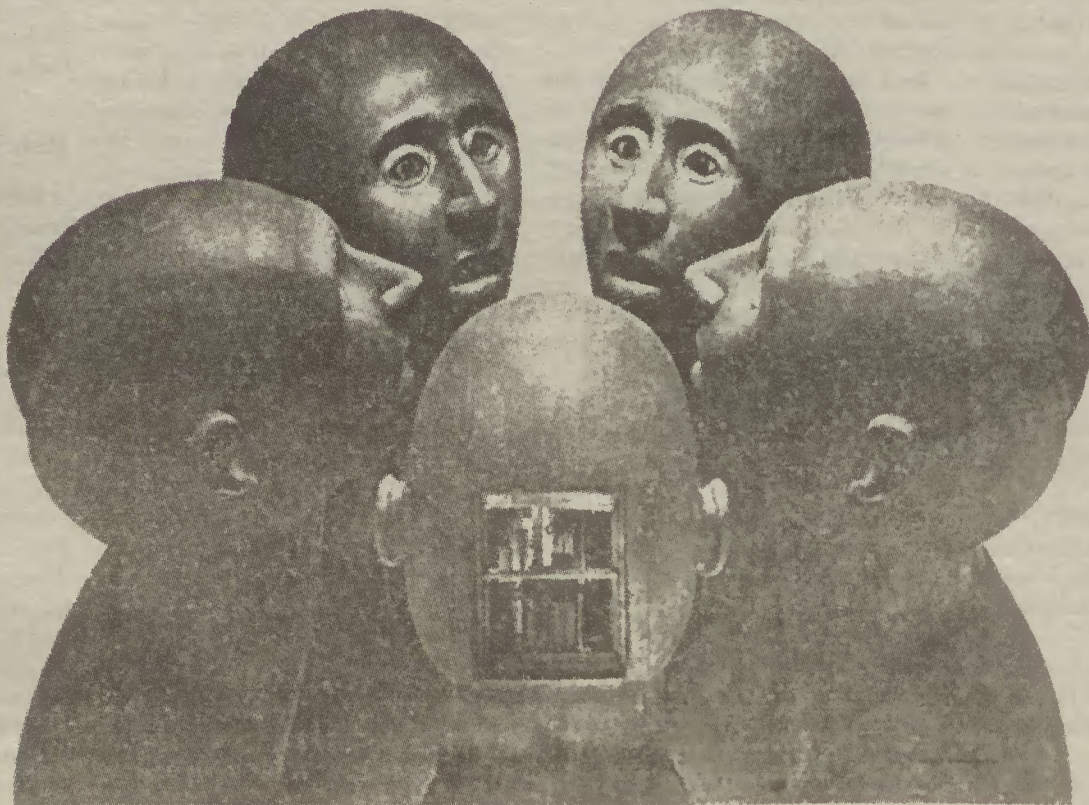
Concurso e civismo

Adquire assim o carácter quase de uma provocação a sociedades crescentemente críticas e atentas aos efeitos negativos do domínio televisivo que sejam as próprias televisões a procurarem uma figura sinónima do imaginário fascizante que as inclui para organizarem um espectáculo. Não seria menos brutal se lhe chamassem «campo de concentração», mas a verdade é que a estrutura do que a TVI (a tal que foi uma televisão de *inspiração cristã*...) se prepara para apresentar acaba a constituir uma fusão das duas grandes taras totalitárias do século XX: o universo concentracionário e a perda de liberdade e privacidade dos cidadãos face ao poder.

Os «concorrentes» ao «Big Brother» serão fechados durante um período longo (em edições estrangeiras, três meses, parece que a TVI quer quatro!) numa casa de onde não poderão sair e onde **todo** o seu quotidiano é observado por câmaras de televisão em funcionamento permanente. As imagens obtidas são apresentadas ao público que «participa», fazendo julgamentos sobre o comportamentos e personalidades cuja espionagem lhe vai sendo proporcionada. De tais julgamentos resultam as sucessivas **eliminações** de concorrentes (não se prevêem ainda fuzilamentos ou fornos crematórios, o concorrente apenas sai da casa), até ao apuramento do «sobrevivente», o triunfador.

Na imprensa portuguesa surgiram já várias vozes condenando (leia-se nomeadamente João Lopes no EXPRESSO), às quais a TVI, pela autorizada voz da D. Teresa Guilherme, responde com os habituais disparates reaccionários sobre os «críticos que só dizem mal» e a cândida realidade do que «o público gosta».

O problema é que, face a uma monstruosidade como «Big Brother», até o «Big Show Sic» passa a ser televisão educativa. Aliás, como escreveu o homem que inventou a televisão educativa norte-americana, Nicolas Johnson, «toda a televisão é televisão educativa. O problema é o que é que ensina».



Cinema

• Rogério Feitor

Os Homens e os Outros

O Intendente Sanshô

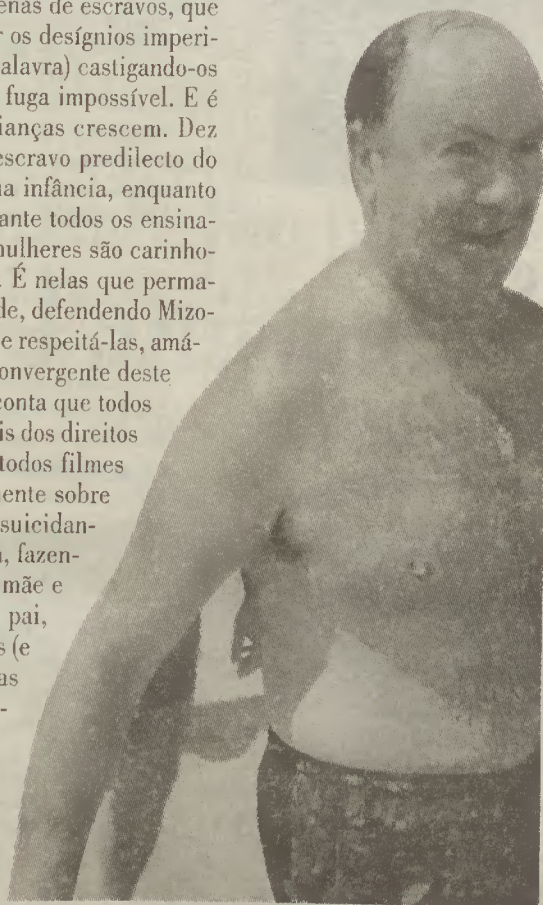
Chegou ao fim, juntamente com o mês de Julho, um dos mais fortes e impressionantes ciclos da Cinemateca desde a sua existência, dedicado ao grande realizador japonês Kenji Mizoguchi. Dos muitos filmes que passaram, um marcou-me especialmente, devido ao seu falso anacronismo e ao seu mais que transcendental domínio celestial: refiro-me ao seu filme de 1954 – *O Intendente Sanshô*.

A história do filme é tão trágica quanto simples: no séc. XI, um governador bondoso recusa a ordem imperial de enviar mais homens do seu domínio para enfileiramento das tropas do imperador, justificando-se no facto que as famílias passariam fome devido à ausência dos homens. O imperador, descontente com esta desobediência, ordena o exílio do governador. A sua mulher e os seus dois filhos apenas podem recorrer à bondosa caridade dos seus parentes, sendo forçados, alguns anos mais tarde, a partirem em busca do pai e marido. No entanto, a viagem aguarda-lhes alguns percalços: a mãe é separada de seus filhos, sendo transportada para a ilha Sado para servir como prostituta, enquanto os seus dois filhos, Zushio e Anjû, são vendidos como escravos para o mais terrível dos homens, o Intendente Sanshô. O Intendente, às ordens do Imperador, tem à sua mercê dezenas de escravos, que dedicam toda a sua vida a servir os desígnios imperialistas (no pleno sentido desta palavra) castigando-os duramente se estes tentam uma fuga impossível. E é neste ambiente que as duas crianças crescem. Dez anos mais tarde, já Zushio é o escravo predilecto do Intendente, renegando toda a sua infância, enquanto Anjû permanece inamovível perante todos os ensinamentos dos seus pais (como as mulheres são carinhosamente tratadas por Mizoguchi. É nelas que permanece toda a crença da humanidade, defendendo Mizoguchi que não basta gostar: há que respeitá-las, amá-las no sentido mais abstracto e convergente deste universal sentimento, tendo em conta que todos os seus direitos são indistinguíveis dos direitos dos homens). É Anjû, como em todos filmes do Mizoguchi, predomina finalmente sobre o seu irmão, obrigando-o a fugir, suicidando-se para não revelar a sua fuga, fazendo que com Zushio reencontre a mãe e siga fielmente os ensinamentos de seu pai, tão valorosos quanto humanitários (e como inseparáveis são estas duas definições), cristalinamente definidas pela última frase do pai-governador ao seu filho: «um homem sem compaixão é como um animal. Ama todos os outros homens, qualquer que seja a condição deles, porque

todos os homens nascem iguais. Nunca sejas cruel com os teus semelhantes».

O Caso Jardim ou Os Outros

Em Portugal, mais concretamente na Madeira, um homem existe que parece querer personificar o famoso Intendente Sanshô. O seu nome, Alberto João Jardim (Elio Vittorini, escritor neo-realista italiano, autor de um livro intitulado *Os Homens e os Outros*, em que defendia, justamente, que os homens que defendem os seus ideais de justiça e humanidade vigorosamente, são dignos de serem chamados de Homens, assim mesmo, com letra grande. O resto são os outros, assim mesmo, com letra pequena). Famoso pelas suas tiradas e pelo seu excessivo odor alcoólico, João Jardim diverte-se e diverte os outros (Os Outros) com frases do estilo *morte aos comunas*. No Continente, se alguém tenta levantar a voz, aparecem muitos a dizer que o melhor é não ligar, que tudo isto é habitual no personagem, que parece estar na moda falar mal dele. No entanto... no entanto, João Jardim é membro do Conselho Nacional do segundo maior partido político do País, presidente da Região Autónoma da Madeira, responsável político por muitos milhares de pessoas. Tal como Zushio, o cidadão normal parece querer esquecer todos os nobres ensinamentos do passado, renegando-se a uma vida possível nestes tempos modernos. Se a tudo isto juntarmos os imigrantes ilegais que trabalham numa semiescavidão, do novo decreto-lei que dá visto temporário de cinco anos aos imigrantes ilegais que possuam contrato legal com as empresas, elogiado de pronto por Le Pen, e todas as condições degradantes que os imigrantes vivem numa Europa que aposta na Internet (quando mais de metade do mundo nem electricidade tem), o filme de Mizoguchi já não nos parece tão anacrónico assim (e isto sem entrar no melindroso campo sobre o papel fundamental da Arte no mundo actual).



político por muitos milhares de pessoas. Tal como Zushio, o cidadão normal parece querer esquecer todos os nobres ensinamentos do passado, renegando-se a uma vida possível nestes tempos modernos. Se a tudo isto juntarmos os imigrantes ilegais que trabalham numa semiescavidão, do novo decreto-lei que dá visto temporário de cinco anos aos imigrantes ilegais que possuam contrato legal com as empresas, elogiado de pronto por Le Pen, e todas as condições degradantes que os imigrantes vivem numa Europa que aposta na Internet (quando mais de metade do mundo nem electricidade tem), o filme de Mizoguchi já não nos parece tão anacrónico assim (e isto sem entrar no melindroso campo sobre o papel fundamental da Arte no mundo actual).

Pontos Naturais

• Mário Castrim

Com um risinho nos olhos

Explicação

Ninguém enriqueceu por suas próprias mãos só se rezou e Deus escutou.

Deus, que me dá a honra de me ler, diz que tal nunca pode acontecer. Nesse caso qual é a solução?

– Pergunta a Marx – diz sisudo –
Eu já lhe expliquei tudo.
mas não lhe digas que fui eu que disse isto pois ele nem sabe que eu existo.

Juízo final

– O céu não é para vocês
(disse S. Pedro a Suas Mercês)

– Somos gente de fé
(Suas mercês disseram)
Isto é uma afronta!

S. Pedro com um sorriso cerrando a porta do paraíso:
– Calma, irmãos. Já tiveram a vossa conta.

Ladainha quase infantil

O gato caça o rato?
O rato caça o gato?
O gato caça o gato?
O rato caça o rato?
O rato coça o gato?
O gato coça o rato?
O gato leva o rato?
O rato leva o gato?
O gato será o rato?
O rato será o gato?

Ora escutem o diálogo institucional

– Senhor Ministro, eu sou o banqueiro.
– Senhor banqueiro, eu sou o ministro.
– Somos parceiros sociais.
– Ora nem mais.
– Eu, o banqueiro.
– Eu, o ministro.
– Tenho o dinheiro.
– Tenho o Poder.
– Quer dizer...
– Com o teu dinheiro.
– Eu sou banqueiro.
– Eu sou da esquerda.
– O que não impede...
– E por que havia?...
– Nem mais.
– Nem menos.
– Somos parceiros.
– ... sociais.
– Eu sou o banqueiro.
– Eu sou o ministro.
– Pois está bem.
– Um úsque, vá.
– Mas do meu, tá?

Cartoon

• Monginho



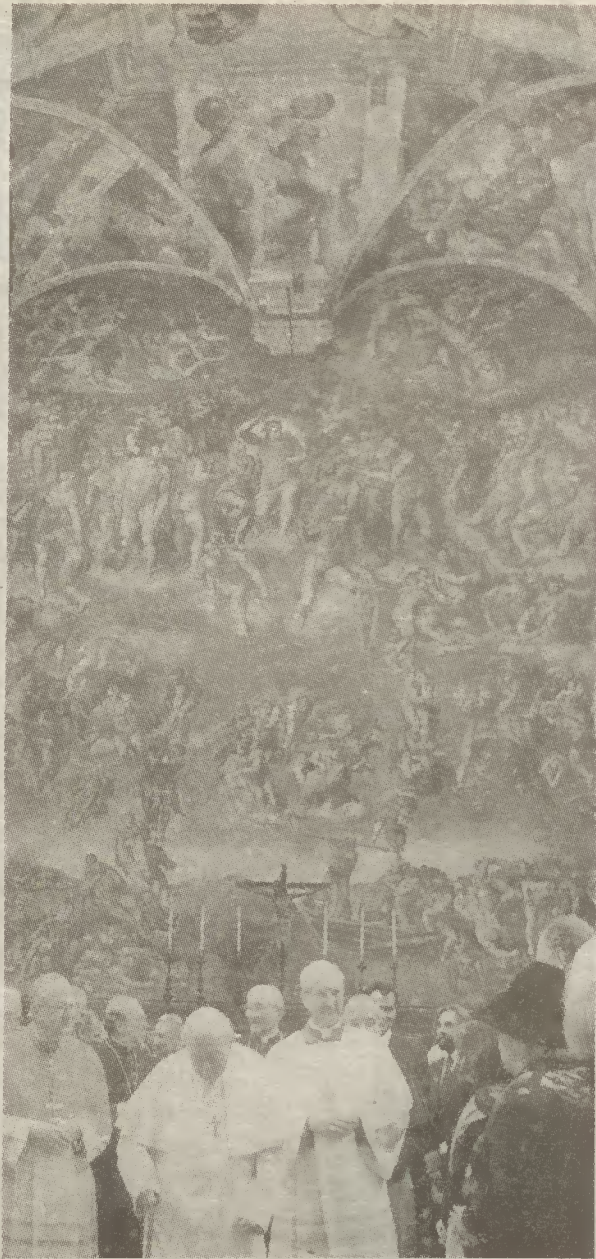
Religiões

• Jorge Messias

Como se sabe, liturgia é espectáculo, mesmo que esta consideração não encerre em si mesma qualquer carga negativa. Todas as religiões, para ganharem visibilidade junto das massas, precisam de revestir-se de formas espectaculares. Nada se pode criticar, então, à espectacularidade das liturgias quando estas se confinam às fronteiras da fé. Optar e exprimir essa opção é direito de cidadania humana.

Diferente é o caso quando as liturgias da fé servem para visar objectivos bem diferentes, como o lucro financeiro, a expansão das hegemonias ou a afirmação do poder político. É esse, por exemplo, o caso das grandes celebrações do Jubileu 2000 que, com um êxito relativo, têm procurado transformar Roma num imenso palco rotativo da Igreja em relação ao qual Fátima mais se assemelharia à filha anã do Portugal dos Pequeninos. Como as despesas do Jubileu são quase que integralmente pagas pelo governo italiano, pelo município de Roma e pelos patrocinadores privados, os enormes fluxos financeiros resultantes da chegada de milhares de peregrinações estrangeiras, da venda das bulas e recordações religiosas ou do negócio dos passes de entrada nos espectáculos de música «rock» acabam, invariavelmente, nos cofres dos bancos do Vaticano. Com a iniciativa do Jubileu 2000, o Vaticano tem procurado juntar o útil ao agradável: arrecadar divisas e divulgar uma imagem mais favorável da actual igreja católica institucional. A realidade, entretanto, não parece confirmar essa visão de sucesso.

Um outro aspecto, a que voltaremos quando for possível dispor de maior espaço redactorial, é aquele a que chamaríamos *liturgia da mediação e reconciliação*. Traduz a metodologia característica da actual diplomacia vaticana. O Vaticano observa atentamente o desenrolar dos acontecimentos políticos numa dada região mas



Os grandiosos dias do espectáculo litúrgico

abstém-se enquanto os seus próprios interesses ou os dos seus aliados não estão em perigo. É nestes termos que vamos encontrar presentes, aqui e além – mas não em toda a parte – os diplomatas da curia romana. É a chamada *liturgia da paz*. Consiste num processo de aproximação das duas partes em confronto. A Igreja é então reconhecida como mediadora. São principais protagonistas destas acções pacificadoras o Vaticano, os poderes político-económicos mais interessados, as fundações privadas, as ONGS e associações católicas regionais. Na esteira de cada um destes processos surge, invariavelmente, o FMI e o Banco Mundial.

A *Comunidade de Santo Egdio* realiza, regularmente, grandes plenários mundiais a que chama **Encontros de Povos e Religiões**. A próxima dessa reuniões magnas será em Lisboa, no próximo mês de Setembro. Os homens da Santo Egdio irão ostentar os seus grandes troféus, como Corbatchov, Felipe Gonzalez, Mário Soares (socialista, agnóstico e republicano), Ciampi, Amato, Scalfaro e outros: Virão o presidente da

Indonésia, Wahid, e os principais líderes religiosos judeus, muçulmanos, ortodoxos, hindus, luteranos, etc. Os trabalhos serão patrocinados por Jorge Sampaio que pronunciará o discurso inaugural. O Encontro culminará numa grande marcha confessional pela Paz, do Centro Cultural de Belém até à Praça do Município. Aguarda-se a vinda de milhares de participantes estrangeiros, transportados pela rede turística da igreja, sobretudo a partir de Roma onde se concentra uma grande massa de peregrinos de várias religiões, atraídos pelas celebrações do Jubileu 2000.

Os *padres fortes* da igreja portuguesa - Maia, Seabra, Melfcias e similares - organizarão o núcleo nacional deste desfile a que não faltarão os Escuteiros Católicos, os movimentos fundamentalistas, as ONGS, as IPSS, as religiosas e religiosos, etc. Será uma jornada de êxito garantido, integrada na *liturgia católica da Paz*. E não será de estranhar que o Vaticano consiga, simultaneamente, ver-se reconhecido como mediador político em conflitos centrais como os de Angola, Médio Oriente ou nos países da Ásia periféricos à cobiçada China.

Assim talha a igreja os seus caminhos no mundo.

Pontos Cardeais

Abstinência

Promessas são promessas e, quando toca às promessas eleitorais ao bom estilo burguês e ocidental, elas costumam valer apenas enquanto as eleições ainda não tiveram o seu desfecho. No entanto, usam os intervenientes de um certo decoro, que costuma trazer os seus frutos. Isto é, convém não prometer mundos e fundos, e ficar-se o candidato pelos fundos, que são mais escamoteáveis que os mundos. Na América, porém, e mais concretamente nos Estados Unidos, o decoro, quer dizer a vergonha, há muito não faz parte do arsenal dos candidatos dos dois partidos que, entre ambos, decidem, sem diferenças assinaláveis, da política a seguir pela Casa Branca. Desta vez a coisa atingiu proporções pouco habituais. Não falamos aqui de Al Gore, o actual vice-presidente que, na corrida pelos democratas, escolhe um «judeu ortodoxo» para agradar à ortodoxia de certo eleitorado e, curiosamente, um «moralista» raro entre os membros do Partido Democrata, que se atreveu a criticar o «envolvimento reprovável» de Clinton com a estagiária lá da Casa. Falamos do candidato do «outro» lado do espectro político dos EUA - o Bush Júnior, que faz uma promessa fabulosa - propõe-se «substituir o planeamento familiar por programas de incentivo à abstinência sexual». Se fosse o Papa a dizê-lo em várias línguas, talvez houvesse um milagre. Mas não se vê como Bush irá cumprir, pelos americanos todos, a promessa de se absterem.

Cheira bem...

Os leitores decerto nunca viram - ou ouviram, ou leram - estrangeiros de visita ao nosso país a dizerem o que realmente lhes vai na alma. Já nem se fala dos brasileiros, que no Brasil inventam anedotas ferozes sobre os portugueses e por cá só dizem que somos um povo maravilhoso. Pois é. A novidade desta vez é a que trouxeram, segundo o «Diário de Notícias», «estudantes de todo o mundo reunidos no Porto». Apreciaram o vinho do Porto, é claro, e só lhes ficava mal se não dissessem bem. Gostaram de tudo.

E, como estavam na capital nortenha, na «Invicta», não disseram «Cheira bem, cheira a Lisboa». Foram ao cúmulo do compromisso, dizendo que Portugal «cheira a Atlântico». Seja lá o que for, é simpático...

... ou cheira mal?

Mas o Atlântico não é, só por si, sinónimo de bom cheiro. Que os digam os turistas que, na praia Maria Luísa, no Algarve, apanharam com um descuido da estação elevatória da ETAR que, durante trinta minutos, descarregou na praia uma «emergência». «O cheiro era de tal forma nauseabundo que me senti maldisposto», terá confessado um turista. Acresce que estes turistas não são uns portugueses quaisquer, pois se o fossem o caso não teria merecido sequer notícia. A gente está habituada. A praia «também serve o Clube Méditerranée». Estão a ver a coisa? E parece que os banheiros se apressaram a içar a bandeira vermelha. Imagine-se... numa praia de bandeira azul!

Férias «desportivas»

Continuando pelo Verão dentro, outra «notícia» das quentes. Vinte e cinco crianças de Vinhais tiveram, ainda segundo o mesmo diário, «umas férias diferentes». Um programa «divertido», segundo a repórter, «incentivado pelo Instituto Português da Juventude», esclarece a abertura da reportagem. Os cenários foram «diversificados», explicam-nos. E o projecto chama-se, saudavelmente e a rimar, «Desporto em Movimento É Saúde e Crescimento». E vai envolver, diz-se, «11 mil jovens dos dez aos 25 anos, em 389 projectos com actividades que vão dos desportos radicais às visitas culturais». Então, se tudo isto é tão bom, por que é que estamos a resmungar? Apenas porque a foto de actividades desportivas (ou culturais, ou lá como é) mostra um grupo de crianças, de armas automáticas na mão - esperamos que sejam de imitação, numa «actividade em que o desporto e animação foram a nota dominante». Os «jovens» de Vinhais vão para a tropa aos dez anos?

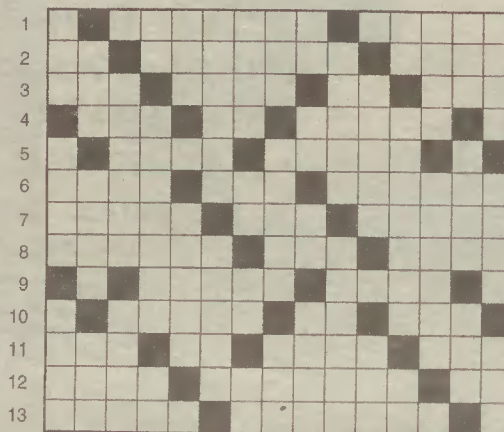
Palavras Cruzadas

HORIZONTAIS: 1 - Doença sem importância (pop.); conversar. 2 - Aqueles; pequeno vaso cilíndrico geralmente de louça, com asa (pl.); macho. 3 - Virtude; antigo instrumento musical de cordas; avenida (abrev.); cicla. 4 - Certamente; contr. do pron. pess. compl. me com o pron. dem. a; agregar. 5 - Que tem cor entre rubro e violáceo; o m.q. couro. 6 - Consumir; graúdo; cada uma das oito partes iguais em que se dividiu um todo. 7 - Cipó; pronunciar o que se lê; brilhar. 8 - Fricção; que tem saúde; poço de onde se extrai água por meio de engenho. 9 - Planta espinhosa; grupo de pessoas em círculo. 10 - Transgredir preceito religioso; a tua pessoa; suf. nom., de origem grega, que exprime a ideia de filiação, descendência. 11 - Espaço de 12 meses; Anno Domini (abrev.); popularidade (fig.); espécie de sapo da região do Amazonas. 12 - Tudo o que promove um movimento; perpendicular baixada do centro de um polígono regular sobre um dos lados; aprovado (abrev.). 13 - Lugar de refúgio inviolável; que é formado de partes semelhantes.

VERTICAIS: 1 - Debaixo de; guarnição na extremidade de uma peça de vestuário; reputação. 2 - Designativa de falta, exclusão, ausência, condição, excepção; sete mais um; contr. da prep. e com o art. def. os. 3 - Enjoar a bordo; dei brilho a. 4 - Antes de Cristo (abrev.); indolência; alumínio (s.q.). 5 - Nome vulgar do óxido de cálcio; atacante. 6 - Dou vivacidade; ermida. 7 - Humor que se forma nos ouvidos, cerume; decilitro (abrev.); doutor (abrev.); nome da letra grega correspondente a P. 8 - Vazia; fortemente unido; as vossas pessoas. 9 - Palavra havaiana que designa lavas ásperas e escoriáceas; contr. da prep. e com o art. def. o; batráquio anfíbio aquático, anuro, da família dos ranídeos; penteado em que se prende parte do cabelo. 10 - Que goza de saúde; princípio. 11 - Corajoso; desejo. 12 - Antes do meio-dia (abrev.); praça de forma circular ou semicircular; aspecto. 13 - Espécie de rã; barulheira. 14 - Naquele lugar; combinar; altar cristão. 15 - Devorador; verbal; salto brusco.

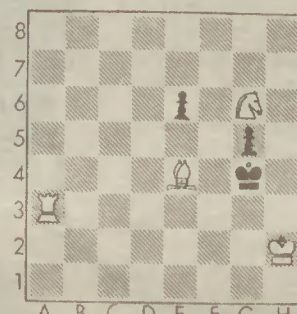
SOLUÇÃO: HORIZONTAIS: 1 - Malaria; 2 - Cabaço; 3 - Virtude; 4 - Certo; 5 - Roxo; 6 - Comer; 7 - Cipó; 8 - Fricção; 9 - Cardo; 10 - Família; 11 - Espaço; 12 - Movimento; 13 - Lugar; 14 - Naquele; 15 - Devorador. VERTICAIS: 1 - Debaixo; 2 - Falta; 3 - Enjoar; 4 - Anterior; 5 - Alumínio; 6 - Ataca; 7 - Cerume; 8 - P; 9 - Havaiana; 10 - Saúde; 11 - Corajoso; 12 - Meio-dia; 13 - Rã; 14 - Naquele; 15 - Devorador.

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12 13 14 15



Xadrez

DCLXV - 10 DE AGOSTO DE 2000
PROPOSIÇÃO N.º 2000X31
Por: André Chéron
«Journal de Genève», 16.XI.1935
Pr.: [3]; P.: 66, 65 - Rg4
Br.: [4]; Cg6 - B64 - Ta3 - Rb2

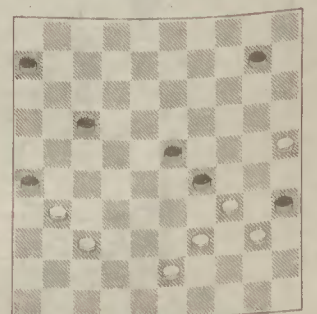


Mate em 5 [cinco] lances

SOLUÇÃO DO N.º 2000X31 [J.H.H. Sch.]
Chave: 1. Rg2! 1. ... Rb5; 2. Th3+ Rg4; 3. Th1, 65; 4. Rb2, Rb5; 5. Rg3 #.
1. ... 65; 2. Ta1+ Rb5; 3. Th4+, Rg4; 4. Rb2, Rb5; 5. Rg3 #.

Damas

DCLXV - 10 DE AGOSTO DE 2000
PROPOSIÇÃO N.º 2000D31
Por: Jan H. H. Scheijen
«NL» - 1958
Pr.: [5]; 6-10-17-23-26-29-35
Br.: [7]; 25-31-34-37-39-40-43



Branças jogam e ganham

SOLUÇÃO DO N.º 2000D31 [J.H.H. Sch.]
1. 34-30, (35x33); 2. 43-38, (33x42); 3. 37x43, (26x37); 4. 30-24, (29x20); 5. 25x5-D, (37-42); 6. 5x11, (6x17); 7. 48x37 e +



Nos fins-de-semana continua
a haver trabalho para todos!

Participa!

(Nos dias 1, 2 e 3 de Setembro a Festa retribui!)



Sábado, dia 12:

Jornada de trabalho concelhia de ODIVELAS

Ponto de encontro – Bar da Festa, 8h30

Almoço-convívio

Com
Carlos Carvalhas

Festa CDU no Castelo de Silves

Sábado, 12,

a partir das 20 horas

Música popular portuguesa

com José Maria

e o Rancho Folclórico da Pedreira

*

**Escoural
(Montemor-o-Novo)
– Largo da Igreja**

Festa da Liberdade

promovida pela organização
de freguesia do PCP
12 e 13 de Agosto

Sábado

11h – Abertura

12h – Abertura do Bar.

Almoço

18h – Abertura da

quermesse

20h – Rancho Folclórico

22h – Baile com o

conjunto de Marta

Guerreiro

Domingo

8h – Abertura

15 – Abertura da

quermesse

18h – Jogos tradicionais

21h – **Intervenção**

política

por Raimundo Cabral

22h – Baile com o

conjunto de Vera Galvão

Verão 2000 Encontros do PCP com Emigrantes

Grândola

Sábado, 12 de Agosto

no CT do PCP, a partir das 15h

Encontro com Emigrantes

naturais do Alentejo

Festa do Avante! Quinta da Atalaia

Quinta-feira, 17 de Agosto,

às 10h30

Almoço-convívio no final do encontro

(inscrições para o almoço até dia 14)

Outras informações e inscrições:

PCP Emigração – Tel. 217813883

E-mail – emigracao-pep@clix.pt

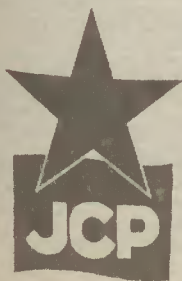
Porto – Concurso de Bandas

para actuação no palco Novos Valores da Festa do Avante!

– Acid Mass, Ectovult, Jelly Mushroom, Funny Bomb, Silmyy,
seleccionadas na primeira fase do concurso

Sexta-feira, 11, às 22h no

Espaço Hard Club – VILA NOVA DE GAIA



Espaço das 5 às 10

Ao fim da tarde,
todos os Sábados,
das 17 às 22

no Centro de Trabalho da Graça
Largo da Graça, 104, 1.º – Lisboa

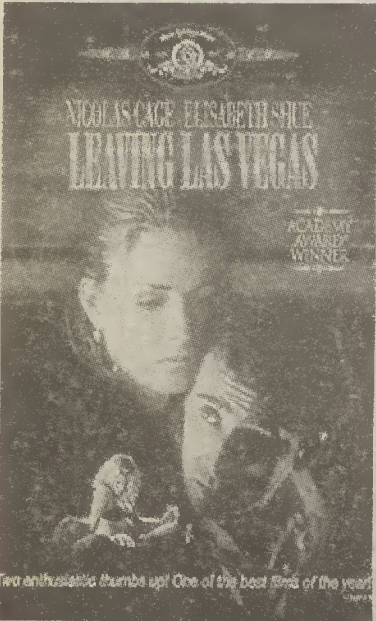
ATVer

Marilyn Monroe,
principal
intérprete de
«Niagara» e «Os
Homens Preferem
as Loiras»



Niagara (Quinta, 23.00, RTP 2)

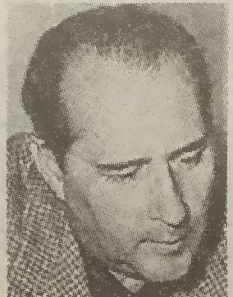
Uma mulher cuja permanente coquetterie exaspera o marido, sugere ao amante que mate este, empurrando-o para as quedas de água junto das quais viviam. Sucede precisamente o contrário: é ela que acaba por ser assassinada às mãos do amante, tentando este fugir para o lado americano das margens do Niagara. Um dos melhores papéis de Marilyn no cinema e um melodrama que agarra o espectador, desenrolando-se em meio da natureza e realizado por um dos mestres do cinema da aventura - Henry Hathaway.



Cartaz de «Morrer em Las Vegas», de Mike Figgis



Vittorio De Sica é o grande intérprete de «Il General Della Rovere», de Roberto Rossellini



Os Homens Preferem as Loiras

(Sexta, 23.15, RTP 2)

Clássico da comédia americana com uma das personagens mais inesquecíveis de Marilyn Monroe, na companhia de Jane Russell, ambas duas bailarinas-cantoras de cabaret prontas a desencadear paixões, se possível nos corações de jovens milionários... Entre as maravilhosas canções da dupla Leo Robin-Jule Styne, o destaque vai para essa pequena «obra-prima» do cinema musical - «Diamonds Are a Girl's Best Friend».

Morrer em Las Vegas

(Segunda, 22.45, RTP 1)

Um produtor cinematográfico com a vida familiar destruída, cai na dependência alcoólica e, num fortuito encontro de rua, cruza-se com a solidão desamparada de uma prostituta, ambos tentando dar um pouco de calor humano às suas almas esvaziadas. A terrível frieza dos néons e os postigos frescos lúdicos de Las Vegas ficam em plano secundário, rudemente captados pela câmara de 16 mm num filme duro e trágico realizado por Mike Figgis. Nos papéis principais Nicolas Cage e Elisabeth Shue compõem de forma extraordinária as personagens de dois seres

Cabo e Satélite

«Flauta Mágica» e McCartney

Dois géneros de música e (talvez) dois tipos de espectadores diferentes a ser contemplados no cabo e satélite esta semana. Os amantes da ópera (mas também do bom cinema) escolherão porventura «A Flauta Mágica», de Mozart, na versão filmada por Ingmar Bergman (1974), já amanhã, no Arte. Quanto aos admiradores de Paul McCartney, poderão assistir à emissão que, durante todo o dia de segunda-feira, é dedicada ao grande cantor pop pelo canal VIII. (Arte, sexta, das 22.55 às 01.05; VHI, segunda, durante todo o dia)

Pancho Villa

Se gosta de biografias, o canal História vai transmitir na segunda-feira, às 21.00, um documentário sobre a figura de Pancho Villa, revolucionário mexicano dos inícios do século XX (História, segunda, das 21 às 22 horas)

feridos, desesperados e marginais, numa tragédia do nosso tempo.

Sua Majestade, Mrs. Brown

(Terça, 02.00, RTP 1)

Deprimida pela morte do marido, a Rainha Vitória quase que desaparece das cerimónias públicas, ausente no Castelo de Windsor, até que um servo fiel do casal, John Brown, a ajuda a readquirir o gosto pela vida, não sem que esta relação assuma foros de situação escandalosa, a ponto de ameaçar uma crise da monarquia britânica. Reconstituição de época admirável, realização sensível de John Madden e duas interpretações de mão cheia de Judith Dench e Billy Connolly.

Il Generale Della Rovere

(Terça, 03.05, SIC)

«Nesta admirável incursão sobre o sacrifício e a honra, o filme revolve em torno do drama de um espião do exército nazi que se faz passar por um general da Resistência a fim de descobrir o chefe do movimento. Mas o impostor acaba por tomar consciência da sua indignidade, imolando-se para salvar a sua alma e a vida dos resistentes.» Assim resume bem a SIC o argumento deste grande clássico de Rossellini, com uma interpretação soberba de Vittorio De Sica. Inédito nas nossas televisões, um filme a gravar...

... e ainda...

Um Homem Sem Rosto, de Mel Gibson (Quinta, 00.25, SIC)

O Fim do Mundo, de João Mário Grilo (Quinta, 00.45, RTP 2)

É Sempre a Mesma Cantiga, de Alain Resnais (Sexta, 00.15, RTP 1)

Sexo e Corn Flakes, de Alan Parker (Sábado, 16.30, TVI)

Pela Borda Fora, de Penny Marshall (Sábado, 00.20, SIC)

Giovanna d'Arco al Rogo, de Robert Rossellini (Segunda, 04.30, SIC)



H
O CANAL DE HISTÓRIA



Quinta, 10

VRTP 1

07.00 Euronews
09.30 Quem Manda sou Eu
10.00 Praça da Alegria / Culinária
12.20 Concurso: Só Números
13.00 Jornal da Tarde
14.00 A Mentira
15.15 Canções da Nossa Vida
16.15 Sozinhos em Casa
16.45 Não é Homem não é Nada
17.15 Roseira Brava
19.30 Regiões
20.00 Telejornal
21.00 Concurso: Só Números
21.45 Bacalhau com Todos
22.25 Parque Maior
00.15 NBA: Jam Session
00.20 24 Horas
00.50 «Má Sorte Ter Sorte» (de George Gallo, EUA/1993, com Danny Aiello, Anthony LaPaglia. Comédia Dramática)

VRTP 2

07.30 Espaço Infantil-Juvenil (às 11.30 Os Principais; às 12.30 Euronews; 16.30 Informação Gestual)
17.30 Matas, Bosques e Brenhas
18.30 Informação Religiosa
19.00 Espaço Infantil-Juvenil
20.00 Os Simpsons
20.30 Cidade Louca
21.00 Tempos de Ciência
22.00 Jornal 2
23.00 «Niagara» (de Henry Hathaway, EUA/1953, com Marilyn Monroe, Joseph Cotten,

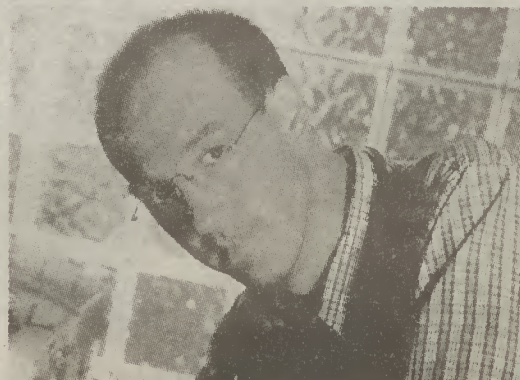
Sexta, 11

VRTP 1

07.00 Euronews
09.30 Quem Manda sou Eu
10.00 Praça da Alegria / Culinária
12.20 Concurso: Só Números
13.00 Jornal da Tarde
14.00 A Mentira
15.15 Canções da Nossa Vida
16.15 Sozinhos em Casa
16.45 Não é Homem não é Nada
17.15 Roseira Brava
19.30 Regiões
20.00 Telejornal
21.00 Concurso: Só Números
21.45 No Limite
22.15 Companhia do Riso
00.15 «É Sempre a Mesma Cantiga» (On Connait la Chanson, de Alain Resnais, Fr/1997, com Jean-Pierre Bacri, Agnès Jaoui, Pierre Arditi. Comédia Musical)
02.20 NBA: Jam Session
02.25 24 Horas
02.55 «Denise Telefona» (de Hal Salwen, EUA/1995, com Tim Daly, Caroleen Feeney. Comédia)

VRTP 2

07.30 Espaço Infantil-Juvenil (às 11.30 Os Principais; às 12.30 Euronews; 16.30 Informação Gestual)
17.30 Matas, Bosques e Brenhas
18.30 Informação Religiosa
19.00 Espaço Infantil-Juvenil
20.00 Os Simpsons
20.30 Cidade Louca
21.00 Jornal d'África
21.30 Dinheiro Vivo



«Serviço de Urgência» continua a ser uma boa opção em matéria de série

Jean Peters. Ver Destaque)
00.45 «O Fim do Mundo» (de João Mário Grilo. Port./1993, com José Viana, Adelaide João, Zita Duarte. Drama)

VSIC

08.00 Bnééré
11.00 SIC 10 Horas
13.00 Primeiro Jornal
14.00 Jornalistas
15.00 Você Decide
16.00 Rex, O Cão Polícia
17.00 Malhação
18.00 O Cravo e a Rosa
19.00 Uga Uga
20.00 Jornal da Noite
21.00 Imagens Reais
22.00 Laços de Família
23.45 Sai de Baixo
00.25 «Um Homem Sem Rosto» (The Man Without a Face, de Mel Gibson, EUA/1993, com Mel Gibson, Nick Stahl. Drama)
03.00 Último Jornal

VTVI

09.00 Animação
12.10 Concurso: Um Por Todos
13.30 TVI Jornal
14.30 O Direito de Nascer
15.45 Batatoon
19.00 Um Cãozinho Chamado Eddie
19.30 Directo XXI
20.00 Marés Vivas no Havai
21.00 Entre Marido e Mulher
21.40 Investigação TVI - nenhuma informação suplementar fornecida pela TVI em tempo útil
23.10 «Assassinos de Sangue» (de Mike Mendez, EUA, com Dave Larsen, David Gunn. Drama)
01.15 Seinfeld

22.00 Jornal 2

22.45 Aqui Europa
23.15 «Os Homens Preferem as Loiras» (Gentlemen Prefer Blondes, de Howard Hawks, EUA/1953, com Jane Russell, Marilyn Monroe, Charles Coburn. Ver Destaque)
00.50 Departamento de Homicídios

VSIC

08.00 Bnééré
11.00 SIC 10 Horas
13.00 Primeiro Jornal
14.00 Jornalistas
15.00 Você Decide
16.00 Rex, O Cão Polícia
17.00 Malhação
18.00 O Cravo e a Rosa
19.00 Uga Uga
20.00 Jornal da Noite
21.00 Futebol: Benfica-Aston Villa
23.00 Laços de Família
24.00 Sai de Baixo
00.45 «Buffy, A Caçadora de Vampiros» (de Fran Rubel Kuzui, EUA/1992, com Kristy Swanson, Donald Sutherland. Comédia / Terror)
02.45 Último Jornal

VTVI

09.00 Animação
12.10 Concurso: Um Por Todos
13.30 TVI Jornal
14.30 O Direito de Nascer
15.45 Batatoon
19.00 Um Cãozinho Chamado Eddie
19.35 Directo XXI
20.00 Marés Vivas no Havai
21.00 Ri-te, Ri-te
22.00 Reis da Música Nacional
01.20 Seinfeld
02.20 «Falsa Acusação» (de Noel Nosseck, EUA/1992, com Lisa Hartman, Christopher Meloni. Drama)

Sábado, 12

VRTP 1

07.00 Infantil/Juvenil
11.10 Jet Set
12.00 Automobilismo: G.P. Hungria
13.00 Jornal da Tarde
14.00 Top +
15.45 Destinos de Sofia
16.45 Aqui Europa
17.00 Futebol de Praia: Portugal-Espanha
19.00 20 000 Léguas Submarinas (Estreia)
20.00 Telejornal



Já amanhã, a SIC transmite o jogo Benfica-Aston Villa; mas esta semana, as seleções nacionais estarão na RTP

21.10 Santa Casa
22.45 Tourada
00.15 Automobilismo (Resumo)
00.20 NBA: Jam Session
00.25 24 Horas
00.45 «Fantasmas» (de Joe Chappelle, EUA/1997, com Peter O'Toole, Rose McGowan. Terror)

VRTP 2

07.00 Euronews
12.00 Iniciativa
14.00 Desporto
17.00 «Três Homens e um Bebê» (de Leonard Nimoy, EUA/1987, com Tom Selleck, Steve Guttenberg, Ted Danson. Comédia)
19.10 Mau Tempo no Canal (Estreia)
19.00 Tina Turner
21.00 Beatriz Costa
22.00 Jornal 2
22.45 Magazine 2001
23.15 Sim, Sr. Ministro
23.45 Valha-me Deus
00.15 Gente como Nós
00.45 Shining
01.45 «Flirt» (de Hal Hartley, EUA/Alem./Jap./1995, com Bill Sage, Parker Posey. Comédia Romântica)

VSIC

07.30 Zip Zap
12.00 O Nosso Mundo
13.00 Primeiro Jornal
14.00 Big Show Sic
18.00 O Cravo e a Rosa
19.00 Uga Uga
20.00 Jornal da Noite
21.00 Mundo VIP
22.00 O Maior Cabaret do Mundo
23.30 O Sexo e a Cidade
00.20 «Pela Borda Fora» (Overboard, de Penny Marshall, EUA/1987, com Goldie Hawn, Kurt Russell. Comédia)
03.00 Último Jornal

VTVI

09.00 Animação
10.30 O Sítio do Pedro
11.00 Top Rock
12.00 Caras Lindas
13.30 Contra-Ataque
14.15 4. A Fundo
14.30 «Operação de Resgate» (de Larry Shaw, EUA/1993, com Lindsay Wagner, Robert Loggia. Acção)
16.30 «Sexo e Corn Flakes» (The Road to Welsville, de Alan Parker, EUA/1994, com Anthony Hopkins, Bridget Fonda, Matthew Broderick. Comédia)
18.30 Lux
19.35 Directo XXI
20.00 «Vingança Adiada» (de James McBride, EUA/1997, com Peter Falk, Glenn Headly. Policial)
22.00 Jardins Proibidos
23.10 «A Caminho do Inferno» (de Larry Shaw, EUA/1998, com Megan Ward, Billy Burke. Drama)
01.10 Seinfeld
02.10 «Rebeldes Americanos» (de Danny Cannon, EUA/1994, com Harvey Keitel, Iain Glen, John Wood. Policial)

Domingo, 13

▼ RTP 1

07.00 Infantil / Juvenil
11.30 3ª. Calhau a Contar do Sol
12.00 Jornal da Tarde
13.00 Automobilismo: G.P. Hungria
14.50 Made in Portugal
16.30 Animais em Grande Plano
17.00 Futebol de Praia: Campeonato da Europa (3ª e 4ª. Lugares)
19.00 20 000 Léguas Submarinas
20.00 Telejornal
21.05 Os Imparáveis
21.40 «Lua de Mel, Lua de Fel» (de Roman Polanski, Gr.Br./Fr./1992, com Peter Coyote, Emmanuelle Seigner.

Segunda, 14

▼ RTP 1

07.00 Euronews
09.30 Quem Manda sou Eu
10.00 Praça da Alegria / Culinária
12.20 Concurso: Só Números
13.00 Jornal da Tarde
14.00 A Mentira
15.15 Canções da Nossa Vida
16.15 Sozinhos em Casa
16.45 Não é Homem não é Nada
17.15 Roseira Brava
19.30 Regiões
19.40 Ciclismo: Volta a Portugal
20.00 Telejornal
21.00 Concurso: Só Números
21.45 Serviço de Urgência

Terça, 15

▼ RTP 1

07.00 Euronews
09.30 Quem Manda sou Eu
10.00 Praça da Alegria / Culinária
12.20 Concurso: Só Números
13.00 Jornal da Tarde
14.00 A Mentira
15.15 Canções da Nossa Vida
16.15 Sozinhos em Casa
16.45 Roseira Brava
17.55 Futebol: Portugal-Marrocos (Sub-21)
20.00 Telejornal
21.25 Futebol: Portugal-Alemanha (Seleções B)
23.25 Mãos à Obra
24.00 24 Horas
00.30 Os Hughleys
02.00 «Sua Majestade Mrs. Brown» (Mrs. Brown, de John

Quarta, 16

▼ RTP 1

07.00 Euronews
09.30 Quem Manda sou Eu
10.00 Praça da Alegria / Culinária
12.20 Concurso: Só Números
13.00 Jornal da Tarde
14.00 A Mentira
15.15 Canções da Nossa Vida
16.15 Sozinhos em Casa
16.45 Não é Homem não é Nada
17.15 Roseira Brava
19.00 Futebol: Portugal-Litânia (Seleções B)
21.00 Telejornal
22.00 Só Números
22.45 Estrelas do Mar
00.15 24 Horas
00.45 «Irma Vep» (de Olivier



Louise Brooks (aqui em «A Caixa de Pandora», de G.W. Pabst) está no centro das atenções em «Artes e Letras»

Também no domingo, a RTP 2 transmite um documentário sobre Beatriz Costa

Hugh Grant. *Melodrama*
24.00 Automobilismo: Resumo
00.05 NBA: Jam Session
00.10 24 Horas
00.30 Prazeres
01.30 «Fielmente Teu» (de Paul Mazursky, EUA/1996, com Cher, Chazz Palminteri, Ryan O'Neal. *Comédia Negra*)

▼ RTP 2

07.00 Euronews
09.00 Programa Religioso
10.30 Missa
11.30 Arquivos do Entendimento
12.15 Tesouros Perdidos do Mundo Antigo
13.15 Quem Sai aos Seus
13.45 Ricos e Famosos
14.45 Documentário: Madeira
15.00 Desporto
17.00 «Two Half Dead» - nenhuma informação suplementar fornecida em tempo útil
19.00 Desporto: Atletismo - Campeonato de Portugal
20.00 Onda Curta
20.40 Artes e Letras: «Louise Brooks»
21.30 Horizontes da Memória
22.00 Jornal 2
22.45 Uma Mulher de Branco
23.45 Faenas
00.15 Teatro: «Guerras de Alecrim e Manjerona» (de António José da Silva, O Judeu. Encenação de João Mota para o Teatro da Comuna, com Maria João Luís, Elsa Galvão, Manuela Couto, Alfredo Brissos. Realização RTP: Ferrão Katzenstein)

▼ SIC

07.30 Zip Zap
12.00 BBC Vida Selvagem
13.00 Primeiro Jornal
14.00 Muita Lóca
15.30 Walker, O Ranger do Texas
17.30 «Perigo Público» (de Tony Scott, EUA/1996, com Will Smith, Gene Hackman. *Thriller*)
20.00 Jornal da Noite
21.10 Bom Baño
21.40 Residencial Tejo
22.45 Sai de Baixo
23.40 «Protocolo» (de Herbert Ross, EUA/1984, com Goldie Hawn, Chris Sarandon. *Comédia*)
01.40 Ténis: Masters Cincinnati
02.00 Último Jornal

▼ TVI

09.00 Animação
11.00 Espaço Religioso
11.10 Missa
13.00 Portugal Português: Valpaços
13.45 Caras Lindas
15.00 «O Jardim da Redenção» (de Thomas Michael Donnelly, EUA/1997, com Anthony LaPaglia, Embeth Davidiz. *Drama*)
17.00 Cocktail Nacional
19.00 Directo XXI
20.00 «A Espada da Justiça» (de Jeremy Kagan, EUA/1991, com F. Murray Abraham, Eric Roberts. *Drama*)
22.00 Jardins Proibidos
23.10 «Caça de Morte» (de Clay Boris, EUA/1998, com Layton Morrison, Sydney Penny. *Drama*)
01.10 Seinfeld

22.45 «Morrer em Las Vegas» (Leaving Las Vegas, de Mike Figgis, EUA/1995, com Nicolas Cage, Elisabeth Shue, Julia Sands. *Ver Destaque*)
00.40 24 Horas
01.10 «Dr. Fígado» (de Shoei Imamura, Jap./1998, com Akira Emoto, Kumiko Aso. *Comédia*)

▼ RTP 2

07.30 Espaço Infantil-Juvenil (às 11.30 Os Principais; às 12.30 Euronews; às 16.30 Informação Gestual)
17.30 Austrália Selvagem
18.30 Informação Religiosa
19.00 Espaço Infantil-Juvenil
20.00 Simpsons
20.30 Cidade Louca
21.00 O Lugar da História
22.00 Jornal 2
23.00 «Homem de Aço» (de Vincent Bal, Belg./1999, com Ides

▼ SIC

08.00 Buérré
11.00 SIC 10 Horas
13.00 Primeiro Jornal
14.00 «Nascido Selvagem» (de John Gray, EUA/1995, com Will Horneff, Helen Shaver. *Comédia / Aventuras*)
16.00 «Um Índio na Metrópole» (de John Pasquin, EUA/1997, com Tim Allen, Martin Short. *Comédia*)
18.00 O Cravo e a Rosa
19.00 Uga Uga
20.00 Jornal da Noite
21.00 Laços de Família
22.30 Roda dos Milhões
00.40 Sai de Baixo
01.20 Último Jornal
02.05 «O Exorcista» (de William Friedkin, EUA/1973, com Ellen Burstyn, Max Von Sydow. *Terror*)
04.30 «Giovanna d'Arco al Rogo» (de Roberto Rossellini, It./1954, com Ingrid Bergman, Tullio Carminati. *Drama*)

▼ TVI

09.00 Animação
12.10 Concurso: Um Por Todos
13.30 TVI Jornal
14.30 O Direito de Nascer
15.45 Batatoon
19.00 Um Cãozinho Chamado Eddie
19.35 Directo XXI
20.00 Marés Vivas no Havai
21.00 Olho Vivo
22.00 Jardins Proibidos
23.10 Ficheiros Secretos VII
00.10 Causa Justa
01.15 Seinfeld

Madden, Gr.Br./1997, com Judi Dench, Billi Connolly, Geoffrey Palmer. *Ver Destaque*)

▼ RTP 2

07.30 Espaço Infantil-Juvenil (às 10.00 Missa; 11.00 Os Principais; às 12.00 Euronews; às 16.30 Informação Gestual)
17.30 Matas, Bosques e Brenhas
18.30 Informação Religiosa
19.00 Espaço Infantil-Juvenil
20.00 Simpsons
20.30 Cidade Louca
21.00 O Lugar da História
22.00 Jornal 2
23.00 «Homem de Aço» (de Vincent Bal, Belg./1999, com Ides



«Austrália Selvagem» é uma excelente série da natureza na RTP 2

Meire, Charlotte de Ruyter. *Comédia Dramática*)
00.25 A Queda das Dinastias

▼ SIC

08.00 Buérré
11.00 SIC 10 Horas
13.00 Primeiro Jornal
14.00 «As Aventuras de Huckleberry Finn» - nenhuma informação suplementar fornecida em tempo útil
16.10 «Chips, O Cão de Guerra» - nenhuma informação suplementar fornecida em tempo útil
18.00 O Cravo e a Rosa
19.00 Uga Uga
20.00 Jornal da Noite
21.00 Médico de Família
22.15 Laços de Família
23.45 Sai de Baixo
00.30 «O Último Contrato» (de George Armitage, EUA/1997, com John Cusack, Minnie Driver. *Ação / Comédia*)
02.30 Último Jornal
03.05 «Il Generale della Rovere» (de Robert Rossellini, It./1959, com Vittorio de Sica, Hannes Messemer, Sandra Milo. *Ver Destaque*)

▼ TVI

09.00 Animação
11.00 Missa
12.30 Os Animais Também São Gente
13.55 «Os Deuses Devem Estar Loucos na China» (de Dickson Tso, Hong-Kong/1994, com Nixau, Kent Cheng. *Comédia*)
15.30 Marés Vivas no Havai
17.30 «Olha Quem Fala... Também» (de Amy Heckerling, EUA/1990, com John Travolta, Kirstie Alley. *Comédia*)
19.35 Directo XXI
20.00 «Regresso à Lagom Azul» (de William A. Graham, EUA/1991, com Mila Javovich, Brian Krause. *Aventuras*)
22.00 Jardins Proibidos
23.10 «Zona de Impacto» (de Rowdy Harrington, EUA/1993, com Bruce Willis, Sarah Parker. *Thriller*)
01.10 Seinfeld

Assayas, Fr./1996, com Maggie Cheung, Jean-Pierre Léaud. *Comédia*)

▼ RTP 2

07.30 Espaço Infantil-Juvenil (às 10.00 Missa; 11.00 Os Principais; às 12.00 Euronews; às 16.30 Informação Gestual)
17.30 Grandes Mistérios e Mitos do Séc. XX
18.30 Informação Religiosa
19.00 Espaço Infantil-Juvenil
20.00 Simpsons
20.30 Cidade Louca
21.00 Sinais do Tempo
22.00 Jornal 2
23.00 A Relíquia (Estreia)
24.00 «O Acampamento» (de

Jan Bucquoy, Belg./1996, com Jean-Henri Compère, Fanny Hanciaux. *Comédia*)
01.30 Nós e o Nosso Corpo

▼ SIC

08.00 Buérré
11.00 SIC 10 Horas
13.00 Primeiro Jornal
14.00 Jornalistas
15.00 Você Decide
16.00 Rex, O Cão Polícia
17.00 Malhação
18.00 O Cravo e a Rosa
19.00 Uga Uga
20.00 Jornal da Noite
21.00 Os Predadores
22.00 Laços de Família
23.30 Sai de Baixo
00.10 «O Cão Zorullo» (de Mike Jackson, EUA/1994, com Dana Carvey, Valeria Golino. *Comédia Policial*)
02.10 Último Jornal

▼ TVI

09.00 Animação
12.10 Concurso: Um Por Todos
13.30 TVI Jornal
14.30 O Direito de Nascer
15.45 Batatoon
19.00 Um Cãozinho Chamado Eddie
19.35 Directo XXI
20.00 Marés Vivas no Havai
21.00 Ri-te, Ri-te
23.00 «Crime e Castigo» (de Joseph Sargent, EUA/1998, com Patrick Dempsey, Julie Delpy, Ben Kingsley. *Drama*)
01.05 Seinfeld

Nota:
A Redacção não se responsabiliza por alterações de horários ou conteúdos da programação realizados pelos operadores de televisão após o fecho desta edição.

TVisto
Correia da Fonseca

Contra a corrente

Na pista da verdade

Se no melhor pano cai a Snóda, o contrário também acontece, e no mais poluído dos panos pode surgir uma zona de asseio e limpeza. Por exemplo: a TVI. Anda a desgraçada a tentar safar-se impingindo o pior cantiguismo nacional, apostando na mais pateta forma de televisão subamadora, investindo numa versão local do «Big Brother» que desde já ameaça desapontar as mais gulosas espécies de infraestrutura de sargeta emerge uma reportagem não apenas honesta, o que nos tempos que vão correndo já é muito bom, mas também corajosa, o que relativamente a certos temas se tornou raro. A reportagem, intitulada «Angola entre a guerra e a paz», foi de Victor Bandarra com imagens de Ricardo Ferreira. Fica como título de honra para a TVI, que não pode gabar-se de ter muitos nesta fase da sua vida, bem pelo contrário. Depois do «repúdio activo do comunismo e de todas as ideias subversivas» que domina todas as estações portuguesas de TV (e utilizo a fórmula oficial e obrigatória dos anos do fascismo porque me parece ajustar-se lindamente a esta actualidade), Angola é o assunto que mais disparos convergentes suscita de todos os *media* nacionais. Talvez mais ainda que Cuba, o que é um espanto. Contudo, entende-se: em 74/76 transferiram-se para Portugal muitos profissionais angolanos da comunicação social e seus arredores que em maior ou menor grau combatiam o MPLA e, coerentemente com isso, apoiavam a

Ora, os tais que então para cá se transferiram e os que, não sendo propriamente da comunicação social, mandam nela ou a influenciam decisivamente, constituem o chamado «lobby» da UNITA, poderoso por diversas razões, e há anos que se aplicam intensamente a lavar (quer dizer, sujar) o cérebro da opinião pública portuguesa. Durante largo tempo as coisas pareceram correr-lhes de feição: a UNITA chegou a estar prestes a entrar em Luanda e, por sinal, o alto clero angolano não deu sinais de estar preocupado com os horrores da guerra, devia estar então mais empenhado em salvar almas e outras coisas, agora é que lhe deu para a concórdia e negociação. Só que, por azar, Jonas Savimbi é um aliado que só dá ralações. Ele viola todos os acordos laboriosamente concertados, ele manda chacinar civis e raptar mulheres, ele faz torturar e assassinar até destacados apoiantes seus, ele faz discursos pregando o massacre de portugueses e outros brancos aprisionados. Não há dúvida: é um homem muito difícil. Se merecer a qualificação de homem, é claro. Na sua reportagem, e contra a corrente, Victor Bandarra seguiu a pista da verdade e, por isso, o seu trabalho foi antitóxico. Quanto ao essencial, nem precisou, como de resto nunca precisaria nem suponho que aceitasse, fazer-se eco da propaganda do MPLA como tantos outros aceitaram ser porta-vozes da UNITA. Bastou que registasse a reconhecida validade das eleições que ratificaram a presença do MPLA no poder, declaradas pela ONU como «livres e justas» em face das

informações dos seus observadores. Lembresse que, mesmo depois disso, Savimbi prosseguiu uma guerra que empurrou para a área da cidade de Luanda cinco milhões de angolanos, de onde a inevitável miséria e seus derivados. Referisse que muitas vozes, populares ou qualificadas, apontam o dedo a Savimbi como imperdoável criminoso de guerra, fazedor de reféns inocentes e cobrador



UNITA de perto ou de longe. Aliás, a própria reportagem de Victor Bandarra recordou, com imagens da altura, que já em 11 de Novembro de 75, dia da proclamação da independência angolana, muitos brancos portugueses se manifestaram em apoio da UNITA. Ora, o que era a UNITA então? Não é preciso grandes sabedorias, basta a honestidadezinha elementar para se saber quem era o grande inimigo do MPLA marxista a mando dos Estados Unidos via CIA, a cúmplice activa da PIDE/DGS. Como se sabe não estou a repetir versões de comunistas, estou a recordar factos históricos amplamente documentados. Os tais brancos portugueses do 11 de Novembro, mais os muitos que nesse dia não saíram a rua, é que não se importavam nada com isso e assim continuam.

de contribuições forçadas sob a forma de crianças para lutarem na sua guerra. Numa transigência perante o que já é lugar-comum, citou que Savimbi faz a guerra com diamantes e o governo angolano faz a guerra com o petróleo, de aparente simetria. Mas quaisquer dois dedos de miolos honestos percebem que pagar com diamantes roubados não é o mesmo que um governo pagar despesas de ordem pública com os bens do Estado. Entende-se que uma reportagem honesta transmitida por uma estação não compensa as vagas sucessivas de falsificações que tombam sobre os telespectadores, isto é, sobre os cidadãos. Mas com ela, creio que alguma coisa se salva. Talvez um pouco da imagem de uma estação. Ou apenas a honra de um jornalista, o que é muito. Ou uma oportunidade para o entendimento das coisas no espírito dos que assistiram ao programa.

A talhe de foice

• Anabela Fino

Interim

Afinal o primeiro-ministro António Guterres não perdeu muito tempo com o prometido reatamento das «relações normais» com os portugueses.

Fosse porque a tarefa o enfastiasse, fosse porque os portugueses não mostraram grande entusiasmo nesta versão política do «ó tempo volta para trás», a verdade é que Guterres, em vez de pôr um panamá e uns calções para calcorrear as areias de Portugal propagandeando as virtudes do seu consulado, foi de férias para o Brasil, deixando os eleitores a banhos e o país a arder. E nem sequer deixou em seu lugar o indefectível Jorge Coelho, que por sua vez demandou as aprazíveis praias de Cuba, aparentemente cansado de fazer de bombeiro do executivo rosa.

Pendentes para depois do interim estival ficaram as guerras surdas de S. Bento, onde cada ministro deita contas à vida na esperança de que o descalabro lhe passe ao lado. O panorama, no entanto, não podia ser mais desanimador. Como se não bastasse a incontinência verbal de Fernando Gomes, cuja inépcia política brada aos céus; a incógnita que constitui Maria de Belém, a sorridente ministra de coisa nenhuma; e o virtual ministro Castro Caldas, que não parece distinguir uma farda de sargento de uma farda de hotelaria; como se isto não bastasse, dizia-se, o resto do Governo mete água por todos os lados. Pina Moura não controla a economia nem as finanças; Capoulas Santos não controla a BSE; Manuela Arçanjo não controla o descalabro das contas da Saúde; Sócrates não controla o ambiente...

Como uma desgraça nunca vem só, o Banco de Portugal acaba de revelar no seu relatório respeitante ao primeiro semestre de 2000 que a inflação vai continuar a subir até final do ano, desmentindo de uma penada as estimativas de Pina Moura e dando razão às reivindicações dos trabalhadores que exigem aumentos salariais intercalares. Mais ainda, o Banco de Portugal alerta que o endividamento das empresas privadas já é tão preocupante como o endividamento das famílias, e afirma que os juros do crédito à habitação vão subir mais até final do ano.

Posto isto e os factos, e sendo certo que os especialistas aconselham a apertar o cinto e, sobretudo, a não cair na tentação de aumentos salariais, de todas a mais perniciosas na sua douta opinião, que resta fazer ao Governo? Livrar-se de Fernando Gomes para apaziguar os ânimos e desviar atenções dos previsíveis cortes nas despesas sociais? Não era mal pensado, não fora dar-se o caso do homem do Norte se ter despedido de vez da Câmara do Porto, o que o remete direitinho para o Parlamento. Seria o mesmo que empregar um assassino compulsivo numa espingardaria!

Talvez a nova geração de télélés anunciada por Jorge Coelho antes do Governo encerrar para férias pudesse ajudar a sair do imbróglío.

A ideia parecia promissora, sabendo-se como os portugueses se rendem a modernices destas, mas o caso complicou-se com as notícias dos malefícios dos telemóveis, já a dar que falar nos EUA, onde um médico acaba de processar uma empresa do ramo, acusando-a de responsável pelo tumor de que padece.

O caso apresenta-se bicudo. Mas não se duvide de que no seu retiro brasileiro Guterres pensa numa saída para a crise governativa. Quando regressar, restaurado o espírito e retocado o visual com os sábios conselhos dos seus gestores de imagem, Guterres, mestre de tudo e oficial de nada, tirará da cartola o discurso populista do «nós ou o caos», prometendo alvíssaras a quem lhe aprove o orçamento e lançando anátemas a quem lhe pretenda cortar as vasas. O truque é velho, mas o que conta não é o conteúdo da peça, é a encenação: acompanhada de um chorinho até é capaz de dar os seus lucros. E o artista, há que reconhecê-lo, é um bom artista.

Banco de Portugal preocupado com resultados das empresas

Aumentos salariais «excessivos»

O Banco central juntou-se aos patrões mais retrógrados, a defender que a competitividade das empresas deve ser obtida com a «contenção» dos salários.

«A moderação salarial é um elemento indispensável para a recomposição do crescimento da economia portuguesa», afirma o Banco de Portugal, no seu Boletim Económico de Junho, que foi divulgado segunda-feira. Contrariando a reconhecida necessidade de aproximação dos salários portugueses à média europeia, o Banco alerta para a possibilidade de uma «redução significativa» do crescimento económico do País já este ano, devido à falta de competitividade das exportações portuguesas, que origina o agravamento das relações económicas com o exterior.

Grande adesão no SEF

A greve convocada pelo Sindicato dos Funcionários do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (SEF) para anteontem teve uma adesão, a nível nacional, na ordem dos 98 por cento, noticiou a Lusa.

Caso o Governo não responda afirmativamente às reivindicações dos trabalhadores, que lutam por melhores condições de trabalho, atribuição do estatuto de corpo especial e integração dos contratados para responder à falta de pessoal, a próxima greve, marcada para dia 12, atingirá os postos de fronteira.

A haver greve dia 12, o sindicato adverte que será um caos nos aeroportos, designadamente no que diz respeito ao controlo na entrada de cidadãos não-comunitários.

A falta de pessoal e as más condições de trabalho reflectem-se nas filas de espera de centenas de pessoas que desejam dirigir-se às repartições do SEF em Lisboa e em outros locais do País.



Se a competitividade dependesse dos baixos salários, as empresas portuguesas há muito seriam as mais competitivas da Europa (foto de arquivo)

As previsões do Banco de Portugal, já com base no andamento verificado no primeiro semestre, não ultrapassam os 3,0 por cento, valor que fica abaixo das previsões de base utilizadas pelo Governo para a elaboração do Orçamento do Estado (3,3 por cento) e das estimativas mais

optimistas da Comissão Europeia ou da OCDE. «Não se verificará assim, em 2000, um diferencial positivo de crescimento entre a economia portuguesa e a área euro», pode ler-se no Boletim, ou seja, a economia portuguesa entra em divergência real com a zona zero.

Para comentar esta posição do Banco central e outras declarações públicas a favor da contenção salarial, bem como os anunciados cortes de despesas no OE para 2001, a CGTP dá hoje à tarde uma conferência de imprensa na sua sede, em Lisboa.



O sabor da vitória em Olival Basto

A população da vila de Olival Basto conseguiu que a Comissão Instaladora do Município de Odivelas aprovasse na terça-feira a colocação de uma paragem da Car-

ris, para as carreiras 7, 36 e 101, no denominado Largo dos Cafés, mesmo no meio da freguesia.

A decisão surge apenas uma semana depois de centenas de

moradores da freguesia terem cortado o trânsito na estrada (na foto), reivindicando a nova paragem, pela qual vêm lutando há longos anos.

Foram anos de luta da população local, com o apoio da Junta de Freguesia, e de inúmeras reuniões com a Carris, a DGT e a Comissão Instaladora. Finalmente, para satisfação da população, concluiu-se pela importância social que esta paragem de autocarros da Carris tem para os utentes que diariamente se deslocam para Lisboa e Odivelas.

Secil parou de novo

Os trabalhadores da Secil Prebetão cumpriram mais um período de três dias de greve, entre segunda e quarta-feira, depois de uma reunião entre a administração da empresa e os sindicatos se ter revelado inconclusiva.

Segundo Jorge Vicente, coordenador do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Cerâmica, Cimentos e Similares da Região Centro, a administração da Secil Pre-

betão apresentou um documento «que não merece o acordo dos sindicatos», pois apenas prevê aumentos em Janeiro e não apresenta qualquer valor concreto. «Não há uma resposta séria por parte da administração» às reivindicações dos trabalhadores, referiu o sindicalista, citado pela Agência Lusa.

O sindicato sublinha que esperar que seja a parte mais fraca a ceder «é um erro de

cálculo que só traz prejuízos para ambas as partes», uma vez que as relações de trabalho que permitam uma estabilidade social «são importantes para a gestão da empresa».

Os trabalhadores das fábricas do Montijo, Coimbra e Olhão já paralisaram diversas vezes desde Julho, reivindicando aumentos salariais de dez mil escudos.

